

Faculdade de Letras

O Museu da Água da EPAL: Rentabilização Cultural do Reservatório da Patriarcal e da Galeria do Loreto

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	O Museu da Água da EPAL: Rentabilização Cultural do Reservatório da Patriarcal e da Galeria do Loreto
Autor	Daniel Domingues Almeida
Orientador	João Paulo Avelãs Nunes
Coorientador	Mariana Castro Henriques
Júri	Presidente: Doutor José Carlos Costa dos Santos Camponez
	Vogais:
	1. Doutor António Manuel Antunes Rafael Amaro
	2. Doutor João Paulo Avelãs Nunes
Identificação do Curso	2º Ciclo em Gestão e Programação do Património Cultural
Data da defesa	28-01-2014
Classificação	18 valores



Resumo

Polinucleado, o Museu da Água da EPAL representa hoje um testemunho de como os nossos antepassados, ao longo de vários séculos, se debateram na procura eterna de água potável. Sob a forma de património cultural edificado, o notável legado existente tem uma forte presença na cidade de Lisboa embora uma quarta parte esteja praticamente escondida.

Neste presente trabalho propõe-se o conhecimento da história do abastecimento de água a Lisboa, o diverso e vasto património preservado, o papel do Museu quanto à educação pelo património e as características de cada núcleo, o estado dos Acervos Histórico e Museológico, a gestão e a política cultural pelas empresas gestoras do abastecimento, e o posicionamento do Museu e do Arquivo Histórico na empresa. Numa abordagem mais específica, é apresentada uma proposta de renovação e gestão transversal a todo o Museu com uma incidência particular para um núcleo e uma galeria subterrânea: o Reservatório da Patriarcal e a Galeria do Loreto.

Palavras-chave: núcleos, património cultural, gestão, rentabilização, Patriarcal, Loreto, Lisboa.

Abstract

With four facilities, EPAL Water Museum represents today a testimony of our ancestors, over several centuries, struggled in eternal search of drinking water. In the form of built cultural heritage, the outstanding existing legacy has a strong presence in the city of Lisbon although a fourth part is practically hidden.

In this present work, we propose the knowledge of the history of the water supply to Lisbon, the diverse and vast preserved heritage, the Museum role in education through heritage and the characteristics of each facility, the state of Historical collections, management and cultural policy by managing supply companies, and the positioning of the Museum and Historical Archive in company. In a more specific approach, we present proposes for a renewal management across the Museum with a particular incidence to a facility and a subterranean gallery: the Patriarchal Reservoir and the Loreto Gallery.

Keywords: facilities, cultural heritage, management, profitability, Patriarchal, Loreto, Lisbon.

Índice

Agradecimentos	3
Introdução.....	4
Capítulo I - História e património cultural da EPAL.....	7
1. O prodigioso projecto do século XVIII	8
2. O abastecimento de água a Lisboa: desde a 1ª Companhia até à EPAL.....	10
3. Um vasto e valioso património cultural.....	13
Património imóvel	13
Património móvel	16
Capítulo II - Museu e Acervos da EPAL	19
1. O Museu: educação e cultura pelo património.....	20
Os núcleos do Museu.....	24
2. Os Acervos	27
Intervenção no Arquivo Histórico	27
O Acervo Museológico	29
Capítulo III - Património e cultura organizacional na EPAL.....	32
1. Gestão e política cultural	33
2. O posicionamento do Museu e do Arquivo Histórico na esfera da empresa	38
Capítulo IV - Propostas de intervenção na gestão e programação do Museu da Água da EPAL.....	44
1. O Gestor do Património Cultural.....	45
2. As propostas	48
Comunicar o Museu.....	54
Capítulo V - Projecto Mary-Loreto: gestão e programação do Reservatório da Patriarcal e da Galeria do Loreto.....	56
1. O Reservatório da Patriarcal: uma herança atribulada.....	57
2. Rentabilizar os espaços: um projecto cultural.....	60
Comunicar os subterrâneos à superfície	65

Conclusão	67
Anexos	69
Documentação	122
Bibliografia.....	124
Infografias	126
Índice de anexos	130

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador João Paulo Avelãs Nunes, à minha coorientadora Mariana Castro Henriques, à equipa do Museu da Água da EPAL, ao Arquivo Histórico da EPAL e à minha família pelo eterno incentivo.

Introdução

O presente relatório apresenta-se como resultado de um estágio curricular iniciado em Abril de 2013 e concluído em Julho do mesmo ano. A Empresa Portuguesa das Águas Livres, S.A. (EPAL) detentora de um museu de empresa, o Museu da Água da EPAL, tem sob sua responsabilidade um património cultural vernacular, industrial e histórico. Quatro espaços diferentes espalhados pela cidade de Lisboa constituem o Museu. Edificados em épocas distintas, cada um representa uma parte substancial de um complexo sistema de abastecimento de água à cidade de Lisboa, e encontram-se interligados num mesmo propósito.

A EPAL foi a empresa escolhida por tutelar um Museu cujo património está associado ao serviço da distribuição de um bem primordial à sobrevivência humana: a água. As estruturas existentes evidenciam uma prova objectiva na satisfação das necessidades pela qual os habitantes de Lisboa se debatiam há vários séculos. Esse testemunho sob a forma edificada e documental permite retratar a história dos vários empreendimentos fazendo alusão à contínua necessidade em agir de forma melhorada.

Realizado no âmbito da atribuição do grau de Mestre em Gestão e Programação do Património Cultural, o relatório aqui apresentado tem como objecto de estudo a gestão do património cultural nas suas variadas vertentes – salvaguarda, preservação, rentabilização e divulgação – aliada à cultura organizacional da empresa. A política cultural numa empresa como a EPAL é tanto ou mais sensível de acordo com a dimensão e importância do património à sua responsabilidade. Essa política permite tirar ilações na relação da empresa com a importância que confere ao seu legado, quais as valências que podem advir dessa posição e denotar quais as oportunidades e fragilidades nas práticas de gestão do património.

A investigação debruçou-se em dois momentos. Num primeiro, com uma incidência teórica aprofundada, na recolha de informação bibliográfica, documental, técnica e fotográfica desde a 1ª Companhia das Águas até à actual EPAL. Num segundo momento, de cariz prático, no desempenho de trabalho de campo com a descoberta *in situ* do seu vasto e valioso património: das nascentes em Sintra, passando pela cidade de Lisboa, pelo próprio Museu da Água e Arquivo Histórico da EPAL e interacção com os demais públicos. A experiência de estágio revelou-se interessante quanto ao relacionamento com o património e à noção de consciência do papel do Museu e sua especificidade como agente cultural. A exposição e comunicação do património cultural

pela acção do Museu veio afirmar que não é meramente um espaço estático que apenas se dedique a receber visitantes e a encaminhá-los pelo património, mas é antes um lugar que vive de uma dinâmica invulgar por causa do tipo e localização do património a seu cargo. A consciencialização daí radicada indica de que existe um trabalho de reorganização e de potenciação cultural a realizar para que toda a conjuntura orgânica funcione num processo integrado e coeso de modo a que os espaços museológicos se tornem por um lado mais visíveis e apetecíveis no seu percurso, e por outro lado devidamente reconhecidos (re) colocando-os num lugar de maior destaque.

A completa integração na equipa de colaboradores do Museu traduziu-se numa experiência de proximidade nos processos educativos e consequentemente transmissão de valores patrimoniais, e ambientais aos variados públicos, bem como na aquisição, em contexto real de conhecimentos na gestão dos núcleos museológicos. A curta duração do estágio permitiu reter apenas uma parcial percepção do processo de gestão e funcionamento do Museu, a qual foi bastante elucidativa no que respeita à forma de como se desenvolve o relacionamento no seu núcleo interno. A partir daí, foi possível fazer uma análise aos efeitos externos exercidos.

O relatório tem por objectivo demonstrar a aplicabilidade verosímil de uma proposta de gestão e programação do Museu da Água da EPAL, com a particular incidência num dos seus espaços museológicos, o Reservatório da Patriarcal e a Galeria do Loreto, respectivamente. Este núcleo, com uma galeria subterrânea indirectamente associada, foi escolhido tanto por receber o menor número de visitantes, como por ter condições excepcionais de rentabilização à luz da gestão e programação dos espaços culturais em questão, e podendo tornar-se num destino mais apetecível para quem procura a cidade de Lisboa, numa busca de espaços culturais e patrimoniais repletos de história e misticismo.

A demonstração teórica é fundamentada pelo testemunho pessoal resultante do estágio, pesquisas por via electrónica, por documentação e bibliografia técnica e científica na área da museologia, museografia, gestão, cultura organizacional, património e programação cultural. Um projecto experimental de cinco dias foi implementado na perspectiva de melhor compreender o funcionamento, a gestão e a divulgação que caracteriza o núcleo da Patriarcal quanto espaço museológico subterrâneo na atracção de visitantes.

No que concerne à organização do relatório, este encontra-se dividido em cinco capítulos. O primeiro refere-se à história como produtora de património cultural sob a alçada da actual empresa. No segundo capítulo, demonstra-se o papel do Museu e dos Acervos Histórico e Museológico como espaços de dinamização e guardadores do património de interesse histórico-cultural. Um terceiro define as primeiras políticas de salvaguarda de património pela antecessora Companhia das Águas de Lisboa, e qual a relação entre cultura organizacional e determinação de salvaguarda do património pela actual empresa. Uma quarta parte apresenta o papel do Gestor do Património Cultural e propõe alguns indícios para uma nova gestão e programação do património cultural transversal a todo o Museu. Finalmente, o derradeiro capítulo visa na especificidade a rentabilização cultural do Reservatório da Patriarcal incluindo a Galeria do Loreto com a introdução de um projecto cultural que visa a potenciação da gestão e a programação dos espaços.

Capítulo I - História e património cultural da EPAL

«*Il y a peu de villes pour lesquelles on est fait d'aussi grandes dépenses qu'à Lisbonne en vue d'obtenir des eaux abondantes* ». Louis-Charles Mary, 1856.

O conhecimento da história de uma cidade pode ser em parte adquirido pelo estudo do abastecimento de água dessa mesma cidade. O grande projecto de trazer as águas fora de Lisboa da primeira metade do século XVIII, o controlo empresarial, dirigido pelo Estado, no abastecimento de água na segunda metade do século seguinte até à actualidade, deu origem a um património que pode ser comparado a um livro aberto que devidamente estudado permite entender a razão dos sucessivos empreendimentos.

É do conhecimento universal que não existe qualquer agregado populacional que subsiste sem água potável. Desde os primórdios da Humanidade, o ser humano teve uma permanente necessidade de procurar água reconhecendo sempre de ela depender para sobreviver. Dominada a técnica e a ciência, já não interessava às populações deslocarem-se às nascentes, interessava sim inverter o caminho, trazendo a água às populações.

Este capítulo ilustra o trabalho de investigação na recolha de informações e dados sobre as dificuldades da cidade de Lisboa em abastecer-se de água, o papel das primeiras companhias de água até à actual EPAL, e o legado, sob a forma diversificada de património cultural preservado até hoje.

1. O prodigioso projecto do século XVIII

Já desde os Romanos no século III d. C., a cidade de Lisboa foi sedenta em água. Alguns autores¹ defendem que os Romanos conseguiram trazer a água da zona de Belas até Lisboa por meio de um aqueduto (Pouco resta dessa construção, no entanto subsistem vestígios da antiga barragem junto à estrada Belas-Caneças no Km 16,423 da EN 250, ver anexo 1). Por ano chovia muito pouco, cerca de mês e meio e a água do Tejo era imprópria para consumo devido à sua salinidade. A população vivia na parte oriental da cidade, na colina do Castelo de São Jorge, por ser um local com água e por ser constituído de argila, logo impermeável e ideal para a retenção das águas da chuva. Com o passar dos séculos, passando pelo período da ocupação muçulmana à conquista da cidade de Lisboa por D. Afonso Henriques em 1147, a população lisboeta recorria à existência de poços e cisternas para as suas necessidades diárias de água. A partir do século XVI, a população cresceu consideravelmente e deslocou-se para o lado ocidental da cidade.

Os hábitos de higiene com influência do Renascimento e a expansão portuguesa acentuaram a crónica falta de água. A rede de chafarizes mais conhecidos – Chafariz d’El Rei, Chafariz de Dentro ou dos Cavalos, Chafariz da Praia, Chafariz dos Paus, Chafariz dos Santos e outros – eram insuficientes para acudir a tanta necessidade, sobretudo nos meses mais quentes. As tentativas dos reis D. Manuel I e D. Sebastião foram em vão apesar deste último querer reconstruir o aqueduto romano com o financiamento dos impostos pagos pelos mercadores e pessoas importantes da cidade. Durante a ocupação filipina, o mesmo propósito veio carregar o povo com mais impostos sobre os bens de consumo como por exemplo: carne, leite, sal e palha. No entanto o dinheiro angariado foi gasto em festas aquando da vinda do rei D. Filipe III de Espanha a Lisboa. Foi inevitável esperar pelo século das luzes para trazer as Águas Livres de que tanto Lisboa carecia para se libertar da sua secura quase permanente.

Um grandioso projecto no século XVIII veio transformar Lisboa para sempre e espantar a Europa pela sua genialidade, deixando aos nossos olhos um património de uma envergadura única e exemplar assinado pelo pensamento e brilhantismo dos

¹ BRUNO, Bárbara; INÁCIO, Pedro. *Galerias Subterrâneas e Chafarizes Monumentais de Lisboa abastecidos pelo Aqueduto das Águas Livres*. [S.l.] EPAL, 2012.

responsáveis da época. Foi pela iniciativa de Cláudio Gorgel do Amaral, Procurador da cidade ocidental, e pela mão impulsionadora do magnânimo rei D. João V que se pôde melhorar e aumentar o consumo da população lisboeta ao bem vital. A estabilidade política e financeira da época contribuiu para o sucesso do empreendimento embora este tivesse opositores acérrimos, dentro e fora dele, quanto à sua forma de construção. Projectado pelo engenheiro Manuel da Maia, o Aqueduto das Águas Livres (AAL) foi uma das maiores obras de engenharia hidráulica da época. Transportava cerca de 1300 m³ de água por dia até ao Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras (reservatório final do AAL). A partir daí, a água seguia por várias galerias subterrâneas até aos chafarizes espalhados pela cidade onde aguadeiros² e a população empobrecida se abasteciam. As pessoas mais abastadas economicamente não precisavam de se deslocar aos chafarizes dado que compravam a água aos aguadeiros.

Das nascentes, no Vale de Carenque, até ao Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras³ em Lisboa, contando com os ramais subsidiários e galerias subterrâneas, este complexo e engenhoso sistema de abastecimento de água exhibe uma extensão total de 58 km. Na segunda metade do século XIX, o sistema precisou de ser optimizado porque a população aumentava e a falta de água nunca teria sido totalmente resolvida. Com a revolução industrial, chegaram as máquinas a vapor para elevar as águas, sendo novos reservatórios e aquedutos subsidiários construídos para engrossar os caudais, respondendo assim às necessidades reais da população lisboeta.

² Responsáveis pelo transporte e venda de água à casa dos Lisboaetas.

³ Idem.

2. O abastecimento de água a Lisboa: desde a 1ª Companhia até à EPAL

O abastecimento de água à cidade de Lisboa pela Companhia da Empresa das Águas de Lisboa (1ª Companhia), vencedora de um concurso público em 1855, começou em 1858 com a celebração de um contrato. Em 1856, a Companhia contratou os serviços do engenheiro francês Louis-Charles Mary de Paris, considerado o mais reputado especialista europeu no tema do abastecimento de água às cidades⁴, para elaborar o “projecto de uma nova distribuição das agoas na Cidade de Lisboa”⁵. Este projecto previa aumentar a capacidade de água do Aqueduto das Águas Livres (AAL) através da construção do Aqueduto da Mata com aproveitamento de várias nascentes, a conclusão do Aqueduto das Francesas e a construção de cinco novos reservatórios em Lisboa, localizados em três zonas distintas da cidade, alta, média e baixa. Um destes reservatórios do qual se dará destaque mais adiante é o Reservatório da Patriarcal, localizado no subsolo do Jardim do Príncipe Real.

Outra novidade de Mary foi o projecto de abastecimento domiciliar a todos os bairros da cidade. Contudo, os esforços da Companhia em engrossar os caudais de água à cidade de Lisboa nos prazos estipulados não se concretizaram e o Governo vê-se forçado a rescindir unilateralmente o contrato, o que pôs fim à Companhia em 1864. Durante os quatro anos seguintes o Governo administrou a empreitada do abastecimento de água e projectou a captação de água nas nascentes do rio Alviela.

Em 1868, é constituída uma nova Companhia que fica com a concessão sobre o abastecimento de água à cidade de Lisboa. A CAL - Companhia das Águas de Lisboa, concretiza o projecto do Alviela, sob direcção dos Engenheiros Pires de Sousa Gomes e Paiva Couceiro, fazendo chegar a Lisboa as águas com origem nas nascentes do rio Alviela (Olhos de Água) por um aqueduto de 114 quilómetros de comprimento. A empresa constrói reservatórios e estações elevatórias para elevar as águas vindas do Alviela e para aquelas que se perdiam na colina do Castelo de São Jorge em direcção ao Tejo. No ano de 1933, pela mão do Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Duarte Pacheco, a CAL vê renovada a concessão e aposta em trazer a água do Tejo.

⁴ RAMOS, Paulo Oliveira - *O Projecto de Louis-Charles Mary para distribuição de água na cidade de Lisboa, 1856*. 1ª ed. Lisboa, EPAL: 2011.

⁵ Idem

Logo após a Revolução de Abril, a CAL é convertida na EPAL – Empresa Pública das Águas de Lisboa pelo decreto nº 553 - A/74. Este decreto estabelece-se em Outubro de 1974, data da cessação do contrato de concessão entre a CAL e o Estado. A empresa é convertida numa empresa pública, gerida livremente mas com tutela do Governo, transitando para a mesma os bens, direitos, obrigações e trabalhadores. Em 1987, dá-se a exploração do subsistema Castelo de Bode, o qual se tornou a principal fonte de captação da empresa. Em 1981, o decreto-lei nº 190/81 promulga os estatutos da EPAL e altera a sua designação para Empresa Pública das Águas Livres. O ano de 1991 traz novamente uma mudança de nome à empresa. O decreto-lei nº 230/91 transforma a EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres, S.A., numa sociedade anónima de capitais integralmente públicos conferindo-lhe assim uma maior flexibilidade de gestão na materialização do seu desenvolvimento estratégico e execução da sua missão. Em 1993, a EPAL integra-se no recém-criado Grupo AdP – Águas de Portugal SGPS, S.A..

Da criação da primeira Companhia à actual EPAL, S.A., subsistiram periodicamente importantes carências de água que afectavam a sua normal distribuição aos consumidores. Contudo dois factores revelam-se basilares para essa “resolução do problema do abastecimento de água à região de Lisboa [...] o contrato celebrado entre o Estado e a CAL em 1932; e a conclusão da construção do subsistema de Castelo de Bode, em 1987, passando a capital a ser abastecida com água da sua Barragem”⁶.

A EPAL reconhece a sua génese na Companhia das Águas de Lisboa (1868) e não na primeira Companhia (1858). Em 2008, a empresa festejou os seus 140 anos de existência no Reservatório da Mãe d’ Água das Amoreiras com espetáculo aquático, projecção do filme “Vidas EPAL” e concerto do *St. Dominic’s Choir*. A comemoração teve direito a uma edição especial no Jornal Águas Livres e ao lançamento do livro, *140 anos 140 imagens*⁷, oferecido a todos os trabalhadores da empresa.

A EPAL assume-se como uma empresa de referência no sector da água em Portugal que se orienta pelas melhores práticas internacionais. Com esta visão, a EPAL dirige a sua “actividade para a captação, produção, transporte e distribuição de água

⁶ CARVALHO, Rita Almeida de – Da Companhia das Águas de Lisboa à EPAL: o abastecimento de água à cidade de Lisboa. *Águas Livres*. (Abril de 2008) 3.

⁷ O livro contém fotografias do acervo fotográfico referente a várias áreas de actividade da empresa: obras importantes, cerimónias oficiais, retratos de funcionários e dirigentes, instalações e equipamentos e as actividades sociais e de recreio dos seus funcionários.

para consumo humano”⁸. Na execução da sua Missão⁹, 3 milhões de pessoas são actualmente abastecidas de água com qualidade, englobando 35 Concelhos da margem norte do rio Tejo correspondendo assim a uma área total de abastecimento de 7090 Km². Cerca de 350 mil clientes do Município de Lisboa têm um contrato directo com a empresa. No sector do abastecimento de água, a EPAL é a maior empresa nacional e a maior do Grupo AdP. Emprega 700 trabalhadores e tem um volume de negócios na ordem dos 144,2 milhões de euros¹⁰.

⁸ Relatório e Contas, EPAL, SA. 2012. P. 61 [Consult. 4 set. 2013]. Disponível em: <http://www.epal.pt/epal/Downloads/ImgPdf.aspx?src=RelatorioContaspub&area=283&sub=5611&menu=5611>

⁹ “A EPAL, SA tem hoje por missão a prestação de serviços de água e a gestão sustentável do ciclo urbano da água, ao longo da sua sequência de actividades e negócios.” [consult. 13 set. 2013]. Disponível em <http://www.epal.pt/epal/Modelo1.aspx?src=Missao&area=276&menu=279>

¹⁰ Relatório e Contas, EPAL, SA. 2012.

3. Um vasto e valioso património cultural

Os vestígios resultantes da chegada da água a Lisboa ou o reaproveitamento das águas traduzem-se pela marca visível de monumentos, objectos, documentos e informações que conseguiram sobreviver até aos nossos dias, ou pelo menos, até à consciencialização da necessidade de salvaguardar essas memórias que produzem sentido na história, e que são necessárias para mais tarde continuar a entender a razão de tais empreendimentos. Outros não tiveram a mesma sorte¹¹. Os vestígios sobreviventes podem apelar-se de património cultural devido ao significado, contexto e importância que se lhes atribuem. O legado existente à responsabilidade da EPAL é de um vasto e riquíssimo valor patrimonial e divide-se em património imóvel e património móvel.

Património imóvel

O património imóvel edificado constitui-se por dois monumentos nacionais: Aqueduto das Águas Livres e Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras; e por dois edifícios de grande riqueza patrimonial: Reservatório da Patriarcal e Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos. Estes espaços têm todos algo em comum: encontram-se ligados à história do abastecimento de água à cidade de Lisboa. Referido anteriormente, o AAL (anexo 2) é o mais antigo (1732-1799). O Alvará Régio de D. João V de 12 de Maio de 1731 ordena a sua construção com o propósito de fazer chegar a Lisboa a Água Livre da zona de Belas sem qualquer impedimento no percurso.

Das nascentes até ao Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras, o Aqueduto Geral tem 14 100 metros de comprimento. De estilo barroco, a arcada sobre o vale de Alcântara¹² é a que mais impressiona, constituída por 35 arcos (14 em ogiva e os restantes em volta perfeita) tem dois passeios pedonais com 941 metros de comprimento, faz a ligação do Parque Florestal de Monsanto a Campolide (anexo 3). O maior arco mede 65 metros de altura e 29 metros de largura. Para além das suas características arquitectónicas, o Aqueduto destaca-se por ter uma forte memória social relacionada com os homicídios perpetrados por Diogo Alves entre 1836 e 1839.

¹¹ A Estação Elevatória da Praia, o chafariz do Loreto, o chafariz das Amoreiras, o chafariz de São Pedro de Alcântara, o chafariz da rua do Tesouro Velho foram desmantelados e não preservados.

¹² Arcada concluída a 24 de agosto de 1744.

Considerado o *ex-libris* de Lisboa, é o monumento que aparenta ter mais sucesso na sua procura embora não seja o mais visitado. Destaca-se a sua robustez e inteligência na construção dado que não foi destruído pelo terramoto de 1755, tendo apenas caído duas claraboias. Em 1967, deixou de abastecer Lisboa por se encontrar obsoleto.

O Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras (anexo 4), situado na Praça das Amoreiras, foi projectado por Carlos Mardel, arquitecto húngaro, em 1746 e concluído em 1834. De espírito barroco, o Reservatório tinha como função receber e distribuir as águas por galerias subterrâneas provenientes do Aqueduto. No interior, a água do Aqueduto sai pela boca de um golfinho caindo num tanque de 7,5 metros de fundo e com capacidade de 5500 m³. Quatro colunas com 15 metros de altura assentes sobre abóbodas sustentam um terraço. No exterior, colado ao Reservatório, encontra-se a Casa do Registo da qual saíam duas galerias subterrâneas: a Galeria do Loreto e a Galeria da Esperança, para alimentarem os vários chafarizes da cidade. Outra galeria saía directamente do tanque para abastecer nas proximidades o chafariz do Rato.

O Reservatório da Patriarcal (anexo 5) foi projectado pelo engenheiro francês Louis-Charles Mary em 1856, aquando da fundação da primeira Companhia das Águas de Lisboa. Foi construído entre 1860 e 1864 para abastecer a zona baixa da cidade. Situado no subsolo do Jardim do Príncipe Real, debaixo do lago com repuxo, o Reservatório apresenta uma forma octogonal, tem 31 pilares com 9,25 metros de altura onde assentam os arcos em cantaria que suportam as abóbodas. A água não excedia os 2,5 metros de profundidade. O tanque recebia água do Reservatório do Arco localizado numa cota superior. Do Reservatório da Patriarcal partem 2 galerias, uma até à rua da Alegria e outra para levar a água à zona ocidental da cidade. Uma terceira, Galeria da Patriarcal, faz ligação com a Galeria do Loreto (anexo 6) proveniente da Mãe d'Água, mas nunca recebeu água deste reservatório. Construída em 1747, a Galeria do Loreto tem uma extensão de 2835 metros. Alimentou vários estabelecimentos públicos¹³ e chafarizes¹⁴. Tecnicamente, o Reservatório da Patriarcal servia mais como regulador de pressão entre o reservatório do Arco e a canalização da zona baixa, e menos como depósito de água. Foi desativado em 1949. Com o apoio do Programa da 7ª Colina e da Sociedade Lisboa 94, o Museu da Água da EPAL procedeu a uma reestruturação do

¹³Imprensa Nacional, Passeio Público, recolhimento de São Pedro de Alcântara e Quartel da Guarda Municipal do Carmo.

¹⁴ Monte Olivete, Praça da Alegria ou da Cotovia de baixo, São Pedro de Alcântara, do Loreto, do Século ou Formosa, do Carmo, São Paulo e Tesouro Velho.

espaço para o integrar no Museu. Esse projecto, com autoria do Arq. Varandas Monteiro, foi agraciado com o Prémio Municipal de Arquitectura “Eugénio dos Santos” em 1995.

A Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos¹⁵ localiza-se num edifício envelope (anexo 7) na antiga cerca do Convento dos Barbadinhos italianos, na antiga Freguesia de Santa Engrácia (actual Freguesia de São Vicente), perto da Estação de Comboios de Santa Apolónia. O monumento foi inaugurado a 3 de Outubro de 1880 com o propósito de incrementar a quantidade de água provida à cidade de Lisboa. Importadas de Rouen em França, quatro máquinas a vapor da empresa E. W. Windsor funcionaram ininterruptamente até 1928. A função desta Estação era de elevar as águas procedentes do rio Alviela para o Reservatório da Verónica e para a Cisterna do Monte. Na sala das caldeiras, a queima do carvão convertia a água em vapor, o que por sua vez sob pressão fazia movimentar as máquinas.

Outro tipo de património edificado são os chafarizes monumentais pertencentes ao sistema Aqueduto das Águas Livres. Embora não sejam da responsabilidade formal da EPAL, importa referir este conjunto de chafarizes distribuídos nos mais diversos pontos da cidade. O chafariz da Mãe d’Água¹⁶ à Praça da Alegria destaca-se por ser o único do conjunto monumental que é propriedade da empresa. Os chafarizes marcam um ponto final no traçado do sistema de abastecimento do AAL como local de recolha de água pelos aguadeiros e habitantes. A água jorrava ininterruptamente dos chafarizes ao ponto de se verificarem grandes desperdícios que, conseqüentemente, originavam, momentos de escândalo dado o desperdício ocorrer numa cidade que vivia à míngua de água. Um conjunto de aquedutos ou galerias conhecidos por Campo Santana, Necessidades, Esperança, Loreto e Rato, com extensão total de 11 802 metros, permitia a ligação entre o Aqueduto Geral e os chafarizes. Actualmente, subsistem cerca de 21 chafarizes monumentais dentro da cidade (anexo 8). Alguns foram demolidos ou deslocalizados: chafariz do Loreto, chafariz da Praça da Alegria e chafariz do Monte Olivete, por exemplo.

¹⁵ Classificado como Conjunto de Interesse Público em 2010. [Consult. 6 set. 2013]. Portaria n.º 1176/2010, DR, 2.ª série, n.º 248 de 14 dezembro 2010.

¹⁶ Conhecido também como chafariz da Praça da Alegria, chafariz da Cotovia de Baixo, e ultimamente por chafariz do Vinho por ser uma enoteca.

Fora de Lisboa, na zona de Belas encontram-se as nascentes Mãe d'Água Nova e Velha¹⁷ (anexo 9) que representam um património imóvel notável. A água que nasce nesses locais é a fonte de todo o património monumental, documental e imaterial produzido desde meados do século XVIII. A água permitiu suprir necessidades e desenvolver todos os componentes afectos ao funcionamento e desenvolvimento da cidade de Lisboa, daí poder afirmar que a água é também um património, no entanto limitado e indispensável.

Património móvel

O património móvel é bastante diversificado e está relacionado com a actividade principal da empresa. Existe um espólio documental e um acervo de objectos. A documentação distribui-se em três categorias: administrativa e técnica, fotográfica e bibliográfica. Por um lado, a documentação administrativa abrange vários temas referentes a património edificado da EPAL, gestão de recursos humanos, contratos, gestão do património, gestão jurídica, eventos, obras, actos de direcção, contabilidade e tesouraria, relações institucionais, banca, finanças e investimento, correspondência, obras, entre outros. Por outro lado, os documentos técnicos são desenhos que representam mapas e plantas da cidade, o traçado das linhas de água, a localização e projectos dos chafarizes e dos reservatórios, gráficos e afins.

A documentação fotográfica divide-se em dois momentos: num primeiro as fotografias tiradas durante o período de vigência da CAL (1868-1974), e, num segundo, as fotografias desde a criação da primeira EPAL – Empresa Pública das Águas de Lisboa (1974) até à actual EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres, S.A..

O fundo fotográfico da CAL retrata, sob a forma de provas em albumina e em papel baritado, negativos de vidro a preto e branco, rolos, e os três aspectos das principais funções da empresa: captação, adução e distribuição de água. A inauguração da Central Elevatória dos Barbadinhos, construções de canais, poços e reservatórios,

¹⁷ Classificados como Monumento Nacional pertencente ao conjunto do sistema Aqueduto das Águas Livres pelo Decreto n.º 5/2002, de 19 de fevereiro.

centrais, estações de tratamento, condutas, casas de cantoneiros, condecorações de pessoal, visitas a instalações, imagens de localidades, edifícios, entre outros¹⁸.

O fundo fotográfico da EPAL, sob a forma de negativos em vidro de gelatina e prata, negativos a cores, diapositivos e provas cromogéneas, documenta o crescimento da empresa em termos técnicos tal como as infraestruturas construídas para o abastecimento de água à região de Lisboa, inaugurações de exposições no Museu da Água, despedidas de funcionários, visitas de entidades oficiais, etc.. Também, imagens de ordem artística sobre a temática da água, concursos de fotografia, maratonas fotográficas e imagens doadas fazem parte do fundo¹⁹. A partir de 2002, O CD e o DVD passaram a armazenar os registos fotográficos²⁰. Na imaterialidade patrimonial, destacam-se 30 filmes em película e 100 entrevistas realizadas a antigos e actuais funcionários.

A documentação bibliográfica é constituída por 210 periódicos e 3100 monografias. As publicações periódicas contêm publicações sobre a história do percurso da EPAL, como por exemplo regulamentos, estatutos, relatórios da direcção, contratos processos judiciais. A história do Estado Novo e a história sobre o abastecimento de água à cidade de Lisboa também fazem parte da colecção²¹.

As monografias depreendem-se com disciplinas técnicas, em língua portuguesa e língua estrangeira. As disciplinas, com as várias áreas associadas à actividade da empresa, são de uma variedade plural: Química, Física, Arqueologia, Hidrologia, Hidrogeologia, Engenharia Civil, Hidráulica e sanitária²².

Material em VHS/DVD (185) e cassetes áudio (216) constituem também o património bibliográfico. Os conteúdos dizem respeito à recolha, sob a forma de *clipping*, de informação com o formato de notícia na comunicação social e nas entrevistas feitas no Jornal da empresa, “Águas Livres”. Os temas são heterogéneos: perturbações na rede de abastecimento de água, eventos comemorativos, divulgação de

¹⁸ Retirado dos resultados apresentados no portal de pesquisa do AHEPAL. A pesquisa é baseada pelas palavras “documentação fotográfica”. [Consult. 12 set. 2013] Disponível em: <http://www.epal.pt/ahopal.html>

¹⁹ Idem

²⁰ PAVÃO, Luís; RAMOS, Paulo Oliveira – *140 anos 140 imagens*. 1ªed. [S.I.]: EPAL S.A. 2008.

²¹ CARDOSO, André; SABINO, João. Balanço do projecto, Arquivo e Biblioteca Históricas da EPAL. *Águas Livres*. Lisboa (Outubro 2008) 11.

²² Idem

actividades culturais no Museu da Água, entrevistas a colaboradores da empresa, inaugurações e protocolos entre a EPAL e outras instituições²³.

Os objectos de interesse museológico dizem respeito à actividade da empresa nos mais variados campos da sua actuação como por exemplo nas obras, nas oficinas e nos laboratórios. Como por exemplo, podemos encontrar contadores de água, equipamentos de topografia, ferramentas e utensílios, instrumentos de medição, maquinaria, tubagem e canalização, torneiras, válvulas, maquetes, uniformes, bombas de elevação, pipetas e tubos de ensaio. Como elementos decorativos, subsistem obras artísticas sob a forma de escultura de gesso, painéis de azulejos, azulejos e pintura.

De uma empresa edificada pela história da sua actividade, os diferentes tipos de património cultural existente e preservado representam um aglomerado e consistente repositório de memórias.

²³ Idem

Capítulo II - Museu e Acervos da EPAL

«*La culture, le patrimoine et les musées en particulier stimulent la croissance économique et sociale ainsi que l'innovation et la cohésion communautaire* ». Declaração de Lisboa, Abril de 2013.

O Museu pode ser encarado como um valioso depósito de história e de cultura com um papel de agente dinâmico ao dispor da sociedade. A cooperação que exerce com as escolas, através do serviço educativo, na educação de valores para uma cidadania consciente e activa permite dar vida ao passado na salvaguarda e divulgação do seu património cultural. A inteligente recriação histórica dos factos num circuito aberto sendo o museu o ponto de partida na transmissão de conhecimento histórico alarga-se para um espaço de maior amplitude. A história tenta delimitar os espaços com aquilo que mais lhe garante veracidade: a presença do património.

O Museu e o Arquivo Histórico devem funcionar em total sintonia. O Arquivo Histórico da EPAL é o código fonte ou a matriz patrimonial e histórica da empresa. A memória moldada pela história é factor de tradução de uma identidade. A identidade museológica deve basear-se nas práticas de investigação do Arquivo Histórico para construir processos de museologia e de museografia. A transformação de conteúdos organizados dos Arquivos permite a sua interpretação e materialização no espaço museológico. O resultado reporta à cultura de empresa na sua acepção de “valores e símbolos; ritos e modos de comunicação; estratégias e objectivos; imagem de marca e valor competitivo.”²⁴

Este capítulo descreve o papel do Serviço Educativo do Museu, os públicos frequentadores, individualiza cada núcleo museológico e refere o importante investimento e resultados realizados na reorganização dos Acervos da empresa.

²⁴ MENDES, José Amado – História, Memória e Cultura de Empresa. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Instituto da História Económica e Social da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, t. 35, (2002) P. 384.

1. O Museu: educação e cultura pelo património

O Museu da Água tutelado pela EPAL é classificado como um museu de história e “tem como missão preservar, animar, e dar a conhecer o valioso património histórico-cultural da EPAL.”²⁵. Foi um Museu pioneiro na conservação e reutilização dos seus núcleos para fins museológicos. Ao longo de várias décadas de actividade, o património com valor histórico da empresa foi posto de parte (aquedutos, reservatórios, chafarizes, maquinaria, utensílios, etc.) e, mais tarde, musealizado no Museu com o objectivo de estabelecer pontes com as comunidades locais, reforçar a identidade colectiva dos trabalhadores, projectar uma imagem pública sadia, e naturalmente funcionando como estratégia de comunicação da empresa.²⁶ O Museu da Água apostou num funcionamento em rede, sendo para este efeito, membro fundador da Associação Portuguesa de Empresas com Museus²⁷ (APOREM) desde 1992, membro da Rede Portuguesa de Museus²⁸ (RPM) desde 2001, e membro do European Network of Science Centres and Museums²⁹ (ESCITE) desde 2010.

O museu tem atribuições comuns de manutenção, conservação e gestão do património. Na folha de Ordem de Serviço do Museu da Água, destacam-se duas atribuições no que toca ao património cultural: realizar programas e actividades culturais que valorizem o património sob sua gestão e acompanhar as visitas ao património igualmente sob sua gestão. A educação e cultura pelo património do Museu são conduzidas pelo seu Serviço Educativo. O Serviço Pedagógico Águas Livres (SPAL), vocacionado para as questões ambientais e ecológicas, manifesta-se desde 1997 como o motor funcional do Museu junto da comunidade escolar, nomeadamente

²⁵ ÁGUA É PATRIMÓNIO. [s.l.]: Sair da Casca, s.d. P.2

²⁶ DELICADO, Ana - *Musealização da Ciência em Portugal*. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009.

²⁷“APOREM é um organismo privado, com fins não lucrativos e objectivos culturais. Foi criado em Maio de 1992, visando o desenvolvimento e a divulgação das actividades das empresas portuguesas que preservam o património e a memória do passado e que têm museus abertos à comunidade, permitindo assim a prossecução de objectivos comuns.” [Consult 30 ago. 2013]. Disponível em: <http://www.dillmuli.feek.pt/hu/dillport/aporem.htm>

²⁸ “A Rede Portuguesa de Museus (RPM) é um sistema organizado de museus, baseado na adesão voluntária, configurado de forma progressiva e que visa a descentralização, a mediação, a qualificação e a cooperação entre museus. A RPM é uma entidade, por definição, tutelarmente autónoma e composta pelos museus que a integram.” [Consult. 30 ago. 2013] Disponível em: <http://www.imc-ip.pt/pt-PT/rpm/ContentDetail.aspx>

²⁹ “Ecsite is the European network of science centres and museums, linking science communication professionals in more than 400 institutions in 50 countries. Founded 20 years ago, Ecsite connects member institutions through projects and activities and facilitates the exchange of ideas and best practice on current issues.” [consult. 30 ago. 2013]. Disponível em: <http://www.ecsite.eu/about>

as escolas do ensino Básico e Secundário. A partir de 2001, o SPAL autonomizou-se do Gabinete de Imagem e Comunicação da EPAL, transferindo os recursos humanos e o projecto para o Museu da Água, conseguindo, dessa forma um novo impulso na sua actuação. O projecto tem evoluído de acordo com a necessidade crescente das escolas em conhecer melhor a oferta cultural do Museu nas várias temáticas sobre a água, na vertente científica, e património histórico. O serviço educativo funciona como complemento à pedagogia escolar. As tarefas de comunicação e actuação na rede escolar têm por base a estratégia de comunicação e imagem da EPAL. Actualmente, este serviço é constituído por duas colaboradoras e a sua acção centra-se em abordar questões relativas ao “uso eficiente da água, a preservação dos recursos naturais e dar a conhecer o património histórico-cultural do Museu associado à história do abastecimento de água à cidade de Lisboa e às suas populações.”³⁰ A dimensão deste projecto é muito elevada, envolvendo, por ano, aproximadamente 1100 escolas, mais de 282 000 alunos e 55 000 professores, a nível nacional.

As iniciativas oferecidas pelo Serviço Pedagógico integram visitas guiadas aos quatro núcleos do Museu da Água: Aqueduto das Águas Livres, Reservatório da Mãe d’Água das Amoreiras, Reservatório da Patriarcal e Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos; organiza duas vezes por ano encontros periódicos com professores; organiza um concurso anual, disponibiliza materiais e recursos gratuitos às escolas e realiza a actualização e manutenção do *website* educativo www.servicoaguaslivres.com³¹. O trabalho desenvolvido pelo SPAL já foi reconhecido e premiado diversas vezes³². Destaca-se a última atribuição em 2012, como o Melhor Serviço de Extensão Cultural, pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM). Na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, a educação é um factor relevante no conhecimento do património cultural, “o museu desenvolve de forma sistemática

³⁰ RAMOS, Margarida Filipe - *Bem público valor público, A educação para os valores ambientais no Museu da Água da EPAL*. 1ª ed. Cascais: Príncípia, 2013. P.71

³¹ Idem

³² “2001- Prémio International Water Association (IWA) na categoria de Comunicação Escolar pelo Projecto «Águas Livres» – Serviço de Apoio aos professores.

2008 – Grande Prémio Associação Portuguesa de Comunicação Empresarial (APCE) na categoria Edição Especial, pelo *kit* Pedagógico do Serviço Águas Livres.

2008 – Prémio IWA – Recomendação especial na categoria *Best promoted water protection activity or programme*, atribuída ao *site* do Serviço Pedagógico Águas Livres.

2011 – Grande Prémio APCE – Menção honrosa na categoria Webletter por «As Viagens da Gotinha»”.
RAMOS, Margarida Filipe - *Bem público valor público, A educação para os valores ambientais no Museu da Água da EPAL*. P.71

programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais.”³³ A implementação de programas de actividades com as escolas e o livre acesso aos núcleos nos dias comemorativos são exemplo disso. As visitas guiadas oferecem a cada aluno um roteiro de visita e a cada professor um roteiro pedagógico sobre os núcleos do Museu de acordo com os diferentes graus de ensino: 1º Ciclo, 2º Ciclo, 3º Ciclo e Secundário. Como se pode constatar, o Museu da Água apresenta uma potencialidade única na valorização do património cultural assente numa pedagogia de sensibilização ambiental.

Para além do público infanto-juvenil, o Museu realiza visitas guiadas a grupos organizados muito diversos, como por exemplo, reformados de vários sectores profissionais, Juntas de Freguesia, associações culturais, recreativas e empresariais grupos de engenheiros estrangeiros e portugueses, funcionários de Câmaras Municipais, funcionários da EPAL, estudantes de Erasmus, etc. A visita é assegurada, preferencialmente, por um funcionário com variado domínio linguístico: espanhol, francês e inglês. De acordo com o grupo presente, a visita pode assumir um carácter técnico ou meramente histórico e abranger a totalidade dos núcleos. Com menor frequência e de acordo com a procura, realizam-se visitas temáticas para grupos, onde é representada por actores profissionais, uma reconstituição histórica. “A Rainha refresca-se – na pista do Barroco” é uma dessas visitas de destaque que leva as pessoas a percorrerem um trajecto ao longo das nascentes de Caneças até ao Vale de Alcântara, assistindo à recriação do espírito barroco do século das Luzes.

A estratégia de funcionamento do Museu, quer pela oferta cultural do Serviço Pedagógico, quer pela abertura ao público em geral, como espaço aberto, no seu horário habitual³⁴, traduz resultados merecedores de análise. Em 2012, 46 541 pessoas visitaram o Museu da Água. O Reservatório da Mãe d’Água é o núcleo do Museu que totaliza o maior número de visitantes, 19 486. Apesar do Aqueduto das Águas Livres se encontrar fechado entre 1 de Dezembro e o último dia de Fevereiro, é o segundo núcleo mais visitado com 12 316 entradas. Segue-se a Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos com 8 020 e o Reservatório da Patriarcal com 6 719, respectivamente. Os visitantes individuais representam a maioria, 19 508 entradas. As visitas guiadas dividem-se em

³³ Lei-Quadro dos Museus Portugueses nº 47/ 2004. [consult. 8 set. 2013]. Disponível em http://www.imc-ip.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf

³⁴ O Museu abre de Terça a Sábado das 10h00 às 17h30.

dois grupos, 9 085 com proveniência das escolas, e 4 288 sob a forma de grupos organizados. O público estrangeiro registou 4 199 entradas. 4 461 é o número que se refere às entradas relacionadas com os alugueres de espaço e visitas à exposições temporárias nos núcleos do Museu. No valor total de visitantes, registou-se um decréscimo de 4,5% em relação ao ano de 2011. Do total de visitas guiadas (308), 235 correspondem ao público escolar e as restantes 73 a outros grupos. A nível nacional, 166 escolas foram ao Museu, das quais 134 pertencem ao distrito de Lisboa, contabilizando assim cerca de 80% do universo de estabelecimentos de ensino³⁵.

O público dominante é sem dúvida o visitante individual (41%). As visitas guiadas totalizam 29% dos visitantes sendo 20% relativo ao público escolar. O peso dos visitantes estrangeiros (20%) ainda é considerável, se tivermos em atenção o facto de que os reservatórios da Patriarcal e da Mãe d'Água não constam nos mapas turísticos da cidade³⁶. A média dos últimos três anos³⁷ fixa-se nos 47 122 visitantes.

Indicadores recentes da PORDATA³⁸ referem que cerca de 4 milhões e meio de pessoas visitaram os 41 museus³⁹ de Lisboa no ano de 2011 correspondendo assim a 33,7% no total do país. Nesse ano o Museu da Água registou 48 991 visitantes.

Existe uma discrepância de visitantes marcadamente acentuada entre o núcleo mais visitado e os menos visitados que se pode eventualmente explicar pelo facto de que sendo o Museu da Água descentralizado na cidade de Lisboa e representado por quatro espaços, gera muitas vezes nas pessoas que o procuram, alguma confusão, até por que durante muitos anos, a própria sinalética anunciava a existência do Museu em quatro locais distintos. A surpresa do visitante revela-se recorrentemente quando obtém informação num dos núcleos do Museu da Água da existência de outros. À primeira vista poderá atribuir-se esse facto à localização dos núcleos menos visitados. A EEVB encontra-se fora do centro da cidade, numa zona com aparente pouco interesse turístico e movimento de pessoas. O Reservatório da Patriarcal está escondido, debaixo de terra, embora numa zona com um imenso potencial cultural e com cada vez maior circulação de pessoas.

³⁵ RAMOS, Margarida Filipe. Quem visitou o Museu da Água em 2012. *Águas Livres*. Lisboa (Janeiro 2013) 4.

³⁶ Mapa Oficial de Lisboa, Yellow Bus Official Sightseeing Tours e City Sightseeing Lisboa.

³⁷ 2010, 2011 e 2012.

³⁸ Base de dados Portugal Contemporâneo. [Consult. 15 set. 2013]. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Municipios/Retratos/2011/Retrato+de+Lisboa-1>

³⁹ Inclui Jardins Zoológicos, Botânicos e Aquários.

Relativamente à comunicação externa do Museu na esfera digital, existe o já referido *website* dirigido às escolas com o “espaço professor” e o “espaço criança”. Direcionado para um público em geral, na ausência temporária de um *website* oficial, existe um blogspot⁴⁰ com informação diversa sobre os núcleos do Museu, horários, preçário, visitas guiadas, actividades, eventos, concursos e passatempos. O *website* oficial⁴¹ do Museu encontra-se em manutenção, conforme está anunciado há bastante tempo na sua página *web* e, embora se conheça que está em curso a elaboração de um novo *website*, o mesmo não tem data de apresentação. Contudo, apresenta três links que direcciona o utilizador para o blogspot, Serviço Pedagógico e *website* da EPAL. No quadro dos eventos e actividades, o Museu estabelece acções de divulgação junto da comunicação social, como por exemplo nos dias de abertura gratuita ao público. A sede da empresa e os quatro núcleos apresentam nas respectivas recepções panfletos com informação sobre o património e a oferta cultural constituinte do Museu.

Os núcleos do Museu

O Museu da Água da EPAL totaliza um património cultural imóvel de quatro edifícios disseminados pela cidade de Lisboa (anexo 10). A Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos é actualmente a sede do Museu da Água da EPAL desde 1 de Outubro de 1987, data da sua inauguração. Neste edifício, existe uma exposição permanente que demonstra a evolução técnica e histórica do abastecimento de água à cidade de Lisboa desde a época romana até à actualidade (anexo 11) e uma sala com duas funções: acolhimento de exposições temporárias e realização de eventos culturais. Na sala da exposição permanente, existiu a sala das caldeiras, demolida em 1950 (anexo 12), que segundo Raul Vital, historiador do Museu da Água, se apresentaria num estado avançado de degradação conjuntamente com a chaminé de 38,8 metros de altura, também demolida. A sala das bombas encontra-se imediatamente ao lado e por cima desta situa-se a sala das máquinas. Uma das máquinas, hoje adaptada a electricidade, funciona para efeito de demonstração. Uma loja com *merchandising* próprio do Museu e um pequeno espaço de projecção de filme situam-se na entrada principal (anexo 13).

⁴⁰ <http://museudaagua.blogspot.pt/>

⁴¹ <http://museudaagua.epal.pt/>

No recinto da sede do Museu, encontram-se diversos objectos espalhados, de interesse técnico museológico indicando, que o tempo e a evolução tecnológica os tornaram arcaicos mas presentes para serem visualizados e recordados (anexo 14). Ao lado do edifício sede encontra-se a Estação Eléctrica a funcionar desde 1928 (anexo 15) em substituição da do vapor.

O Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras tem um espaço visitável interior que se define pela seguinte forma: espaço que circunda o tanque, plataforma flutuante, passagem por detrás da fonte e escadaria até ao terraço. Apesar de ser divulgada nos panfletos, a Casa do Registo⁴² encontra-se fechada ao público. Ainda no interior, um pequeno espaço com produtos de *merchandising* localiza-se na entrada do reservatório. A Mãe d'Água recebe exposições culturais, concertos, desfiles de moda, teatro, bailado e até já foi local de gravação de um videoclip de uma banda internacional no ano de 2000⁴³.

O Aqueduto das Águas Livres, com entrada em Campolide pelo Jardim da Meia-Laranja (anexo 16), é transitável nos dois sentidos através de dois passeios pedonais. A 400 metros da entrada, existe uma porta pela qual se pode passar para o passeio oposto e visualizar o interior da galeria. A porta com acesso ao Parque Florestal de Monsanto encontra-se permanentemente fechada. A sua abertura apenas se efectua numa visita guiada com marcação prévia. A bilheteira encontra-se localizada na antiga casa do guarda, instalada num dos extremos do jardim.

O Reservatório da Patriarcal foi o espaço menos visitado no ano de 2012. A plataforma de ferro, medindo 2,50 metros de altura ao partir do fundo, com dois níveis diferentes, permite visitá-lo confortavelmente. As visitas guiadas com percurso pela Galeria do Loreto realizam-se em horário fixo, à Quarta feira e ao Sábado, duas vezes por dia (11h e 15h). O reservatório é palco de diversas manifestações culturais, exposições de artes plásticas, pintura, escultura, fotografia e tapeçaria, concertos, teatro, bailado entre outros. De acordo com o ambiente climático específico da Patriarcal, o nível de humidade existente não é propício à realização de exposições, podendo deteriorar todos os elementos em papel ou tela. Este factor tem provocado alguns danos

⁴² Servia para regular a saída da água do reservatório para as galerias subterrâneas

⁴³ Limp Bizkit – Boiler. [consult. 3 dez. 2013]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qex0OjXolz>

nas peças expostas levando alguns artistas a desistir de expor no espaço. A venda de *merchandising*, pela mesma razão, também teve que ser retirado.

2. Os Acervos

Como espaço organizado de preservação memorial histórica da empresa, um arquivo guarda um património cultural móvel sob vários formatos de extrema relevância na matriz e história de qualquer instituição. A sua inventariação cria uma nova fonte de informação para o futuro. O Arquivo Histórico da EPAL (AHEPAL) localiza-se no edifício sede da EPAL e encerra principalmente documentação administrativa e técnica, fotográfica, e bibliográfica, dos séculos XIX e XX, da Companhia das Águas de Lisboa (CAL), e da Comissão de Fiscalização das Águas de Lisboa (CFAL). Em paralelo, a biblioteca reúne publicações editadas pela CAL/EPAL e pela CFAL e uma grande diversidade de títulos de ordem técnica, nacionais, e estrangeiros que serviram de apoio ao funcionamento da empresa⁴⁴. Paulo Oliveira Ramos, historiador e profundo conhecedor do AHEPAL, descreve o estado completamente anárquico do Arquivo antes de se iniciar todo o processo de organização. A descrição feita é uma analogia ao estado da Biblioteca e do Arquivo Histórico que o Ministro das Obras Públicas, Manuel de Brito Camacho, faz por Decreto em 1911⁴⁵.

Intervenção no Arquivo Histórico

O Arquivo Histórico da EPAL⁴⁶ (AHEPAL) foi alvo de um projecto de constituição e tratamento no ano de 2007. O objectivo visava reunir, identificar, avaliar, organizar, preservar e disponibilizar o património histórico – escrito, oral e visual – espalhado em vários serviços e espaços da empresa⁴⁷. Na definição daquilo que se pode constatar do estado actual do Arquivo e biblioteca, o documentalista Daniel Barros Gomes⁴⁸ refere que “dentro do possível e de acordo com os prazos estipulados foi o

⁴⁴ HENRIQUES, Mariana Castro – Apresentação Pública do portal on-line, Arquivo histórico da EPAL. *Águas Livres*. Lisboa (junho de 2011) 7.

⁴⁵ Idem

⁴⁶ “O Arquivo Histórico da EPAL (AHEPAL) recolhe, selecciona, conserva e difunde o património histórico documental sobre a história do abastecimento de água a Lisboa e custodia fundos documentais gerados no desenvolvimento das actividades exercidas pela empresa, bem como, das instituições antecessoras desta.” [consult. 20 set. 2013]. Disponível em <http://www.epal.pt/epal/pdfs/ah/RegulamentodoArquivoHistoricoEPAL.pdf>

⁴⁷ PINHEIRO, Sónia; SABINO, João – Balanço de 3 anos de actividade, Tratamento do Arquivo Histórico da EPAL. *Águas Livres*. Lisboa (Outubro de 2010) 7.

⁴⁸ Funcionário do AHEPAL e Biblioteca da EPAL.

melhor que se pôde fazer”⁴⁹. O forte investimento nas áreas documentais nomeadamente nos arquivos fotográfico, administrativo e técnico, bem como bibliográfico sob a forma de livro (periódicos e monografias) e não livro (áudio e vídeo), ser efectuado por uma empresa especializada na área, sob supervisão de uma equipa de consultores externos à EPAL, revela a adequação de recursos humanos na salvaguarda, conservação e preservação do património cultural da empresa em causa. Para tal, foi prestado todo o tipo de material, condições e espaço para todo o projecto de tratamento. A celebração de um protocolo com a Cinemateca Portuguesa permitiu preservar e digitalizar o expressivo acervo filmográfico, antes inutilizável e em vias de se perder. A preservação da memória histórica da EPAL mereceu a atenção do projecto. Por meio de entrevistas a funcionários mais antigos e ex-funcionários, procedeu-se à preservação desse património intangível pessoal para um suporte físico. Após três anos de actividade, os resultados são significativos: trataram-se 500 metros lineares de documentação técnica, 180 000 fotografias, 20 000 espécies bibliográficas, criaram-se 52 000 registos na base de dados do arquivo, 11 500 registos na base de dados da biblioteca, efectuaram-se 36 000 digitalizações, recolheram-se 100 entrevistas a antigos e actuais trabalhadores, preservaram-se e digitalizaram-se 30 filmes em película e por fim restauraram-se vários documentos únicos ou raros⁵⁰.

O Arquivo dispõe-se em dois locais distintos, devido à disponibilidade de espaço existente. As salas apresentam condições ambientais favoráveis à conservação da documentação. A documentação do arquivo técnico e administrativo (anexo 17) encontra-se em estantes, acondicionada em unidades de instalação etiquetadas com os documentos protegidos em acid-free. Os desenhos técnicos (anexo 18) estão dispostos em gavetas. O arquivo fotográfico divide-se em dois: fotografias a preto e branco e fotografias a cores. No primeiro conjunto, fotografias, provas, rolos e negativos (alguns em vidro) encontram-se em pastas acondicionadas para o efeito numa sala a temperatura constante. O segundo conjunto conservado em dossiês de conservação de fotografia estão colocados em frigoríficos (anexo 19). A empresa fotografava com frequência as efemérides e nem só. O arquivo fotográfico assemelha-se a um álbum de família muito formal. Existia a preocupação e o dever de deixar para memória futura aquilo que se

⁴⁹ Visita guiada ao Arquivo pelo documentalista da EPAL Daniel Barros Gomes.

⁵⁰ PINHEIRO, Sónia; SABINO, João – Balanço de 3 anos de actividade, Tratamento do Arquivo Histórico da EPAL. *Águas Livres*. Lisboa (Outubro de 2010) 7.

estava a fazer na época. Num dos espaços do arquivo, situa-se a biblioteca da EPAL (anexo 20). Esta é constituída por livros que servem de apoio à empresa e está dividida em duas salas. A sala das publicações periódicas e a sala das monografias. Os periódicos referem-se por exemplo a relatórios, contas e a artigos científicos. As monografias englobam uma variedade de temas como por exemplo a engenharia, a química, a biologia, a microbiologia, o tratamento de água. Na edição de publicações, a política da empresa fixava-se sempre em três publicações, e nunca localizadas no mesmo sítio, de modo a salvaguardar a informação. A partir do portal *online* X-arq (anexo 21) é possível a qualquer interessado pelo património cultural a cargo da EPAL operar pesquisas e fazer um pedido de consulta⁵¹ escrito devidamente fundamentado por carta ou *email* ao AHEPAL. A resposta por um responsável do Arquivo é dada em função da natureza do pedido.

O AHEPAL caracteriza-se como sendo um arquivo de acesso condicionado, definido por normas restritas de consulta. Por receio de manuseamento de certos materiais, tenta-se o mais possível restringir o acesso às pessoas. Opta-se sempre por disponibilizar a documentação em formato digital em detrimento do original (incluindo as requisições internas), de forma a salvaguardar o património cultural da empresa. No edifício onde está sediado, não existe uma placa informativa a indicar a sua presença. Contudo, o arquivo não está invisível dado que o portal *online*, fruto do trabalho de tratamento arquivístico e documental, foi implementado com o objectivo de estar disponível para as pessoas como esclarece a descrição do mesmo no *website*⁵² da empresa.

O Acervo Museológico

As peças de Acervo Museológico são de extrema importância nos campos da história, da técnica, da identidade e da evolução da própria empresa. A inventariação das peças permite à empresa conhecer as suas colecções de modo a que estas sejam utilizadas como património cultural móvel em futuras exposições do Museu. Um projecto de inventário museológico foi iniciado em 2009 com esse objectivo. Cada peça

⁵¹ Ponto VI do regulamento do Arquivo Histórico e Biblioteca da EPAL, S.A. AHEPAL 2011. [consult. 2 out. 2013] Disponível em: <http://www.epal.pt/epal/pdfs/ah/RegulamentodoArquivoHistoricoEPAL.pdf>

⁵² <http://www.epal.pt/epal/Modelo1.aspx?src=arqbiblio&area=5674&sub=5675&menu=5675>

de acordo com a sua natureza e característica é identificada e individualizada através do *software InArte*. O *software* cria uma ficha onde está registado todas as informações do objecto e sua imagem⁵³. Propriedade do Museu da Água, as peças inventariadas, ficam na sua maioria distribuídas pelos vários espaços⁵⁴ da empresa. Em relação ao estado do processo, Mariana Castro Henriques, coordenadora do projecto, afirma que “foram inventariadas cerca de 1000 peças residentes no Recinto dos Barbadinhos – Museu da Água e serviços de Laboratório, no Recinto do arco, na Mãe d’Água – Casa do registo e no Recinto dos Olivais”. Em Junho de 2010, as peças inventariadas ascendiam a 1500⁵⁵. O Acervo de uso exclusivo interno é constituído por contadores de água, equipamento de laboratório, equipamento de topografia, ferramentas e utensílios, instrumentos de medição, maquinaria, tubagem e canalização, torneiras ou válvulas, material didáctico, uniformes, etc.

Algumas edições do Jornal Águas Livres (JAL), publicação mensal da empresa, referem a entrega por parte de ex-funcionários e funcionários ao Arquivo Histórico, de diversos materiais com valor histórico-cultural (anexo 22) relacionados com a actividade da empresa: fotografias, litografias, brochuras, desenhos, publicações, cadernos, regulamentos, opúsculo, caderneta pessoal, pastas, dossiês de arquitectos, registos relacionados com a exploração de água, objectos de laboratório, um antigo telefone portátil de teste, peças de mobiliário, cartas, etc. A edição de Novembro de 2009 do JAL revela que um colaborador da empresa deu um catálogo de materiais, ferramentas e utensílios com a edição de 1949, e salienta que o Arquivo Histórico⁵⁶ tem crescido devido ao empenho dos colaboradores da empresa na sucessiva entrega de material. Esta notícia quer demonstrar que o trabalhador pode ser um agente activo e que responde a um apelo na recolha de memórias físicas de património cultural, propriedade da empresa em que se encontra. No entanto, a entrega de objectos é apenas

⁵³ HENRIQUES, Mariana Castro - Inventário das peças da EPAL com carácter museológico. *Águas Livres*. Lisboa (Novembro de 2009) 10.

⁵⁴ Idem

⁵⁵ GOMES, Daniel – Estagiário Daniel Gomes fala ao “AL”, À Conversa... *Águas Livres*. Lisboa (Julho de 2010) 8.

⁵⁶ A incorporação do património está delineada como função do Arquivo Histórico da EPAL: “fomentar incorporações, internas e externas, de interesse para a memória da história do abastecimento de água.” Ponto II do regulamento do Arquivo Histórico e Biblioteca da EPAL, S.A. AHEPAL 2011. [consult. 4 out. 2013]. Disponível em: <http://www.epal.pt/epal/pdfs/ah/RegulamentodoArquivoHistoricoEPAL.pdf>

pontual e carece de regularidade dado que as pessoas preferem guardar para si o património da empresa⁵⁷.

O JAL de Abril de 2009 faz referência de uma iniciativa de entrega de um manual por parte de um recém-chegado à EPAL e espera que “outros colaboradores da EPAL, que eventualmente possuam nos seus gabinetes material de interesse histórico, sigam o exemplo”⁵⁸. É uma clara afirmação de que se deve fazer chegar ao Arquivo e ao Museu o património existente guardado nos respectivos gabinetes ou noutros locais de trabalho. Esse tipo de relutância deveria desaparecer, tornando a doação de objectos numa prática recorrente com tendência a reforçar a identidade da empresa através do trabalhador, num princípio de uma relação de identidade conjunta na estratégia de salvaguarda do património. A colaboração do Arquivo com o jornal da empresa é uma iniciativa positiva na divulgação do trabalho prestado na recolha de memórias e de património cultural, na identificação de antigos e falecidos funcionários cujos nomes se desconhecem, e no facto de se posicionar como agente atento ao estudo e preservação do legado da empresa.

⁵⁷ Entrevista a Mariana Castro Henriques, Coordenadora do Arquivo Histórico da EPAL.

⁵⁸ CRUZ, Mário Pinho da – Mais material de interesse histórico. *Águas Livres*. Lisboa (Abril de 2009) 11.

Capítulo III - Património e cultura organizacional na EPAL

A representação do património é retratada na importância que determinada forma de gestão lhe confere. Nessa representação incluem-se as estratégias de salvaguarda, preservação, conservação, rentabilização e divulgação. O aproveitamento de espaços monumentais desactivados, antes funcionais, para fruição cultural relacionada com a actividade de uma empresa é o de ser uma mais-valia para a imagem da empresa, e consequentemente de quem a gere, na comunidade.

As estruturas responsáveis devem apresentar um plano de gestão adequado à programação dos monumentos constante e coerente no tempo, de modo a que os espaços culturais não percam a sua natural apetência. A política cultural de uma empresa segue critérios adjacentes à sua imagem, identidade, cultura e organização. O facto de cada empresa ser única, a sua identidade tende a avivar as próprias matrizes da empresa, a sua personalidade, os seus melhores atributos e as suas debilidades⁵⁹.

Gerir instalações na captação, adução, tratamento e distribuição de água é diferente de gerir património, envolve competências e conhecimentos. São técnicas e saberes diferentes. Assim também é a gestão do património cultural.

Este capítulo retrata o processo da constituição do Museu, as políticas culturais relativas ao uso do património de que a empresa é proprietária, bem como o trabalho conseguido até hoje e a cultura organizacional na dinâmica de funcionamento do Museu.

⁵⁹ MENDES, Amado – *O museu na comunidade: património, identidade e desenvolvimento*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 1999.

1. Gestão e política cultural

A política cultural⁶⁰ da EPAL começou pela sua antecessora CAL no ano de 1919 por meio de uma deliberação da Assembleia Geral da Companhia das Águas de Lisboa, em que se cria uma divisão encarregada pelos trabalhos de desenho, arquivo, biblioteca e museu. Essa divisão tinha o papel de preservar e seleccionar uma multiplicidade de peças com o objectivo de dar início a um espaço expositivo.

“A esta divisão compete em geral a coordenação de todos os elementos necessários para a tal preparação de projectos e realização de obras e em especial: (...) Ter a seu cargo a organização e a conservação do Museu em que estejam expostos os diversos tipos de canalizações, aparelhos acessórios, contadores e mais material usado, e bem assim um mostruário das avarias ou alterações no mesmo encontradas”⁶¹.

Nos anos 30, no edifício sede⁶² da Companhia, estava em curso um projecto de inventariação de todo o espólio recolhido durante cerca de vinte anos. Na década de 50, do século XX, devido à falta de espaço, o Acervo foi transferido para a Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos (EEVB). Na antiga sala das caldeiras, entretanto demolida, procedeu-se aos primeiros trabalhos museológicos e museográficos. Com a consequente desactivação do sistema de abastecimento do Aqueduto das Águas Livres em 1967, a arcaria sobre o vale de Alcântara e o Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras integraram o património do museu. No final dos anos 70, do século XX, o Serviço de Divulgação e Museu é então criado com o motivo de desenvolver iniciativas de ordem cultural relacionadas com as datas chave da história do abastecimento de água a Lisboa⁶³.

No dia 1 de Outubro de 1987, o Museu da Água Manuel da Maia⁶⁴ foi oficialmente inaugurado na EEVB. A exposição permanente de 1987, que ainda perdura, retrata a evolução histórica do abastecimento de água à cidade de Lisboa desde o século III: as problemáticas relacionadas com a água, a expansão da cidade e o

⁶⁰ Entenda-se por consciencialização da preservação do património cultural para memória futura.

⁶¹ <http://www.ebivgama.pt/MuseuAgua.html>

⁶² Avenida da Liberdade, n.º24, Lisboa.

⁶³ INÁCIO, Pedro – O MUSEU DA ÁGUA DA EPAL. In Museu da Água da EPAL – 1.º Encontro Internacional sobre Património Industrial e sua Museologia. S. I EPAL/GIC: 2000, P. 67-70

⁶⁴ O nome deve-se em homenagem ao engenheiro militar e arquitecto autor da planta do Aqueduto das Águas Livres.

desenvolvimento urbano, os projectos de arquitectura, o importante papel dos aguadeiros, o trajecto da água desde a captação ao consumo e alguns objectos como por exemplo torneiras, contadores, material laboratorial. No ano de 1990, o Museu recebe o galardão de museu do ano⁶⁵ atribuído pelo Conselho da Europa pela sua contribuição a um melhor entendimento do património cultural europeu e consciencialização da sua identidade e problemas comuns. O prémio “veio reconhecer, internacionalmente, não só uma nova prática museológica, como também o modo exemplar como uma empresa protege e valoriza o seu património”⁶⁶ revelando um sentido de aposta no património industrial identitário da sua actividade económica actual. O excelente estado de conservação e salvaguarda da EEVB no campo da arqueologia e a integração dos outros dois núcleos foram determinantes para a atribuição do prémio. Em 1994, o Reservatório da Patriarcal torna-se no quarto núcleo do Museu da Água da EPAL.

Um grande número de museus de empresa tem sido criado pela reutilização de antigas instalações industriais⁶⁷. O interesse de uma administração de empresa salvaguardar os edifícios e todo o conjunto de materiais utilizados na actividade passada da mesma é uma aposta forte na promoção da sua imagem e na rentabilização do património junto da comunidade ao seu redor.

As publicações editadas pela empresa inserem-se numa política cultural e museológica para a promoção e divulgação do seu património histórico e cultural. Retomando a prática tradicional da empresa em promover a edição de publicações, são editados no ano de 2007 e 2008, dois volumes de uma *Iconografia Histórica* (anexo 23), com base exclusiva no acervo gráfico e fotográfico da empresa. O primeiro volume ilustra desenhos técnicos e algumas fotografias sobre monumentos existentes e outros desaparecidos. O segundo volume apresenta mais de 250 fotografias, num espaço temporal de 1880 a 1950, que incidem sobre importantes eventos da história da empresa. No ano de 2008, data de comemoração dos seus 140 anos, a EPAL aproveitou para iniciar a publicação de várias obras do seu Arquivo Histórico, entre elas, duas obras fac-similadas (anexo 24), uma sobre a memória das fontes de água e outra sobre o

⁶⁵ O Museu da Água torna-se o primeiro museu português a receber a distinção. Em 2010, o Museu de Portimão torna-se no segundo contemplado.

⁶⁶ NABAIS, António – EXPERIÊNCIAS E TENDÊNCIAS MUSEOLÓGICAS EM MUSEUS DE PATRIMÓNIO CULTURAL. In Museu da Água da EPAL -1º Encontro Internacional sobre Património Industrial e sua Museologia. [S.l]: EPAL/GIC,2000. P.53-55.

⁶⁷ Museu da Comunicações, Museu da Carris, Museu do Carro Eléctrico, Museu da Electricidade – Central Tejo (EDP), Museu do café (actualmente em renovação), Núcleos Museológicos da CP, entre outros.

Aqueduto, outrora disponíveis nas livrarias. Uma outra obra, *140 anos 140 imagens* (anexo 25), reúne fotografias de várias colecções tratadas e restauradas com a aspiração de dar uma panorâmica das várias áreas da empresa até meados do século XX. Em 2011, é publicado o *Projecto de Louis-Charles Mary para distribuição de água na cidade de Lisboa* (anexo 26) da autoria de Paulo Oliveira Ramos, que contém em fac-símile o manuscrito *Mémoire à l'appuit du projet de la nouvelle distribution des eaux dans la ville de Lisbonne*. Este projecto retrata a obra encomendada ao engenheiro Louis-Charles Mary pela Companhia da Empresa das Águas de Lisboa no sentido de aumentar os caudais de água que chegavam à cidade. É dado o enfoque à construção do antigo reservatório da Praça D. Pedro V, actual Reservatório da Patriarcal. O capítulo final será debruçado sobre este núcleo com maior precisão. No ano seguinte, o Museu da Água elabora uma obra sobre *Galerias Subterrâneas e Chafarizes Monumentais de Lisboa abastecidos pelo Aqueduto das Águas Livres* (anexo 27). O Museu da Água editou vários catálogos de exposições patentes nos seus espaços e a EPAL publicou outras obras de índole técnico, científico e histórico que, por se encontrarem fora do âmbito deste trabalho, não se fará referência. Os frutos de investimento na recuperação e tratamento do Arquivo Histórico permitem a investigação científica e posterior divulgação ao público. Tendo em conta a divulgação como essência de salvaguarda do património cultural⁶⁸, é do maior interesse que a EPAL continue na sua assumida política de preservação e difusão cultural.

A intervenção no Arquivo Histórico culminou com a apresentação pública do portal *online*. De acordo com João Fidalgo, Presidente do Conselho de Administração da EPAL entre 2005-2012, o AHEPAL está acessível numa “forma de consciencializar as pessoas para o serviço público prestado, alertando-as para os desafios do sector da água.”⁶⁹ Esta política de divulgação do património encaixa-se no investimento que a EPAL realizou desde o ano de 2007, ao reorganizar o seu património cultural numa óptica da preservação da memória histórica da empresa.

A reutilização de um chafariz desactivado permitiu transformá-lo num espaço inédito de cariz comercial. O chafariz da Mãe d’Água à Praça da Alegria, (O chafariz propriamente dito é, propriedade da EPAL e os anexos, que foram antigos balneários,

⁶⁸ RAMOS, Paulo Oliveira – *EPAL: Iconografia Histórica = EPAL: Historical Iconography*. Lisboa: EPAL, 2007/2008.

⁶⁹ HENRIQUES, Mariana Castro – Apresentação Pública do Portal on-line, Arquivo histórico da EPAL. *Águas Livres*. Lisboa (junho 2011) 7.

são propriedade da CML), foi convertido numa enoteca por iniciativa conjunta da Câmara Municipal de Lisboa e da EPAL. O nome da enoteca ali instalada é o chafariz do Vinho⁷⁰ por ser um local vocacionado para a divulgação do vinho português e estrangeiro. Em parceria com o Museu da Água, é possível percorrer um aqueduto subterrâneo que se inicia na Patriarcal e finaliza no chafariz do Vinho com uma prova de vinhos ou jantar.

Numa prática de rentabilização financeira e de promoção do património, a EPAL aluga os seus espaços patrimoniais que constituem o Museu a diversas entidades individuais ou colectivas, com vista à realização de colóquios, eventos, filmagens, etc.. A merecer destaque da comunicação social, traduz-se num duplo ganho para a empresa: a publicitação dos espaços do Museu e a respectiva receita do aluguer. Se assim não for, haverá sempre uma referência no jornal da empresa Águas Livres, no boletim informativo do Museu Contador d' Água, e informação da notícia na intranet disponível para consulta por todos os funcionários. A empresa também realiza eventos especiais de cariz interno nos núcleos do Museu como forma de utilizar o património de que é proprietária/ responsável.

Em 2009 foi criado um Grupo de Trabalho para a Reestruturação do Museu da Água que está actualmente a trabalhar no projecto de reestruturação do Museu, tanto ao nível museológico e museográfico como em toda a componente de arquitectura, *design* e construção. As linhas gerais visam a renovação da exposição permanente e requalificação do recinto dos Barbadinhos, a transferência do Arquivo Histórico para o edifício da Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos e a dotação do Museu com as ferramentas adequadas para os desafios da política museológica actual.

A necessidade de levar a água à cidade de Lisboa e à casa das pessoas favoreceu ao longo dos tempos a EPAL com um património cultural generoso e algo invulgar pelo seu tipo e localização. Não existe nenhum outro museu em Lisboa nas mesmas circunstâncias, nomeadamente no que se refere à disposição do seu património (núcleos) espalhado por quatro locais. Com o Arquivo Histórico, contabilizam-se cinco locais, embora este último tenha condicionantes de carácter óbvio no seu acesso. O facto de o património não estar concentrado num só local pode fazer a diferença na afirmação do Museu como pode ser nefasto, dependendo do investimento, da gestão e das possíveis

⁷⁰ <http://www.chafarizdovinho.com/index.htm>

oportunidades que a empresa queira aproveitar. O Património existe, o resto concerne a prática de um gestão equilibrada e eficaz.

O frágil funcionamento de um núcleo ou de todos pode dificultar o cumprimento da missão do Museu e assim ser contraproducente na política cultural da empresa. Uma relação de proximidade entre o Museu e a administração, sem contudo esta ser invasiva, deve ser proveitosa dado que o Museu tem o nome da empresa e consequentemente representa-a junto dos consumidores, público escolar e demais visitantes.

2. O posicionamento do Museu e do Arquivo Histórico na esfera da empresa

O organograma (anexo 28) da empresa não faz referência ao Museu da Água, embora no *website* existe uma indicação a mencionar a sua dependência directa ao Conselho de Administração (CA), facto que determina a ausência de autonomia no seu funcionamento. Também é a única unidade em que a função do responsável não está atribuída, apenas o nome referido. As restantes unidades estão representadas pelo cargo do responsável. O Arquivo Histórico (AH), igualmente dependente do CA, não designa a função do responsável nem o seu nome. Esta estrutura organizacional reflecte uma falta de importância atribuída a estes serviços no sentido que não fazem parte do objecto de negócio. São apenas acessórios que não geram lucro.

Na orgânica do Museu, não existe a noção clara de uma direcção com estrutura organizacional coerente. O coordenador encabeça uma equipa de oito funcionários que não têm a atribuição formal de competências, apenas de forma informal essa atribuição existe. Não existe qualquer pessoal afecto à área administrativa. A equipa é composta por um coordenador, um rececionista, dois colaboradores do serviço educativo, um colaborador responsável para a divulgação junto dos *media*, dois colaboradores responsáveis pelo aluguer dos espaços e organização de eventos e outro funcionário responsável pela ligação logística entre os quatro núcleos. Do ponto de vista jurídico, o lugar de director encontra-se vago na sequência de cessação de funções de Margarida Ruas, antiga directora, no ano de 2008. Para a sua substituição foram atribuídas as funções de coordenação do Museu a Pedro Inácio.

Cada funcionário do Museu tem ao seu dispor um login que lhe permite aceder à intranet da empresa. Um número próprio de telefone na secretária e um endereço electrónico. A internet encontra-se bloqueada a muitos *websites* incluindo redes sociais. O sistema intranet engloba um conjunto variado de informações e comunicações maioritariamente internas referentes à empresa como por exemplo: ementa da semana, notícias, eventos, passeios, prémios recebidos pela empresa, campanhas, concursos, assinatura de protocolos com instituições e associações, relatórios e contas, agendamento de plenário de trabalhadores, mensagem do Presidente da Administração, etc. Em caso de problemas informáticos, uma linha de apoio informático está disponível para resolver alguma dificuldade. Na deslocação aos outros núcleos, os funcionários não

dispõem de um transporte cedido pela empresa. Existe um carro de cinco lugares destacado para serviço interno do Museu mas encontra-se em constante utilização pelo colaborador com responsabilidade na articulação logística entre os núcleos.

A debilidade a nível orgânico tende a repercutir-se no funcionamento interno causando efeitos externos menos positivos. As restrições orçamentais de que o Museu foi objecto nos últimos anos acentuaram dificuldades pré-existentes e privaram o Museu de se renovar. Existe pessoal sobrecarregado que por falta de apoio dedica grande parte do seu tempo a atender telefones e a tratar de assuntos administrativos, quando, essas tarefas não se enquadram na real função a desempenhar. Este desequilíbrio de forças não permite o desempenho correcto e fundamental no cumprimento das funções inerentes ao bom funcionamento do Museu.

Nos últimos três anos, a empresa obteve um lucro de cerca de 130 milhões de euros⁷¹. A EPAL é uma sociedade anónima, cujo capital é detido a 100% pelo Estado Português. Neste sentido à semelhança de outras empresas públicas, sofreu, nos últimos tempos medidas austeras, que afectaram tanto os funcionários, como o próprio funcionamento dos serviços. Por falta de vontade das administrações e não por cortes orçamentais, um projecto de desenvolvimento de um troço⁷² de uma galeria subterrânea com ligação ao núcleo da Patriarcal não confirmou a sua previsão de abertura em 22 de Março de 2011, conforme continua a estar inscrito erradamente nos Folhetos do Museu. Os visitantes colocam questões sobre a possibilidade e vontade de o percorrer. Contudo, até à escrita deste relatório, e embora se conheça que o projecto de dinamização desses percursos estejam a ser novamente equacionados, ainda não existe perspectivas da sua abertura.

A área de actuação do Museu é fisicamente descentralizada mas do ponto de vista administrativo funciona como se estivesse centralizada. Três dos quatro núcleos encontram-se desprovidos de funcionários do Museu, encontrando-se apenas nos espaços o segurança que assegura a vigilância e o serviço de bilheteira. A sede do Museu destaca-se por ser um núcleo central de trabalho precisamente por ser aquele que oferece maior espaço e condições para isso. Apesar dos funcionários se encontrarem no recinto dos Barbadinhos, espacialmente estão divididos em dois edifícios diferentes e relativamente distantes. A razão deve-se à insuficiência de espaço na Estação Elevatória

⁷¹ 2010 – 45,9 M€; 2011 – 42,5 M€; 43,9 M€

⁷² Troço chafariz do Rato – Reservatório da patriarcal.

a Vapor dos Barbadinhos, para albergar todos os colaboradores do Museu. Essa fragilidade provoca uma dificuldade de comunicação, cooperação e de junção de sinergias comum à equipa de trabalho.

A deslocação aos restantes núcleos deve-se à realização de visitas guiadas regulares ou de actividades relacionadas com um determinado tipo de eventos como por exemplo o Dia Mundial da Água, Dia Internacional dos Museus ou Dia Internacional dos Monumentos e Sítios. Nos outros núcleos, para além da vigilância, o trabalho de recepção está a cargo dos seguranças contratados pela empresa. Parte das suas tarefas correspondem a abrir e fechar o núcleo, receber telefonemas, marcar visitas, vender bilhetes e por vezes na falta de um colaborador do Museu efectuem visitas guiadas às próprias instalações, como é caso da Patriarcal. Durante a visita, aproximadamente 30 minutos, o segurança vê-se na obrigação de fechar o núcleo dado que não estará presente para acolher os visitantes. Saliencia-se que dois núcleos não têm sistema informático com internet (Aqueduto e Patriarcal) ao contrário dos outros dois (Barbadinhos e Mãe d'Água) impedindo a emissão obrigatória de factura e dificultando o acesso à informação, nomeadamente no que se refere à consulta do mapa de visitas semanais e, à contabilização informatizada de entradas para efeitos estatísticos. O registo é manual, com excepção aos núcleos com o sistema informático. A acrescentar a este facto, um incorrecto sistema de registo de visitantes, em alguns núcleos, quanto à sua nacionalidade não proporciona “um conhecimento rigoroso dos públicos do Museu” (Lei-Quadro dos Museus portugueses).

Nos dias de acesso gratuito ao Aqueduto das Águas Livres, a mistura dos visitantes livres com as visitas guiadas previamente marcadas dificultam o trabalho de quem dirige a visita ao património. Por falta ou incorrecta distribuição de recursos humanos no Museu e por razões de segurança, o Aqueduto mantém sempre a porta de acesso ao Parque Florestal de Monsanto fechada, abrindo-a apenas aquando de uma visita com guia de modo a poder dar a volta ao monumento. Os visitantes livres ficam fechados do lado do Parque de Monsanto sem que o guia se aperceba dado que a função dele é guiar o seu grupo correctamente organizado. A informação de carácter importante não está sinalizada nos guias, nem existe um plano de sinalética na entrada do monumento. O segurança tende a informar os visitantes desse aspecto de modo a suavizar uma possível incompreensão. No entanto, são frequentes os casos de visitantes que entram no jardim da Meia Laranja sem prestarem a devida atenção para a placa

sinalizadora da bilheteira e entram pelo Aqueduto fora. Este caso recorrente revela a incorrecta sinalização existente, facto que obriga atenções redobradas do segurança.

Na comunicação externa, o Museu padece de várias fraquezas. Carece de um *website* condigno que não deve ser substituído por um *blogspot* e de uma página institucional no *Facebook* à semelhança da existente página institucional da EPAL. No auge das redes sociais, a maioria dos museus aposta nesta presença *online* e é encarada como mais uma possibilidade de contacto com os públicos-alvo.

A revista mensal, *Follow Me*, editada em inglês e espanhol pelo Turismo de Lisboa faz apenas uma pequena referência ao núcleo dos Barbadinhos, e no respectivo mapa turístico da cidade não refere a localização dos Reservatórios da Patriarcal e da Mãe d'Água, enfraquecendo assim a sua divulgação junto do público estrangeiro e nacional. Outra debilidade na área da comunicação depreende-se com a informação prestada nos guias turísticos. Muitos deles do ano de 2013, encontram-se com informações desactualizadas relativamente aos horários de funcionamento do Museu, outros não referem a instituição museológica e alguns apenas se referem a um ou dois núcleos. Igualmente, a informação no Google Maps encontra-se desactualizada e não refere o núcleo da Patriarcal.

Na comunicação interna, existe o boletim informativo mensal *Contador d'Água* (anexo 29) que informa as principais actividades e iniciativas lúdico-culturais realizadas no e pelo Museu. A título de exemplo refere-se o conteúdo do boletim de Junho de 2013: parcerias estabelecidas com instituições (EGEAC, Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva), presença em festas (Festa da arqueologia) e colóquios relacionados com a educação, ambiente e água (Jornadas da Sustentabilidade), rescaldo sobre comemorações de dias especiais (Dia mundial do ambiente, Dia mundial da criança), projectos de Formação para a cidadania (Assembleia das crianças), exposições a decorrerem (Exposição Litoral), visitantes especiais (Ordem do engenheiros), anúncio de passatempos (Fotoágua) e divulgação do Museu por outros meios de comunicação (Revista UP da TAP). O Jornal Águas Livres, jornal interno da empresa, é distribuído mensalmente a todos os funcionários. Contém informação bastante completa sobre a actividade global interna e externa da empresa, sobre o Museu, destacando os eventos, e o Arquivo Histórico, divulgando o seu processo de evolução.

Posicionalmente o Museu é fruto daquilo que a administração decide na sua gestão e política cultural. A posição que ocupa enfraquece a sua actuação por existir

uma desorganização na sua orgânica e falta de recursos nas áreas efectivamente necessárias, conduzindo assim a um funcionamento parcial, com lacunas, não totalmente potencializado. Num tão curto período de estágio, não foi possível apurar a relação concreta entrelaçada da administração com o Museu. Apesar de algumas dificuldades, o Museu é funcional quanto ao respectivo cumprimento da sua missão mas existe um sentimento de que poderia ser otimizado de forma a atingir um grau de excelência de acordo com o potencial que detém.

Posicionalmente idêntico ao Museu, o Arquivo Histórico tem meios e instalações adequados ao seu funcionamento. Os documentos estão bem acondicionados e protegidos de acordo com as normas e procedimentos de conservação. O trabalho realizado nos últimos anos tende a mostrar uma certa preocupação e aposta da empresa em manter, estudar e divulgar os seus Acervos Histórico e Museológico, revelando assim uma via de acesso para os investigadores e outras pessoas externas à EPAL.

Sabendo que a distribuição e venda de água ao consumidor é o objecto de negócio da EPAL, destacando-se neste serviço prestado, a empresa faz questão de ter uma responsabilidade social⁷³ quanto à conservação e fruição pública do património histórico e monumental (Museu, Mães d'Água Velha e Nova), realização de exposições de arte nos monumentos, realização de concursos de fotografia, desenhos, trabalhos escolares, presença de um Serviço Pedagógico de apoio ao ensino nas áreas da água e do ambiente, e edição e publicação de obras de interesse histórico, técnico e científico. Na responsabilidade perante os funcionários do Museu, a empresa peca por não disponibilizar um meio de transporte no desempenho de tarefas referente ao percurso entre os núcleos. Esse transporte fica a cargo de cada funcionário.

No entanto, numa vertente do aumento de qualificações escolares, a empresa incita e promove junto dos seus trabalhadores a seguirem um plano anual de formação e apoio à melhoria das qualificações académicas e profissionais⁷⁴. Actualmente, o Museu e o Arquivo Histórico têm quatro dos seus funcionários a frequentarem o ensino superior na obtenção de graus académicos, Pós-Graduação, Mestrado e Doutoramento, assim dispondo “de pessoal devidamente habilitado, nos termos de diploma regulador específico” (Lei-Quadro dos Museus Portugueses). A questão importante desta iniciativa é questionar-se sobre o tipo de formação académica seguida e se esta se

⁷³ Vídeo Institucional. [Consult. 12 out. 2013]. Disponível em <http://www.epal.pt/mme/show/>

⁷⁴ Idem

encontra alinhada com as necessidades requeridas na função exercida no Museu por parte do “trabalhador estudante”.

Capítulo IV - Propostas de intervenção na gestão e programação do Museu da Água da EPAL

“Hablar de gestión es hablar del manejo de algo que se administra para que produzca los mejores resultados posibles. (...) gestionar el Patrimonio Histórico Cultural será administrado de tal modo que, no sólo no se deteriore o perezca, sino que se rehabilite, se enriquezca, sea consociado y disfrutado por todos y se convierta en un elemento de desarrollo social e económico.” Rosa Campillo Garrigós.

A concepção, montagem ou renovação de um museu passa por estar alicerçada no seu Acervo Histórico e Museológico. O conhecimento e fácil acesso às reservas implicam a já investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação do património cultural referente às funções museológicas (Lei-Quadro dos Museus Portugueses). A reserva é o bastidor do museu. As acções do museu partem da reserva. É o espaço no qual os conceitos chave da museologia começam a ganhar forma, daí a importância de ter reservas condignas em termos de gestão, conservação e segurança por pessoal devidamente habilitado e qualificado.

Conhecida a conjuntura completa de funcionamento do Museu, é possível delinear um plano programático de património cultural de acordo com uma gestão eficaz e proveitosa para a instituição museológica. A ascensão de Lisboa como um dos destinos mundiais de excelência nos últimos tempos tem atraído um acréscimo significativo de visitantes estrangeiros à Capital. A média de 20 % de visitantes estrangeiros ao Museu da Água em 2012 faz crer que seria oportuno criar uma forma de atrair esse público pela aposta de uma comunicação mais visível e convincente.

Este capítulo pretende apresentar o papel do Gestor do Património Cultural, objectivar formas de gestão e programação do património cultural a cargo da EPAL, nomeadamente património constituinte do Museu e do Arquivo Histórico, com vista a que o processo de funcionamento seja optimizado e acompanhado, assim, o incremento de vários públicos pela qualidade e excelência dos serviços do Museu.

1. O Gestor do Património Cultural

De acordo com cada sector de actividade profissional, o profissional deve reger-se por um código deontológico, ético ou moral. O pensamento profissional distingue-se do pensamento comum por ser um pensamento especializado. Para Emmanuel Putman, a deontologia mais não é do que um pleonasmo da moral, na medida em que se refere ao conjunto de deveres impostos ao indivíduo no quadro do exercício da sua profissão⁷⁵.

Por outras palavras a deontologia é uma moral profissional porque reflecte os princípios morais de uma profissão na sociedade. A profissão de Gestor do Património Cultural procurou igualmente reger-se por um código deontológico com a finalidade de autorregular-se, autonomizar-se e obter de certa forma uma legitimidade social.

A Associação Portuguesa de Gestores do Património Cultural (APGC), no seu código deontológico, define a função do profissional de Gestão do Património Cultural como sendo:

“distinta de outras profissões relacionadas com o dito património. O Gestor do Património Cultural não é um artista, nem um conservador de Museus, nem um arqueólogo, nem um historiador de arte, nem um restaurador, nem um arquitecto, contudo pode ter formação em qualquer uma destas ou de outras áreas. O Gestor do Património Cultural é, eminentemente, um administrador de recursos, e a sua função é amplamente multidisciplinar, requerendo, primordialmente, um amplo conhecimento específico acerca do elemento do Património Artístico-Cultural que tenha de gerir, e, igualmente, possuir múltiplos e variados conhecimentos que vão desde as técnicas de Administração de Organizações Culturais à Direcção de Recursos Humanos e ao Marketing Cultural.”⁷⁶

Essencialmente, o profissional procede a uma eficiente administração de recursos utilizando o saber, as técnicas e a metodologia da sua área de operação referente ao património cultural. A sua profissão obriga-o a ter uma postura de sensibilidade e responsabilidade rigorosa quanto ao património cultural sob sua égide.

A tarefa do Gestor do Património Cultural aliada à programação pode facilitar, agilizar e otimizar processos de funcionamento inerentes a um museu ou outros

⁷⁵ DURAND, Guy - *Introduction générale à la bioéthique - Histoire, concepts et outils*. Paris: Éditions Fides, 1999.

⁷⁶ <http://www.museusportugal.org/apgpc/>

estabelecimentos com uma política de gestão do património cultural. Não estando restrito a uma única área de intervenção no Museu da Água por exemplo, a sua acção pode ser benéfica no estabelecimento de pontes entre os Arquivos Histórico e Museológico e o Museu, a empresa e o património, a comunicação e o público, ou então entre qualquer um destes elementos. Em estrita colaboração com o coordenador do Museu, a gestão e o acompanhamento atento da globalidade do património pode e deve ser um benefício no apoio à decisão.

As técnicas de gestão empresarial concentram-se numa política de optimização das condições internas e externas que existem num dado momento⁷⁷. Hernandez e Tresserras entendem por gestão do património um conjunto de actuações programadas com o objectivo de conseguir uma óptima conservação dos bens patrimoniais e o seu uso adequado às exigências sociais contemporâneas⁷⁸.

A gestão do património com valor cultural, numa perspectiva de salvaguarda, é um processo que se cinge por várias etapas. A primeira, o rastreio dos vestígios relevantes com uma equipa interdisciplinar. Quem escolhe? Porquê? Como? Não há critérios específicos. Cabe ao(s) decisore(s) decidir pelo melhor possível. A decisão sobre o bem deve ser perfeitamente válida e universalmente aceite, de modo a que, as gerações vindouras entendem por que razão o bem foi preservado e qual o uso destinado mais adequado e benéfico para a sociedade⁷⁹. Pode originar inicialmente confusões, dado que nada se encontra organizado, e ter em atenção que a junção de certas categorias de profissionais numa mesma equipa pode provocar mais divergências do que convergências. A segunda refere-se à investigação, estudo e noção do respectivo contexto dos vestígios. A investigação tem o propósito de entender a origem e história do vestígio no seu contexto, e a sua evolução. Os resultados apresentados serão a base da decisão a tomar. Uma terceira fase passa por propor uma classificação tendo por suporte critérios previamente definidos. A definição de critérios é primordial para o futuro do vestígio. Maus critérios poderão prejudicar o vestígio. A classificação determina ou não a sua salvaguarda. Numa base de dados, inventaria-se para memória o que é destruído e o que existe. Uma vez preservado, o vestígio entendido como

⁷⁷ GARRIGÓS, Rosa Campillo – *La Gestión y el Gestor del Patrimonio Cultural*. 1ª ed. Murcia: Editorial KR, 1998.

⁷⁸ HERNÁNDEZ, Josep Ballart; e TRESSERAS, Jordi Juan i - *Gestión del patrimonio cultural*. 1ª ed. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 2001.

⁷⁹ Idem

património cultural com valor é inventariado, criando assim uma nova fonte de informação para o futuro. A quarta etapa passa pela reutilização ou musealização. Nesta proposta de utilização, uma estratégia de salvaguarda e de rentabilização tem de estar afectada a uma programação operacional. De seguida, conservar, restaurar e passar pela produção de *outputs* sob vários formatos para divulgação e execução de programas e actividades culturais, com fins educativos e na atracção de público a bem da sociedade. Relembre-se que a selecção do bem é uma forma de atribuir valor⁸⁰ e é precisamente esse valor a partir do contexto, do uso, da estética, da raridade, e do simbólico que se torna alvo de salvaguarda pelos responsáveis destacados.

⁸⁰ Idem.

2. As propostas

As propostas que se seguem visam dar pistas e traçar caminhos na administração de recursos existentes, e outros que possam vir a ser úteis, numa eficiente gestão e aplicação de métodos e técnicas adequadas no Museu e nos Acervos.

A primeira proposta pode apenas parecer um gesto simbólico mas na realidade a posição tomada é diferencial na sua aplicação. A colocação do Museu e do Arquivo Histórico no organograma da empresa é importante para demonstrar que são partes integrantes na empresa. Os funcionários do Museu exercem funções profissionais como qualquer outro funcionário da empresa e têm o mesmo estatuto independentemente de estarem na direcção A, B ou C. Posicionalmente, o coordenador do Museu tem mais facilidade em dirigir uma equipa agrupada seguindo uma única voz do que dispersa por várias instalações. O estreitamento de laços na execução do trabalho colectivo num objectivo comum reforça-se inicialmente pela proximidade física e na consequente liderança.

A continuidade do trabalho realizado na reorganização do Arquivo Histórico e Acervo museológico pela actual equipa é imprescindível na renovação do Museu ao nível das suas colecções e instalações. A política de incorporações de objectos e documentos deve ser intensificada junto dos antigos e actuais trabalhadores da empresa por meio de um contacto directo e continuado. O argumento deve fazer prevalecer o cenário de que todos devem contribuir na doação daquilo que possuem, propriedade da empresa, ou no empréstimo, propriedade própria, para uma causa nobre, de um melhor conhecimento do passado da empresa e dos seus trabalhadores, e num maior apetrechamento dos Acervos, tendo em conta o processo descrito no ponto anterior. Apoiada nos documentos guardados e identificados, uma investigação sobre trabalhadores de antigos familiares da empresa é de todo interessante na recolha de memórias e possíveis objectos para efeitos de preservação e divulgação da intangibilidade em futuras exposições e assim reforçar ou criar laços.

A condição humana pode ser retratável naquilo que se reproduziu no desenvolvimento da actividade profissional. A título de exemplo, investigar as várias equipas responsáveis pelo funcionamento da Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos, os guardas responsáveis pela vigilância dos equipamentos e monumentos relativos à condução de água e todas as demais profissões ligadas intrinsecamente ao

elemento “água” dentro da empresa que de algum modo possam produzir conhecimentos úteis ao processo de musealização. Quem foram? Como se vestiam na prática profissional? Que tarefas realizavam? Que histórias podem contar? São algumas perguntas que poderão iniciar um projecto de investigação na redescoberta do passado pessoal do trabalhador, assim retrocedendo várias décadas.

Na obra *What the tourist should see*, de Fernando Pessoa, de 1925, existe uma referência à possibilidade da visita do Aqueduto naquele tempo, “It may still be visited, however, by obtaining the permission of the guards”⁸¹, refere o poeta. Seria interessante voltar no tempo e investigar o papel deste guardas quanto ao desempenho de funções de possíveis guias ao monumento. O Aqueduto, já nessa altura muito requerido, era visitado por quantas pessoas por dia? Maioritariamente estrangeiros ou portugueses? Existem escritos, registos, fotografias de visitantes? Existem histórias caricatas ou curiosas com interesse histórico-cultural? Fomentar uma iniciativa de envio de fotografias antigas por visitantes ou familiares dos próprios sobre e a partir do Aqueduto, para publicação no *website* do Museu e outras redes sociais, poderia (re)constituir uma história em que a paisagem e os trajes de cada pessoa ilustram o ambiente característico de cada época.

O resultado do enriquecimento dos Acervos deve seguir a sua publicitação frequente no Jornal Águas Livres, como tem sido habitual até ao ano de 2011. A reunião dos Acervos num único espaço ou num mesmo edifício seria oportuno no seu acesso e manuseamento. Com obras de remodelação e requalificação adequadas para o efeito, o edifício sede do Museu poderia perfeitamente acolher o valioso património cultural da empresa e assim tornar-se num pólo unificador.

A rentabilização do património seleccionado através da renovação total da exposição permanente é um dever aconselhável na política cultural da empresa. Novos objectos e novas fontes angariados e outros disponíveis nos Acervos constituem informação inédita para uma nova museografia. A exposição actual perdura há 26 anos. Necessita de um novo fôlego para fazer brotar águas novas. Uma nova fonte de Águas Livres é necessária. Algo de acordo com as práticas da nova museologia e com um toque de originalidade. Uma renovação implica criar uma identidade e conceito novo de

⁸¹ <http://lisbon.pessoa.free.fr/InteractiveBook.php>

modo a torná-lo sensível aos olhos do visitante⁸². As novas tecnologias são todos os dias uma novidade e cada vez mais acessíveis a todos, crianças e adultos. Uma exponencial evolução tende a confundir o real e o virtual na medida em que a ficção científica apresentada em filmes futuristas tem data anunciada nos mais variados sectores da sociedade. Para além de perceber melhor o mundo, agora é indiscutível entrar nele e interagir com ele como nunca antes foi possível. No campo museológico, uma exposição que desperte emoções, sensações, conhecimentos, com toda a cultura ecológica e ambiental assente numa cidadania responsável e activa, já desenvolvida pelo Serviço Pedagógico, é um trunfo na captação de novos públicos e na fidelização de outros. O perigo de recorrer à tecnologia recente é usá-la da mesma forma como os outros demais museus a usam. O fazer melhor implica ter uma visão que possa ver para além das evidências e estabelecer planos estratégicos. Tudo está na originalidade em fazer melhor, diferente e simples para que seja bem compreensível e provoque questionamentos conscientes.

Em cada espaço museológico do Museu, o percurso do visitante livre deve caracterizar-se por ser apetecível desde o momento da entrada ao momento da saída. Cada núcleo é diferente não sendo adaptável à mesma museografia, gestão e programação. Primeiramente, no núcleo dos Barbadinhos, propõe-se um trabalho de reorganização a nível espacial do recinto com a pretensão de ver primeiro o Museu e, depois dar uns passos pelos espaços verdes adjacentes, observando os objectos museológicos, admirando com mais atenção a fachada do edifício da Estação Elevatória a Vapor, ao seu lado a fachada da estação eléctrica, a parte superior do reservatório dos Barbadinhos e a bela vista para o Tejo. Para tal, seria desejável a identificação dos objectos museológicos presentes e a introdução de outros de modo a estabelecer uma museografia fora do Museu. O percurso inverso pode igualmente ser efectuado. É importante dar opção ao visitante através da utilização de uma sinalética adequada. Na entrada do recinto, é necessário estar bem perceptível o percurso que se deseja escolher.

Neste núcleo, seria frutuoso o recurso às tecnologias mais recentes. Um vídeo com a tecnologia de vídeo *mapping* a descrever o abastecimento de água desde a época romana até à actualidade, uma animação multimédia sobre o percurso de água desde a nascente da Água Livre até aos chafarizes da Lisboa do século XIX, o processo de

⁸² GOB, André; DROUGUET, Noémie – *La muséologie. Histoire, développements et enjeux actuels*. Paris : Armand Colin Editeur, 2004. P. 55

construção do Aqueduto sobre o Vale de Alcântara, o impacto que o terramoto de 1755 provocou no Aqueduto, o desenvolvimento da cidade e da primeira fábrica de sedas, os horrores perpetrados por Diogo Alves e o seu bando no Aqueduto, são elementos representativos como sugestões válidas.

Nos dias de hoje, maioritariamente o uso do *smartphone* tem crescido exponencialmente nas mais diversas utilizações. De modo a facilitar a visita ou torná-la mais pessoal no âmbito de roteiro, uma aplicação móvel (App) em *Android* e *IOS*⁸³ criada para o efeito, é descarregada pelo visitante por *wifi* num *QR Code* no Museu, e utilizada como audioguia ou como plataforma de apresentação de textos relativos a cada conjunto de objectos e secção da exposição. A inclusão de um mapa sobre a exposição com o percurso a seguir é de todo obrigatória. Para uma óptima utilização, é requerido uma cobertura *wifi* em todo o espaço ou então a possibilidade de utilizar a aplicação em modo *offline*. Pelo menos três línguas devem constar na aplicação: português, francês e inglês. A App não se restringe somente aos Barbadinhos mas sim a todos os núcleos, dispondo assim de conteúdos adequados a cada um.

Dentro do núcleo, o *merchandising* por detrás da recepção deve ser realocado para um espaço em que o visitante possa ver os produtos de perto (anexo 30) à semelhança do lado oposto. Uma renovação nos produtos à venda seria oportuna. Produtos com intenção de despertar o visitante. Por exemplo, um produto de baixo custo que permitisse filtrar água não potável em água potável e outro que gaseifique água e sumos. Uma divisão entre a recepção e o espaço com televisão seria de todo vantajoso dando um carácter mais reservado à visualização de conteúdos pelo visitante. Na sala de exposição permanente, a sinalética do percurso da exposição ajudaria a entender melhor o encadeamento e cronologia da história do abastecimento de água a Lisboa. Os variados objectos presentes poderiam voltar a viver contextualizando-os. O contador português Bastos (anexo 31) mais conhecido por “pancadas” teria para o visitante, todo o interesse em reproduzir sonoramente o seu funcionamento por um mecanismo de som, gravado, cada vez que fosse accionado. Em todo o percurso, a presença de algumas torneiras vivas a jorrar água (quando abertas) para quem tenha sede, com copos recicláveis à disposição, identificando o nome da empresa e o incentivo de beber água da torneira (apelo frequente da EPAL) seria uma aposta interessante.

⁸³ Sistemas Operativos com mais utilizadores no mercado a nível mundial.

O cheiro característico da combustão do carvão na sala das bombas merece por si só destaque de como 48 anos de actividade ficaram entranhado nesta parte do edifício. Um esquema ou reprodução visual do funcionamento da Estação Elevatória a Vapor na sala das máquinas, a par da demonstração feita numa das quatro máquinas (já equipada com uma sistema eléctrico), seria apreciado para entender melhor o mecanismo de tal tecnologia. Por fim, a sala de exposições temporárias (anexo 32) deve albergar uma exposição de modo a não se utilizar a totalidade da sala, a não ser que seja efectivamente necessário. Uma exposição que trate de diversos assuntos relativos à água ou incidindo numa parceria de troca de exposições com outros museus da água internacionais seria uma verosímil e interessante possibilidade. A inserção estratégica de bancos ou poufs para sentar, na exposição, torna o espaço mais acolhedor e cómodo, para descansar ou desfrutar por exemplo de uma fotografia, objecto, ou esquema.

À saída, a localização dos outros núcleos deve estar exposta num mapa, na respectiva App e num *QR Code*⁸⁴, de fácil compreensão, num espaço próprio para o efeito, e com toda a informação necessária em chegar a cada um deles a partir dos Barbadinhos: transportes públicos (se necessário) e menor tempo demorado⁸⁵. Também importa referir a indicação das paragens (metro e autocarro) perto dos núcleos. Esta informação é colocada em todos os núcleos de modo a facilitar o percurso entre os espaços. Por se encontrar fora do centro de Lisboa, o núcleo dos Barbadinhos encontra-se numa zona tranquila, com pouco movimento e com um considerável espaço de estacionamento gratuito. A presença, no recinto, sem necessidade de adquirir bilhete, de uma cafetaria com vista para o Tejo poderia trazer vantagens para a atracção de um novo tipo de público e assim ser um impulso para o movimento de pessoas até a este espaço museológico.

O núcleo da Mãe d'Água das Amoreiras é um espaço com alguma humidade mas não tanto como o Reservatório da patriarcal. Este último, como se verá no capítulo seguinte, apresenta índices de humidade muito elevada. Na sua zona circundante, existe um espaço verde com potencial de lazer. Com alguma frequência, os grupos escolares

⁸⁴ Com uma ligação à internet ou GPS, é possível deslocar-se através da App do Google Maps até aos núcleos escolhendo vários tipos de transporte (carro, autocarro e marcha).

⁸⁵ Ex: Barbadinhos – Aqueduto, paragem: Rua Vale de Santo António, autocarro 712, saída: Rua Francisco Manuel de Melo, 35 min.

Barbadinhos – Patriarcal. 2 autocarros. Paragem: Calçada de Santa Apolónia, autocarro 735, saída: Cais do Sodré. Paragem: Cais do Sodré, autocarro 758, saída: Príncipe Real. 18+6 min.

Barbadinhos – Mãe d'Água, paragem: Calçada de Santa Apolónia, autocarro 706, saída: Largo do Rato, 36 min.

aproveitam este espaço para fazerem uma pausa no momento antes de iniciar a visita ou no término.

A existência de uma exposição em que a humidade não interfira nos materiais deve estar presente com alguma regularidade de forma a completar o monumento. Na visita livre, seria de todo essencial que se pudesse visitar a Casa do Registo (actualmente encerrada) para uma visita mais completa e esclarecida (anexo 33). A abertura da porta de acesso aos últimos metros do Aqueduto incluindo o Arco Triunfal é recomendado para que o visitante não fique apenas confinado ao espaço reservatório (anexo 34). Ter acesso a essa extensão assume um carácter mais apelativo ao monumento e torna a visita de certo modo mais completa. Para questões de segurança, a colocação de uma porta convenientemente adaptada à legislação sobre intervenções no património classificado, após o Arco Triunfal a fazer de barreira é imprescindível, dado que mais acima se encontra o Reservatório do Arco, zona proibida. O terraço apresenta uma panorâmica interessante em que se pode vislumbrar alguns monumentos históricos, culturais e religiosos da cidade. Dois mapas fixos na pedra poderiam ajudar o visitante a identificá-los. A reconstituição original e exposição em forma de maquete ou figura digital da fonte barroca seria uma prática de preservação da memória imagética e uma forma de contrastar a fonte matriz com aquela que se observa hoje, mas com a consequência do contacto da água no calcário, uma erosão traduzida numa desfiguração quase total.

Um programa de visitas guiadas num dia específico marcado ao monumento com as sugestões acima mencionadas poderia ser implementado (ex: sexta às 11h). Os produtos de *merchandising* estariam melhor colocados num armário ou estante, em vez de se encontrarem à volta da mesa do segurança numa base de vidro baixa.

O núcleo Aqueduto das Águas Livres, imagem de marca de Lisboa, é um monumento em que as condições meteorológicas influem fortemente na sua visita. A história dos assassinatos de Diogo Alves lançando as suas vítimas do alto do Aqueduto é conhecida da maioria que percorre o monumento. Contudo, como já se pôde constatar, não é o núcleo mais visitado. Pelo trabalho registado no terreno, constata-se que muitos visitantes da própria cidade de Lisboa e arredores desconheciam que era possível passear no monumento e outros pensavam que apenas estaria aberto nos meses de verão. Apesar de ser o núcleo que recebe mais grupos organizados para visitas guiadas, a recepção de visitantes pode ser optimizada. A abertura da porta que dá acesso ao Parque

Florestal de Monsanto implica a presença de um segurança ou de um recurso humano na venda de bilhetes naquele local. Desta forma o público teria a possibilidade de percorrer o Aqueduto a partir de Monsanto. A falta de instalações próprias para o efeito à semelhança da entrada por Campolide não favorecem essa iniciativa. Nos dias de abertura gratuita ao público, aconselha-se por bem a abertura da porta de Monsanto com a presença suplementar de um segurança para que os visitantes possam dar a volta ao Monumento e assim não sentirem um tipo de má gestão relacionada com o fecho da porta ou defeituoso aproveitamento do espaço.

Reforçar as relações através de parcerias frequentes com o Centro de Interpretação de Monsanto na produção de actividades conjuntas ligadas à água, biologia, natureza, preservação ambiental e saúde envolvendo as comunidades locais é a ter em consideração. Transversal ao Museu, a melhor difusão do bilhete geral que permite a visita aos quatro núcleos a preço reduzido deve ser acentuada.

Uma equipa de recursos humanos em que pelo menos um elemento esteja presente em cada núcleo a prestar informação de qualidade ao visitante e disponível para realizar visitas guiadas é fortemente recomendável para assim complementar o Serviço Educativo.

O capítulo seguinte será dedicado ao Reservatório da Patriarcal e à Galeria do Loreto, com incidência mais detalhada na rentabilização cultural dos espaços.

Comunicar o Museu

No capítulo anterior, referiu-se que a comunicação externa é uma das grandes fragilidades do Museu da Água. Ao contrário da empresa, esta não necessita de divulgar o seu precioso líquido dado que detém o monopólio do mercado na venda de água. Todos os núcleos necessitam de divulgação e de uma dinâmica viva. Comunicar também é uma forma de salvaguardar e transmitir o património cultural. A começar obrigatoriamente pelo *website*, página nas redes sociais *Facebook*, *Google+*, *Youtube*, *Pinterest* e *Flickr*. É necessário corrigir as informações sobre os espaços do Museu no *Google Maps* de modo a não induzir o potencial visitante em erro.

Protocolarmente com a carris propor a personalização integral de várias paragens de autocarro próximo dos núcleos. Esta iniciativa insere-se num contributo de colocar o Museu no espaço público e numa vertente de identificar melhor as diversas

localizações de cada núcleo. Por exemplo, a paragem de autocarro em frente à estação de Santa Apolónia com a indicação do núcleo dos Barbadinhos; na zona do Largo do Rato com a localização do núcleo da Mãe d'Água das Amoreiras; e do Aqueduto na zona *Amoreiras Shopping Center*. O contacto com a revista *Time Out Lisboa* na divulgação das actividades do Museu deve ser regular.

Incluir o Reservatório da Mãe d'Água e o Reservatório da Patriarcal no Mapa Oficial de Lisboa e na Revista de turismo *Follow Me*, e incluir nesta os outros três núcleos a par dos Barbadinhos. Desta forma, o Museu marca maior presença como oferta cultural para o visitante estrangeiro. Realizar acções de informação e divulgação do Museu em pontos estratégicos do espaço público em que o incentivo de beber água da torneira pode ser complementar ao sugerido. Numa eventual possibilidade, utilizar estrategicamente os chafarizes e troços superficiais do Aqueduto como espaços de comunicação do Museu, todavia, sem retirar o valor patrimonial dos próprios descaracterizando-os.

As propostas, quer ao nível da administração de recursos numa reorganização na orgânica interna, quer ao nível da comunicação externa devem sempre estar direccionadas na estratégia de uma renovação do Museu e por um funcionamento de gestão eficiente de acordo com os recursos necessários.

Capítulo V - Projecto Mary-Loreto: gestão e programação do Reservatório da Patriarcal e da Galeria do Loreto.

“Ele é o monumento final da praça, coração oculto do Monte Olivete, insólito e misterioso, entre sombras que se projectam em filme expressionista...” José-Augusto França.

“O meu troço preferido é o que começa na Patriarcal, no Príncipe Real, e vai desaguar ao postal de Lisboa que é São Pedro de Alcântara.” João Botelho, realizador.

O Reservatório da Patriarcal integra há já 19 anos o Museu da água da EPAL. A história do espaço e da envolvente exterior, conjugada com o submundo de que é característico, raro espaço no coração de Lisboa, oferece um percurso e uma ligação a uma galeria subterrânea. Estes elementos tornaram apetecível rentabilizar culturalmente os espaços e dar-lhe o devido lugar de dignidade enquanto instrumento (passado) fundamental no abastecimento de água à cidade de Lisboa.

Considerado “a casa de banho” por quem passa no Jardim do Príncipe Real e pelos próprios funcionários do Museu, este espaço cultural pouco (ou nada) é conhecido. A entrada escondida e pouco apelativa contribuem para este destino. Na rota de destinos turísticos culturais dentro da cidade, apresenta tanta ou mais potencialidade de atrair visitantes em relação ao Aqueduto das Águas Livres, o grande *ex-libris* de Lisboa.

Este quinto capítulo tem como objectivo dar a conhecer melhor a zona em que se encontra o núcleo da Patriarcal e da Galeria do Loreto por meio de uma contextualização histórica, evidenciar de como um projecto experimental foi útil nos processos de diagnóstico, e programá-lo, com o nome de projecto Mary-Loreto, à luz da gestão do património numa óptica de rentabilização cultural.

1. O Reservatório da Patriarcal: uma herança atribulada

O Jardim do Príncipe Real alberga no seu coração subterrâneo um reservatório de água pouco conhecido pela população lisboeta e muito menos pelo turista nacional e estrangeiro. Este espaço é hoje o resultado de acontecimentos marcantes e conturbados na história da capital portuguesa. Desde 1400, as terras deste espaço eram conhecidos pelos nomes de Cotovia ou Alto da Cotovia. Em meados do século XVIII, o espaço é apelidado de “Obras do Conde de Tarouca” por o Conde ter mandado edificar, dois séculos antes, um Palácio em que a grandeza do projecto excedia os meios possíveis na sua execução. Após a sua morte, as ruínas da obra inacabada, tornam-se num amontoado de entulho. Por isso, em 1740 era considerada a lixeira do Bairro Alto. O Marquês de Penalva, sucessor do Conde, vende os terrenos aos padres da Companhia de Jesus para erigir o Colégio das Missões que viria ser arrasado pelo terramoto de 1755. No meio dos escombros, o lugar era frequentado por vadios e criminosos que esperavam o tabaco contrabandado vindo das naus, e assaltavam quem por lá passasse⁸⁶ à socapa da polícia.

Um ano mais tarde, é edificada a nova Basílica Patriarcal, e celebrada a primeira missa em 1757 que, antes da sua conclusão, foi destruída por fogo posto em 1769. O local ficou conhecido como “Patriarcal Queimada”. Em 1791, inicia-se a construção do Real Erário, Tesouraria Central do Reino. Embora demasiado grandioso e ambicioso, o custo da obra e as falhas na construção remetem o projecto para o esquecimento e o lugar muda novamente de nome, “Sítio das Obras ou Caboucos do Erário Régio”. Em meados do século XIX, o mercado dos porcos e a antiga feira é aí estabelecida mas o Governo decide limpar o largo e entregá-lo à Câmara de Lisboa para a projecção de uma praça. É de salientar que em 1853, o poeta Castilho e o engenheiro Pézerat, propõem a construção de um complexo arquitectónico para acolher conferências e saraus poéticos para mil pessoas, mas tal obra nunca saiu do papel.

Sublinha-se que aquele local foi também palco de forcas, acampamentos militares no pós-terramoto, projecto para um observatório astronómico, e que o

⁸⁶ FIGUEIREDO, Paulo – *Mercês Lisboa, A Freguesia na História*. Lisboa: Junta de Freguesia das Mercês. 2001. P. 68

incendiário da Basílica Patriarcal foi precisamente lá queimado vivo, por querer ocultar no incêndio os seus furtos em ouro e prata.

Com tantas instabilidades e percalços, o projecto que ainda perdura esteve ligado a uma zona importante no abastecimento de água à cidade. Recebeu água do Aqueduto das Águas Livres e depois do Rio Alviela em 1890, via um sifão Patriarcal-Verónica, com a implementação da Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos. Foi precisamente no núcleo central dos caboucos do Erário Régio que a Companhia da Empresa das Águas de Lisboa, entre 1860 e 1864, construiu o reservatório atribuindo-lhe o nome de Patriarcal, certamente pela influência da memória viva da “Patriarcal Queimada”. O formato octogonal do reservatório deve-se ao aproveitamento dos alicerces da Torre Central do Erário Régio. Contratado pela primeira Companhia das Águas de Lisboa, o engenheiro Louis-Charles Mary, da École des Ponts et Chaussées e do Serviço das Águas do Sena, de Paris, foi o responsável por este projecto que se destinava a abastecer a zona baixa ocidental da cidade de Lisboa. Integrado no Museu da Água da EPAL desde 1994, o reservatório serve de espaço cultural. A parte de cima do reservatório é embelezada por um lago com repuxo no qual à sua volta está um gradeamento, também octogonal.

No ano de 1869, tem lugar a implantação de um jardim romântico inglês e a praça recebe o nome de Príncipe Real, em homenagem ao futuro rei D. Pedro V, primogénito de D. Maria II. Por imposição da República, a Praça, entre 1911 e 1949, passa a chamar-se de Praça do Rio de Janeiro. No entanto, a partir de 1915, o jardim apelida-se de jardim França Borges, em homenagem ao notável jornalista republicano. O jardim com cerca 1,2 ha, tem elementos históricos que presenteiam quem por lá passa: o monumento dedicado a França Borges, o busto de Sousa Viterbo, a estátua referente ao primeiro centenário da morte de Antero de Quental, e um Cedro-do-Buçaco⁸⁷ com mais de 20 metros de diâmetro.

A Galeria ou Aqueduto (subterrâneo) do Loreto liga-se ao Reservatório da Patriarcal por uma galeria também chamada de Patriarcal (anexo 35). A Galeria do Loreto, construída em 1747 por Carlos Mardel, provém do Reservatório da Mãe d'Água, mais precisamente de um edifício contíguo, a Casa do Registo. Com uma extensão de 2 835 metros, abasteceu importantes chafarizes e edifícios durante o século XVIII e XIX, finalizando o seu percurso no largo do Teatro de São Carlos (anexo 36).

⁸⁷ Classificado como Árvore de Interesse Público.

Para não fugir às instabilidades da zona, a Galeria foi completamente destruída pelo terramoto, mas como Sebastião de José Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, necessitava de água para abastecer as fábricas da zona, foi logo reconstruída em 1756. A Patriarcal não recebe água do Aqueduto do Loreto. A água que chega ao depósito vem do Reservatório do Arco que se situa a uma cota superior do Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras. Daí a importância na distinção, a Patriarcal (1860-1864) foi construída um pouco mais de cem anos depois da Galeria do Loreto (1747 e 1756 na reconstrução). O percurso subterrâneo disponível ao visitante, com um comprimento de 410 metros, inclui a Galeria da Patriarcal (aprox. 50 metros), com ligação à do Loreto, e o troço desta entre o Príncipe Real e o Jardim de São Pedro de Alcântara, detentor de um dos mais belos miradouros da cidade. Na esquina da Praça do Príncipe Real com a rua D. Pedro V, encontra-se a Pia do Penalva (anexo 37), espécie de poço para segurar as águas, que vinham a grande velocidade em canos embutidos na parede para vencer a gravidade e dividi-las em 3 Galerias ou Aquedutos: Praça da Alegria, Rua do Século e continuação do Loreto (anexo 38, 39 e 40). A partir da Pia, a água segue por caleiras abertas pela acção gravítica.

Durante períodos curtos ou longos de tempo, a mudança de nome do mesmo território identifica-se com os acontecimentos que deixaram marcas históricas e perpetuam-se na memória. O actual, popularmente conhecido, Jardim/Praça do Príncipe Real encontra-se numa zona com vários palacetes, museus, antiquários, galerias de arte, cafés e restaurantes. Todos os sábados de manhã, o mercado de produtos da agricultura biológica, e todos os últimos sábados e segundas do mês, uma feira de artesanato, de antiguidades e de velharias marcam presença na praça do Príncipe Real. A Praça, a zona circundante e respectiva Galeria do Loreto apresentam episódios e componentes históricos dignos de serem expostos pelo segredo (diria praticamente oculto) escondido aos olhos de muitos: o Reservatório da Patriarcal.

2. Rentabilizar os espaços: um projecto cultural

A rentabilização de um espaço cultural só pode ser realizada diagnosticando o que de melhor e de pior possa ter nos mais variados aspectos relativos ao seu funcionamento e presença no espaço em que se situa. Com efeito, durante o estágio foi implementado um projecto experimental com o período útil de vida de cinco dias. Propunha-se a realização de várias visitas ao reservatório com a Galeria do Loreto. A comunicação foi localizada, do chafariz do Rato até ao cimo do Elevador da Glória, colocado um biombo à porta do reservatório (anexo 41) e afixado um cartaz na porta de saída da Galeria, no jardim de São Pedro de Alcântara. A presença frequente de uma pessoa a prestar informações e esclarecimentos sobre o espaço e a oferta cultural advinda foi importante na angariação de visitantes. Por este tipo simples de gestão directa, reuniram-se 92 visitantes no final do projecto e conclusões bastante interessantes quanto à visibilidade e potencialidade deste núcleo do Museu.

A Patriarcal e a Galeria do Loreto podem ser rentabilizadas por meio de um projecto cultural na sua gestão e programação. O projecto denomina-se “Mary-Loreto” por se referir ao projectista do reservatório e ao nome da galeria pela qual é possível percorrer. O património existe, está aberto ao público, estão a ser gastos recursos financeiros com a sua manutenção mas é concludente que consegue rentabilizar, potenciar e apresentar o melhor que ostenta. A chave está por adequar recursos e recorrer a outros numa aposta de potencialização não explorada a fim de atingir resultados desejados. Recomenda-se uma coordenação eficiente de recursos humanos e materiais focados numa visão estratégica a médio e longo prazo.

O núcleo da Patriarcal tem uma elevada taxa de humidade relativa para a prática de funções profissionais, e até mesmo, para o visitante numa visita prolongada. Em termos de saúde pública e profissional, o ambiente característico do espaço não deve ser o mais adequado. O ar interior é de um contraste brutal em contraposição do ar exterior. Uma temperatura mais quente à superfície contrasta com uma temperatura mais fresca no interior, e vice-versa. No desenvolvimento de funções, as visitas lideradas pelo guia do Museu à Patriarcal e Galeria do Loreto, demoram aproximadamente 30 a 45 minutos, dependendo do público a acompanhar. Este tempo é suficiente para sentir um incómodo a nível respiratório, sensação de que algo não está correcto relativamente ao ar respirável. O segurança está presente no espaço cinco dias por semana. É o responsável

por abrir e fechar o núcleo. Durante o inverno, ele relata que a humidade é tanta que tem de abrir as duas portas de acesso ao reservatório, uma hora antes, para poder evacuar o grosso da humidade. Outro problema tem a ver com a água que pinga por todo o lado. A humidade danifica exposições de pintura, escultura, fotografia e muitos outros materiais sensíveis a este tipo de ambiente. Na condução de visitas à Galeria do Loreto, existem apenas 13 capacetes disponíveis. Na maior parte das vezes, os visitantes representam um número bem maior, o que não respeita as normas de segurança inscritas à entrada do túnel (anexo 42).

O número de visitantes pode ser um indicador numa variável quantitativa, por exemplo ao nível da comunicação. No entanto, qualitativamente está-se a fomentar um espaço de pouco agrado por quem o visita. Combinando apenas estes dois factores, deficiente comunicação e falta de programação permanente ou temporária, constata-se que este núcleo museológico da EPAL está a ser contraproducente na sua missão. Sem comunicação externa, o espaço não existe. Sem uma boa comunicação, não se sabe se a informação conseguiu chegar ao destino e de que forma foi recebida e por quem. Sem uma exposição e sem a possibilidade de visita à galeria subterrânea, o espaço é rapidamente visitável (máx. 5 min.) e à saída, na maioria das vezes, os rostos não costumam estar deslumbrados, muito pelo contrário.

Conhecido o diagnóstico, apresenta-se um conjunto de propostas numa estratégia de rentabilização cultural da Patriarcal com os meios necessários ordenados pelos seguintes pontos. Primeiro, fazer um estudo adequado quanto à instalação de um sistema de ventilação para a circulação do ar e de um desumidificador para reduzir o excesso de humidade. Após uma boa avaliação, instalar os sistemas. Segundo, encher o reservatório de água com um nível de pelo menos 2 metros de altura. A escassa presença de água no fundo do reservatório (cerca de 10 cm) confunde o visitante parecendo-lhe ser uma placa de vidro (anexo 43). Terceiro, repensar a iluminação do espaço através de um estudo luminotécnico e implementar um sistema mais adequado. Quarto, limpar a área entre o gradeamento e o lago, reparar ou substituir o repuxo, mudar a água, e colocar nas escadas de entrada o nome “Reservatório da Patriarcal” de modo a que seja bem visível (anexo 44). Quinto, musealizar o espaço com uma exposição temporária que não se deteriore com as limitações conhecidas. A alteração de ambiente por um sistema de ar condicionado poderá melhorar a qualidade do ar que se

respira, tornando o espaço mais confortável sem que interfira ou danifique o material expositivo.

A Galeria do Loreto apresenta igualmente muita humidade, embora seja mais arejada. Seria importante efectuar um estudo quanto à qualidade do ar presente neste túnel e se necessário implantar um sistema de melhoria das condições ambientais. Apenas se pode visitar este espaço subterrâneo com visita guiada, com entrada pela Patriarcal. Numa primeira fase, sugere-se a abertura do troço chafariz do Rato-Reservatório da Patriarcal (anexo 45) e numa segunda fase a abertura do troço porta do Jardim de São Pedro de Alcântara-Largo do Teatro São Carlos (anexo 46). Numa terceira fase, abertura da Galeria do Século. Neste plano de acção, apenas irão-se desenvolver as duas primeiras fases, ficando a última à consideração dos resultados obtidos na abertura dos outros dois troços. O percurso subterrâneo do Chafariz do Rato até à Patriarcal pode ser englobado num programa de visitas com partida do Reservatório da Mãe d'Água por se encontrar relativamente próximo do chafariz. O percurso inverso também poderá ser uma alternativa. O prolongamento do percurso da Patriarcal até ao Largo do Teatro de São Carlos será mais uma oferta no programa de visitas aos subterrâneos da cidade. Intensificar o programa “Da Patriarcal ao Chafariz do Vinho” tornando-o visível como oferta cultural, em que se propõe, no final, uma prova de vinhos, ou outros, na enoteca, é uma forma de fazer uso regular da Galeria da Praça da Alegria. Este programa tem vantagens para as duas entidades participantes, divulgar e rentabilizar o património com fins culturais e comerciais.

Nos percursos subterrâneos, um número não inferior de trinta capacetes de protecção deve estar sempre disponível. A inscrição do logotipo do Museu nos capacetes e nas toucas não trará uma mudança significativa mas será um detalhe interessante dado que em algumas visitas, as toucas foram pedidas como recordação do passeio subterrâneo.

Referido anteriormente, a musealização do espaço Patriarcal é importante para o visitante não estar apenas a ver pilares e paredes ao som de música clássica, e no fim perguntar, com razão, onde se encontra a água. Apesar do reservatório não ser um espaço de memória social propriamente dito, sobretudo o seu interior, a zona a que pertence identifica-se com essa tipologia e merece ser representada dentro dele, com frequência. De acordo com Marcelo Mendes Pinto, “a valorização (...) desses espaços de memória social através da sua musealização é, assim um dos caminhos que aplicado

de forma selectiva e com visão cultural, pode possibilitar que esta herança do saber fazer dos nossos avós possa ser preservada para as novas gerações”⁸⁸. Neste caso, foi mais o tentar saber fazer porque com tanta obra projectada durante vários séculos, a única que de certo modo ainda resiste é a do francês Louis-Charles Mary.

Assumindo que o visitante é um forte divulgador daquilo que viu, importa que divulgue positivamente e encoraje à sua volta a experiência pela qual ele próprio passou. Propõe-se uma programação original e adequada assente em duas temáticas expositivas complementares uma da outra sobre a memória social, para um reavivamento e renovação cultural do espaço museológico. Entenda-se por memória social “os processos através dos quais o conhecimento e a consciência do passado são gerados e mantidos em sociedade”⁸⁹.

A duas temáticas apresentadas de seguida, não sendo estranhas uma à outra, serão um ponto de partida como proposta de exposição, devendo ser completadas com outros materiais e narrativas. Uma primeira temática descreve os acontecimentos históricos, culturais, políticos e religiosos referentes ao território da Cotovia (antigo nome da zona), com as sucessivas mudanças de nome da praça até ao estabelecimento definitivo do reservatório. Uma segunda temática ilustra o papel e a localização do reservatório e da Galeria do Loreto no abastecimento de água na parte média e baixa de Lisboa.

Na primeira temática, os materiais a serem expostos, com breves textos e uma cenografia à medida do pretendido seguem pela seguinte ordem: um mapa representando o Alto da Cotovia (Príncipe Real) no século XVI; Planta da zona do Príncipe Real em 1871; Uma gravura de Lisboa onde se percebe um edifício da zona; Gravura do incêndio da Patriarcal Queimada; Planta e desenho do Erário Régio; Foto do Reservatório em 1869; Gravura da Praça do Príncipe Real em 1873; Fotos da Praça Rio de Janeiro; Fotos com pessoas à volta do Reservatório; Fotos actuais da Praça do Príncipe Real (anexo 47).

A segunda temática apresenta-se com os seguintes materiais expositivos: Plantas de Lisboa com o esquema do abastecimento do Aqueduto das Águas Livres; Desenhos

⁸⁸ PINTO, José Marcelo Sanches Mendes. *Reconversão e Musealização de Espaços Industriais*. 1ª ed. [S.l.] : Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003. P. 12

⁸⁹ MIHAI, Mihaela – Memória. In CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS- Laboratório associado Universidade de Coimbra – Dicionário das Crises e das Alternativas. Coimbra: Edições Almedina, 2012. P. 143.

técnicos da Patriarcal; Planta da Galeria do Loreto; Chafarizes; edifícios importantes e particulares de destaque, abastecidos pela Galeria do Loreto (anexo 48).

A colocação permanente de um aparelho audiovisual poderá não se concretizar devido ao ambiente climático existente. Contudo, numa visita guiada, no reservatório, poderá expor-se matéria audiovisual num ecrã em tempo real. Para isso será necessário uma ligação à internet no espaço (não necessariamente wireless). Com um smartphone e um ecrã móvel⁹⁰ é possível apresentar conteúdos sem recorrer a um projector, ou então, um pequeno projector móvel ligado a um PC poderá ser a solução. Assim a apresentação finalizada, os dispositivos são arrumados hermeticamente em local próprio, evitando assim a continuada exposição à humidade.

Para matérias de exposição futuras, recorrer a materiais como a cortiça e o azulejo cinge-se por uma escolha inteligente de adequar materiais a ambientes “próprios” para o efeito. Estes dois materiais são resistentes à humidade. Expor e poder eventualmente comercializar esses produtos dentro do espaço terá todo o seu interesse. Ultimamente, a cortiça tem sido manipulada na concepção de diversas peças de design por grandes nomes da arquitectura: Siza Vieira, Souto de Moura, etc., e outros artistas em ascensão. O azulejo pode ser alvo de exposição em parceria com o Museu Nacional do Azulejo, e em acções de divulgação através de iniciativas na sua salvaguarda e valorização em parceria com o Projecto SOS Azulejo⁹¹. Estes dois riquíssimos materiais portugueses são únicos e grandes potenciais a serem devidamente expostos noutra grande potencial: a Patriarcal. O uso da aplicação móvel como audioguia na apresentação do espaço é um atributo a não esquecer, sobretudo entre duas exposições, momento em que a Patriarcal fica “vazia” e perde muito o seu interesse.

Reunidas as condições necessárias de trabalho e de exposição, criar uma configuração de gestão de recursos humanos afectos ao núcleo com mobilidade seria de tomar em consideração. Para o desempenho de funções de visitas às galerias, aponta-se uma equipa de dois recursos humanos em constante coordenação entre si e com o segurança, com áreas de formação académica preferencialmente em património cultural, museologia, turismo, e afins. A admissão de estagiários em contexto profissional com as

⁹⁰ Por exemplo: Smart TV com acesso à internet. A aplicação móvel *Photobeamer* da Nokia realiza o proposto. Ver demonstração em: <http://www.youtube.com/watch?v=IC7Jv1TvFwM>

⁹¹ <http://www.sosazulejo.com/>

respectivas vantagens para a empresa é fortemente a considerar dado que 80% do salário é pago pelo Estado.

Para além das actividades desenvolvidas em parceria com a EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos de Animação Cultural, seria oportuno criar conteúdos próprios de lazer em complemento da função museológica da Patriarcal. Como proposta de chegar a um tipo de público mais elitista ou alternativa de destino nocturno, propõe-se um programa com a seguinte apelação, “Serões acústicos na Patriarcal” que uma vez por mês acolheria um grupo musical. Os géneros musicais seriam diferentes a cada mês: Coros, Orquestras Clássicas, Jazz, Piano, Fado, etc. A entrada pelo Jardim de São Pedro de Alcântara, percorrendo os 410 metros da Galeria do Loreto até à Patriarcal é um meio original para seduzir o público-alvo. No caso de atrasos por via desta entrada, informa-se que a entrada seria efetuada no reservatório (ex: até 21h30 entrada Jardim de São Pedro de Alcântara. Depois das 21h30 entrada no Reservatório) Durante cada concerto, um serviço de cafetaria é aconselhável. No final da noite, a saída seria pelo reservatório.

O investimento na renovação deste núcleo com uma correcta programação e gestão trará retorno e alternativas de destino para o público e uma democratização na frequência de espaços atípicos e apetecíveis de que a EPAL dispõe em exclusividade.

Comunicar os subterrâneos à superfície

A comunicação e divulgação deste núcleo têm sido discretas e com pouco impacto por vários motivos. Em sobreposição, existe uma confusão comum de relacionar a Galeria do Loreto com as Galerias Romanas da Rua da Prata, dinamizadas pela Câmara Municipal de Lisboa, que abrem apenas três dias por ano.

Neste programa de renovação e rentabilização cultural, uma divulgação sólida assente em várias frentes poderia provocar um impacto desejado nos públicos-alvo. Produzir um *teaser* para divulgar os espaços, as galerias em vias de abertura e outros tipos de eventos. Produzir novos panfletos sobre o reservatório e o percurso da Galeria do Loreto. Realizar um protocolo com o Turismo de Lisboa de modo a divulgar estes programas de visitas guiadas à Galeria do Loreto. Colocar um biombo (anexo 49) na entrada do Reservatório com a informação necessária quanto aos horários de abertura e fecho da Patriarcal, e o programa de visitas ao subterrâneo pelas galerias. Colocar um

cartaz num cavalete em cada passeio da Praça do príncipe Real. Propor à Carris a personalização integral da paragem de autocarro com a imagem da Patriarcal e da Galeria subterrânea na Rua da Escola Politécnica. Colocar quatro cartazes com *QR Code*⁹², pouco invasivos, no gradeamento envolta do reservatório. Afixar um cartaz na porta de saída para o Jardim de São Pedro de Alcântara e outro no passeio mais perto da estrada. Com a galeria a funcionar em pleno, colocar um cartaz na porta de saída para o Largo do Teatro São Carlos outra no jardim de São Pedro de Alcântara.

Na zona do Príncipe Real, Amoreiras e Bairro Alto, encontram-se instâncias culturais⁹³, que sob a forma de um marketing cultural⁹⁴ articulado entre todas, é possível potenciar a comunicação e por conseguinte atrair mais público para estas zonas, e assim conhecer os dois núcleos do Museu.

Sem se demarcar dos outros núcleos, a Patriarcal tem igualmente de difundir a localização dos outros três espaços do Museu com a afixação de um mapa e *QR Code* com informações completas.

Este projecto exige uma monitorização e formas eficientes de avaliação por parâmetros quantitativos e qualitativos previamente definidos ao nível da estatística, do tipo de visitantes, perguntas efectuadas, entradas pagas e gratuitas, entradas na Patriarcal e na Patriarcal mais Galeria do Loreto, impacto da comunicação, variação da receita, reacção dos visitantes à exposição e aos percursos subterrâneos, movimento de pessoas pelo Jardim, notícias publicadas nos meios de comunicação social, número de descarregamentos da aplicação móvel do Museu, quantidade de seguidores nas redes sociais, comentários na aplicação móvel mundialmente conhecida *TripAdvisor* e afins.

⁹² A leitura deve proporcionar as informações necessárias sobre a visita do espaço e uma ligação para o *website* do Museu.

⁹³ Espaço Cultural das Mercês, Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva, Museu de São Roque e Museu Geológico.

⁹⁴ Atribuição definida ao Museu da Água da EPAL em 2000. Ver Ramos, Margarida Filipe - *Bem Público Valor Público, a educação para os valores ambientais no Museu da Água da EPAL*. 1ª ed. Cascais: Príncípia, 2013.

Conclusão

O estágio no Museu da Água da EPAL e consequente resultado produzido neste relatório são traduções teóricas e práticas de que a aposta no património a cargo de uma empresa tem uma relevância particular nos variados campos da investigação, preservação, divulgação e rentabilização cultural. A particularidade de uma necessidade fulcral para a manutenção da vida humana abasteceu a cidade de Lisboa e arredores com um património único e com valor inestimável para quem o trata e visita.

O Museu, polinucleado, oferece uma boa oferta cultural a nível da descoberta do património cultural coincidindo com questões relativas ao génio do pensamento humano na resolução de problemas, na preservação do meio ambiente, na consciência cidadã da importância da água em tudo o que o rodeia e lhe é intrínseco, e numa aprendizagem sempre contínua das limitações e oportunidades próprias dos tempos. O Serviço Pedagógico das Águas Livres é o autêntico motor do Museu. Metaforicamente, é o carvão que fazia elevar as águas da Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos para pontos mais altos, a fim de que estas depois pudessem chegar aos habitantes da cidade de Lisboa. Centralizado no apoio às escolas e aos professores por uma educação informal, contribui para que o património cultural constituinte do Museu seja apresentado e dignificado.

Os responsáveis pelos Acervos Histórico e Museológico são agentes que podem, com as devidas condições, tornar o património cultural num potencial estratégico na cultura da empresa. A intervenção efectuada nos Acervos e consequente divulgação revitaliza a memória e tende a mostrar uma identidade empresarial pouco ou nada conhecida aos trabalhadores pertencentes à mesma organização. A identidade é reforçada e transmitida pela acção organizada da memória na forma de património cultural. Igualmente, enriquece a história local e nacional com o surgimento de novos dados. É de todo recomendável reunir os Acervos num só espaço e continuar a investigação num processo de constante evolução. Nunca é demais lembrar que o património para musealização advém do seu alicerce fundamental.

Uma reorganização no funcionamento do Museu implica mudanças. O objectivo comum deve ser partilhado pelos funcionários numa perspectiva de crescimento e de potencialização. A dotação de competências formais e distribuição pela via equitativa recorrendo a novos recursos humanos é de suma importância para que não existe uma

descompensação laboral. A transferência de assuntos administrativos do Museu para a empresa poderá aliviar uma sobrecarga mas não corrigir o problema.

A gestão e programação do Museu por um técnico especializado em apoio ao coordenador certificam uma maior relevância na interligação entre várias entidades e na elaboração de planos estratégicos de índole cultural adjacente ao Museu e Acervos. Um conhecimento pluridisciplinar atesta a polivalência de funções e a apresentação de resultados credíveis e satisfatórios tendo sempre como base a salvaguarda do património cultural.

As propostas de melhorias na gestão e programação do Museu com a consequente comunicação convergem todas para um fim a alcançar: otimizar processos. Essa otimização lança o Museu para um patamar de maior exigência, em que programas culturais verosímeis e continuados na sua aplicação, assentes em objectivos realmente alcançáveis, num prazo de tempo definido, rentabilizam o património cultural e transformam o Museu como espaço de cultura altamente desejável. Seguindo a orientação da Declaração de Lisboa de 2013, o investimento na indústria cultural deve ser visto como um factor de crescimento económico e social e não num mero entretenimento.

Conclui-se de que o projecto Mary-Loreto enquadrado numa rentabilização cultural dos espaços reflecte o poder assombroso e misterioso de que lhe é característico numa atmosfera exclusiva na cidade de Lisboa. Por fim, é de todo importante rentabilizar adequadamente a Patriarcal e abrir a Galeria do Loreto em toda a sua extensão, criando oportunidades e multiplicando as valências, até agora inexploradas.

Anexos

Anexo 1 – Ruínas da Barragem Romana



Autor: Daniel Almeida

Anexo 2 - Aqueduto das Águas Livres



Arcaria sobre o vale de Alcântara.
Autor: Daniel Almeida

Anexo 3 – Entrada por Monsanto.



Autor: Daniel Almeida

Anexo 4 - Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras



Autor: Daniel Almeida

Anexo 5 – Reservatório da Patriarcal



Autor: Daniel Almeida

Anexo 6 – Galeria do Loreto



Autor: Daniel Almeida.

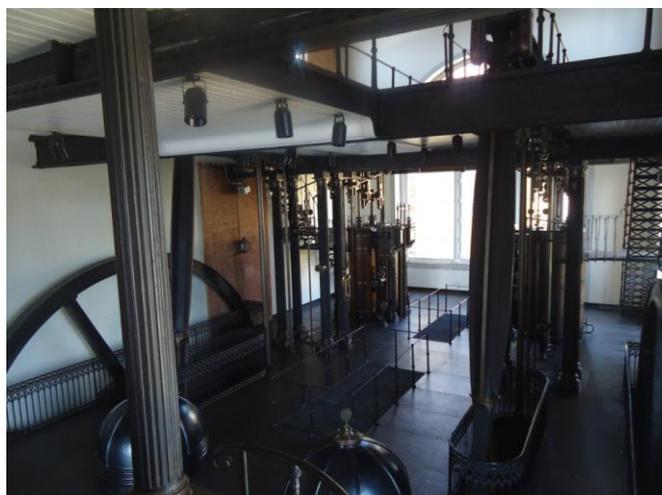
Anexo 7 – Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos.



Edifício sede do Museu da Água da EPAL.
Autor: Daniel Almeida



Sala dos Balanceiros. Tecto “envelope”.
Autor: Daniel Almeida.

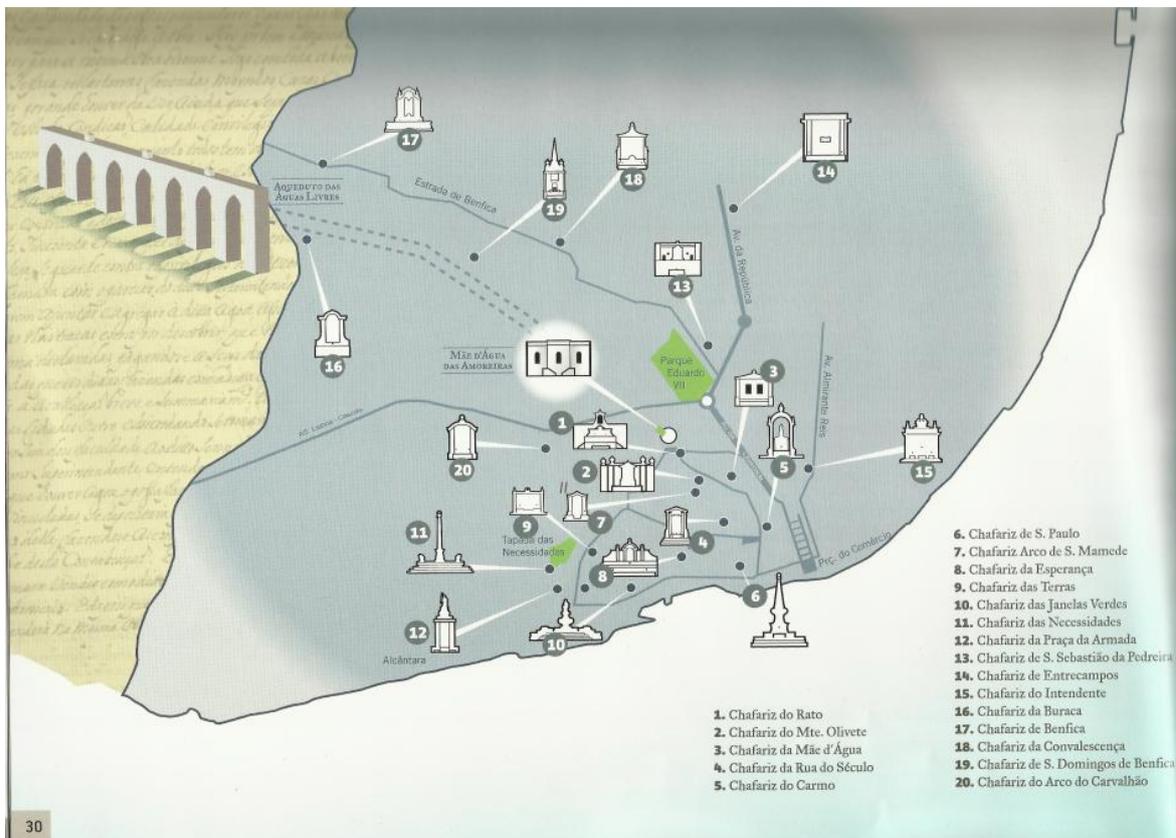


Sala das máquinas.
Autor: Daniel Almeida.



Sala das bombas.
Autor: Daniel Almeida.

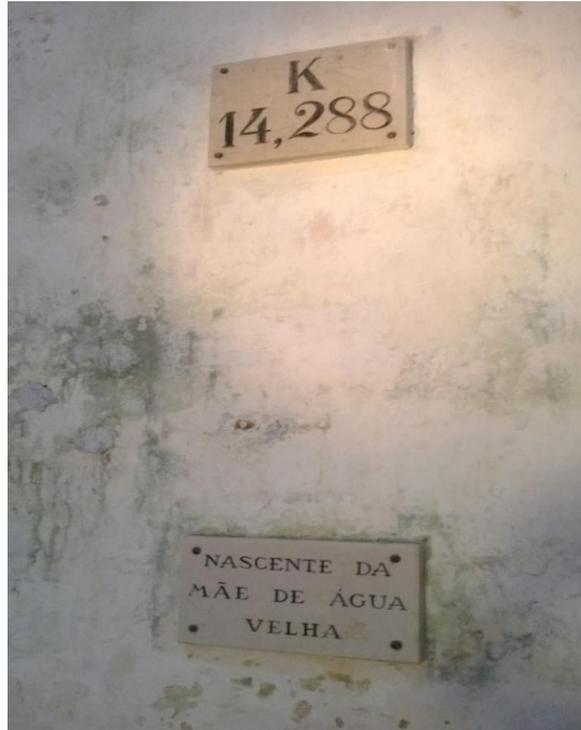
Anexo 8 – Rede de chafarizes



30

Nota: Totalizam-se 21 chafarizes e não 20. Faltava o chafariz do Campo de Santana.
Fonte: BRUNO, Bárbara; INÁCIO, Pedro. Galerias Subterrâneas e Chafarizes monumentais de Lisboa abastecidos pelo Aquecimento das Águas Livres. [S.l.] EPAL, SA.2012. P. 30

Anexo 9- Nascente da Mãe d'Água Velha (interior)



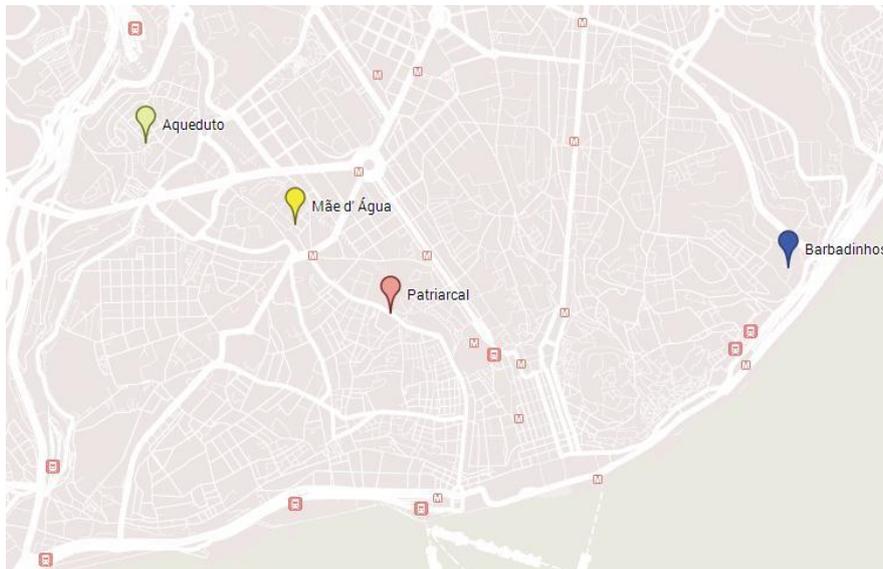
Autor: Daniel Almeida.



Local exacto da nascente das Águas Livres.

Autor: Daniel Almeida.

Anexo 10 – Localização dos quatro núcleos museológicos



Fonte: Desenhado a partir do Google Maps

Anexo 11 – Exposição permanente



Autor: Margarida Ramos.



Autor: Daniel Almeida.



Autor: Margarida Ramos.



Autor: Margarida Ramos



Autor: Margarida Ramos.

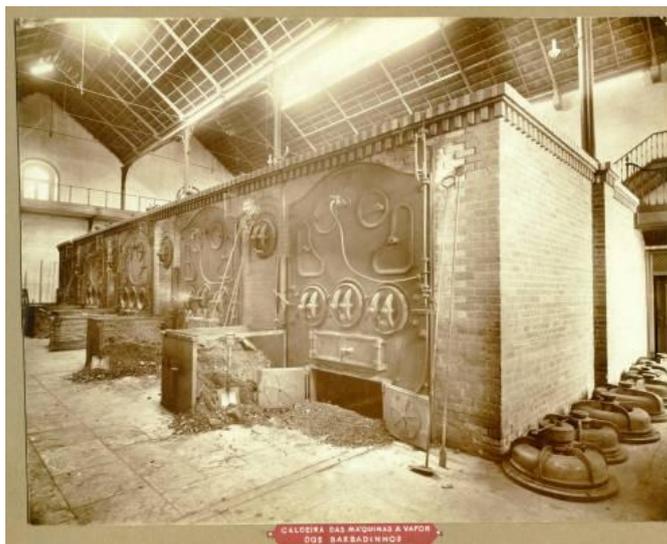


Autor: Daniel Almeida.



Autor: Daniel Almeida

Anexo 12 – Antiga Casa das Caldeiras



Fonte: <http://goo.gl/5149jH>

Anexo 13 – Hall de entrada.



Merchandising (à esquerda) e espaço com cadeiras e Televisão.
Autor: Margarida Ramos.



Autor: Daniel Almeida.

Anexo 14 – Objectos espalhados pelo recinto dos Barbadinhos



Entrada para o recinto.
Autor: Daniel Almeida.



Autor: Daniel Almeida.



Autor: Daniel Almeida.



Autor: Daniel Almeida



Autor: Daniel Almeida.

Anexo 15 – Estação Eléctrica dos Barbadinhos



Edifício à esquerda.
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 16 – Entrada para o Aqueduto



Jardim da Meia Laranja. Travessia sobre o vale de Alcântara.
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 17 – Arquivo Técnico e Administrativo.



Pastas verdes colocadas sobre estantes.
Autor: Daniel Almeida



Documentos protegidos em *acid-free*.
Autor: Daniel Almeida

Anexo 18 – Gavetas com desenhos técnicos.



Desenho técnico da planta Geral da Cidade de Lisboa, Portugal.
Autor: Daniel Almeida.



Desenho técnico dos Aquedutos e seus Ramais.
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 19 – Arquivo fotográfico.



Frigoríficos com dossiês de conservação de fotografias a cores.
Autor: Daniel Almeida



Dossiês de conservação cotados e acondicionados.
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 20 – Biblioteca da EPAL



Autor: Daniel Almeida.



Sala das publicações periódicas.
Autor: Daniel Almeida.



Sala das monografias.
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 21 – Portal de pesquisa *online* do AHEPAL

AHEPAL
ARQUIVO HISTÓRICO

EINTRAR

PESQUISA | PESQUISA AUTORIDADES

powered by X:arq

PESQUISA

PESQUISA SIMPLES | PESQUISA AVANÇADA | DIRECTÓRIO

estação elevatória barbadinhos [pesquisar]

Utilize a caixa de pesquisa para inserir os termos que deseja procurar

incluir autores/produtores na pesquisa
 incluir unidades de instalação na pesquisa
 todas as palavras qualquer palavra

Pesquisar em:
 Todos Arquivo Biblioteca

Fonte: *Print Screen* cedido por Daniel Barros Gomes, Documentalista do AHEPAL.

Mais material de interesse histórico

O rol de agradecimentos este mês é grande. Do Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações recebemos os volumes I, IV e V de Plano Director da Região de Lisboa, ficando assim completa a obra que inicialmente nos tinha sido entregue pela DPO.

Cedidas por Adelaide Silva recebemos 7 fotos relativas à Central de Telefonistas e aos recintos da Asconceira e Vale da Pedra. Este é um agradecimento especial por serem recordações pessoais de que simpatizadamente abdicou.

Hugo Moore de Campos, recém-chegado à EPAL, entregou-nos o "Tratado Pratique de Charpente" de E. Barbot, Paris 1911, que encontramos no gabinete que lhe foi atribuído. Esperemos que outros Colaboradores da EPAL, que eventualmente possuam nos seus gabinetes material de interesse histórico, sigam o exemplo.

Pedro Indica e Bárbara Bruno fizeram-nos a entrega de um dossier de arquitectura elaborado de Andrade, relativo ao projecto da Estação Elevatória dos Olivais, e alguns desenhos da Feste Monumental.

Mário Maria entregou-nos uma cadeira Thonet, que se vai juntar a uma outra vinda de Belas e a duas entregues pela DAM, que em breve serão restauradas. Esperamos que, em breve, outros seneços da EPAL nos ajudem a reconstituir o conjunto actualmente muito disperso. Como a sabido, Michael Thonet constituiu o mundo do mobiliário no séc. XIX com a sua técnica de dobragem do junco. As suas peças continuam a ser produzidas na fábrica, fundada em 1889, de Frasnitzberg, de acordo com os modelos originais, onde existe também o Museu Thonet. 09 MAIO 1990 MARIO PINHO DA CRUZ



Arquivo Histórico cada vez mais rico

MÁRIO PINHO DA CRUZ

Mais uma vez temos de agradecer a Manuela Antunes a oferta de varias publicações relacionadas com a Empresa: um livro de Luís Leite Pinto, um Boletim da CFAL, uma publicação da EPAL relativo a 5 anos de actividade 1974/1979 e um relatório do LNEC sobre Estações Elevatórias.

A Filipe Rodrigues agradecemos a entrega de um antigo telefone portátil de teste.

O Arquivo Histórico continua a receber ofertas de colegas que mandando exemplares que hoje nos permitem enriquecer e completar as nossas colecções. Augusta Gouveia fez entrega de um exemplar do "Anúncio, Programa do Concurso e Caderno de Encargos da Construção do Canal Tejo (Sifão de Sacavém)", bem como um desenho relativo ao Reservatório de Jerónimo. Francisco Luz entregou-nos um desenho do Aqueduto das Águas Livres. José Manuel Zorita fez entrega de um interessante exemplar inglês relativo também a esse Aqueduto.

A todos o nosso bem hajam.

Arquivo Histórico sempre a crescer

Muito agradecemos a Ulisses Martins pela entrega de 3 fotografias e um desenho e a Joaquim Casque que também nos fez chegar duas fotografias. Agradecemos também a Lucinda Silveira e à sua equipa que fizeram a escolha de várias peças de mobiliário, mesas e cadeiras, provenientes de uma casa de grande tradição que foram integradas no acervo de peças com interesse etnográfico. Chegaram também a Rui Pinheiro e a Luis Silveira pela entrega de uma mesa de madeira recuperada no E. dos Olivais.

Por, novamente, mandando um obrigado a grande do Aqueduto das Águas Livres que nos foi entregue por Bárbara Bruno de MDA já há algum tempo e entregue ao Arquivo Histórico, e que aqui se vai ser exposto de imediato.

projecto de colcha de poimentos Arquivo Histórico

nesta sobre os mais recentes em mobiliário, praxeos e recolha junto das peças da EPAL e da cidade para que possamos perpetuar as colaborações de todos. Aqui fica: (1) José Cabrita, (2) Carlos Gonçalves, (3) José Cabrita, (4) Maria Papalinas, (5) Maria Adelaide, (6) Nuno Lopes, (7) Nuno Lopes, (8) Nuno Lopes, (9) Nuno Lopes, (10) Nuno Lopes.



Arquivo Histórico | Agradecimentos

Mário Maria entregou ao Arquivo Histórico um conjunto muito interessante de slides que dizem respeito ao Telegestdo da EPAL, construído pela EFACEC (sistema que operou, pensa-se, entre 1996 e Maio de 1997).

Teresa Vivas fez a entrega de um extracto de um livro ("A Arte de Ser Chefe", datado de 1954) de Carlos Cunha.

João Maximiano Faia e José Calisto cederam-nos álbuns de fotografias com bastante interesse para o Arquivo Histórico.

A todos, o nosso grande obrigado.

Filmagens da RTP à construção da Torre de Tomado de Água de Castelo do Boticário (Fotografia datada de 1978/79)



Obrigado por fazer crescer o nosso AH

Agradecemos a Bárbara Bruno a entrega de um pequeno folheto sobre os perigos do consumo do álcool, da DSRH da EPAL dos anos 80.

A Jorge Pereira o nosso obrigado pela entrega ao AH de dois documentos, um sobre "Calculos de estabilidade relativos ao arco para o sifão de Sacavém, de Junho de 1933, de Amílcar de Melo" e "Estudos de aqueduto para 1hm3/dia" de Agosto de 1974, do mesmo autor.

A Rui Pato agradecemos por nos ajudar a localizar estes documentos que passam agora a integrar o AH.

A Armando Teixeira Rainha agradecemos a simpática carta que fez chegar ao "AL". Juntamente com ela, foi entregue um conjunto de documentos históricos sobre a EPAL que o Jornal já fez chegar aos responsáveis para que sejam integrados no espólio do Arquivo Histórico.

A todos, o nosso grande obrigado.



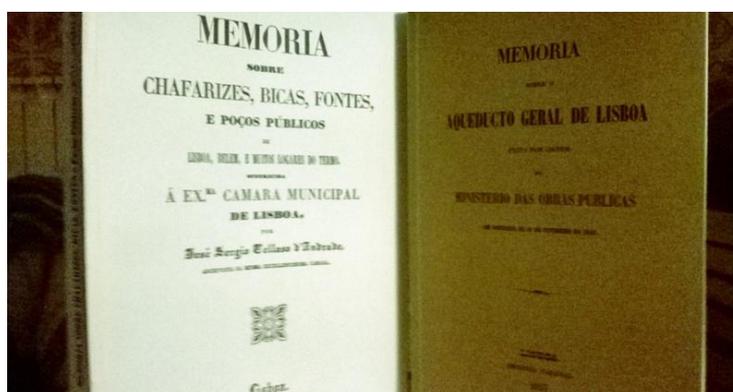
Fonte: Material com valor histórico-cultural divulgado no jornal da empresa "Águas Livres".

Anexo 23 – Iconografia Histórica. Vol. I e II



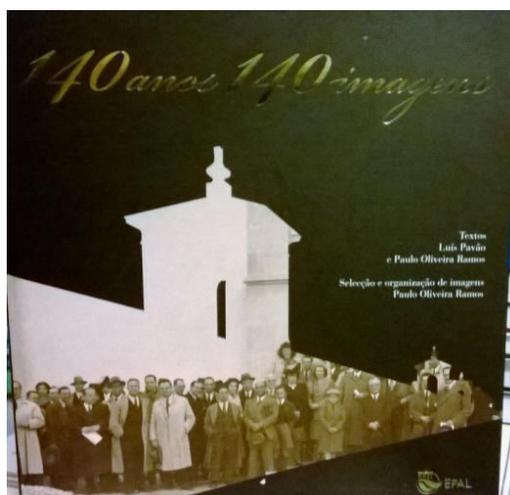
Obras de Paulo Oliveira Ramos.

Anexo 24 – Obras fac-similadas



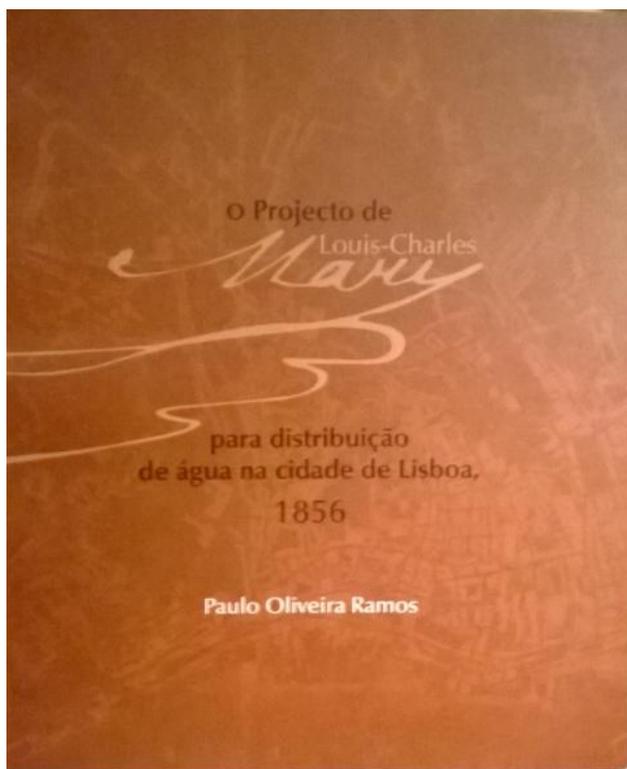
Memoria sobre Chafarizes, Bicas, Fontes e Poços Públicos de Lisboa, Belem, e muitos outros logares do termo (...) de José Sergio Velloso d'Andrade e Memoria sobre o Aqueucto Geral de Lisboa (...) de Ministerio das Obras Publicas.

Anexo 25 – Obra com fotografias



Obra: 140 anos, 140 imagens de Luís Pavão.

Anexo 26 – Projecto sobre a nova distribuição de água



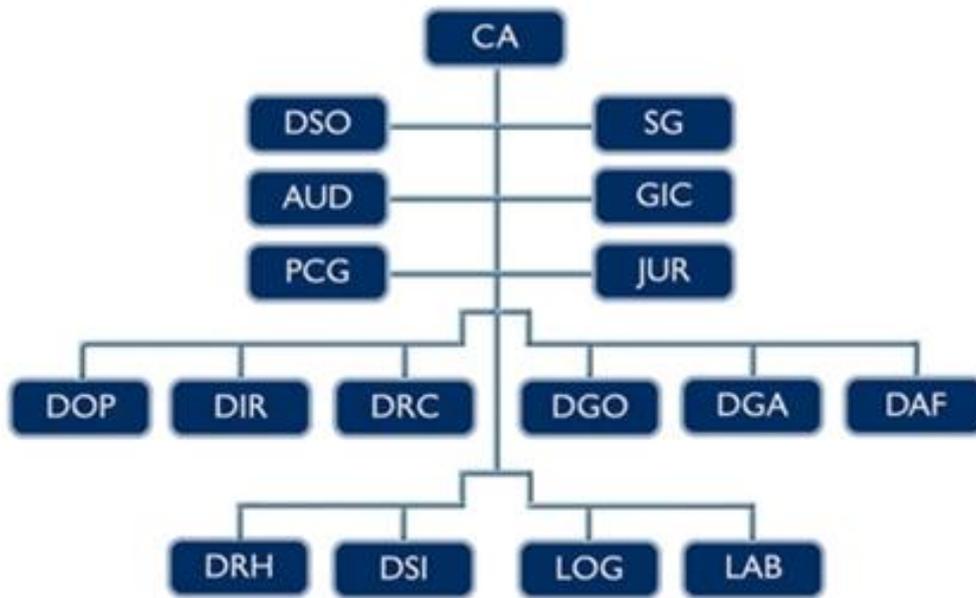
Obra: O Projecto de Louis Charles Mary para distribuição de água na cidade de Lisboa, 1856. Paulo Oliveira Ramos.

Anexo 27 – Obra editada



Obra: Galerias Subterrâneas e Chafarizes Monumentais de Lisboa abastecidos pelo Aqueduto Das Águas Livres de Bárbara Bruno e Pedro Inácio.

Anexo 28 - Organograma da EPAL



Não está representado o MDA (Museu da Água)

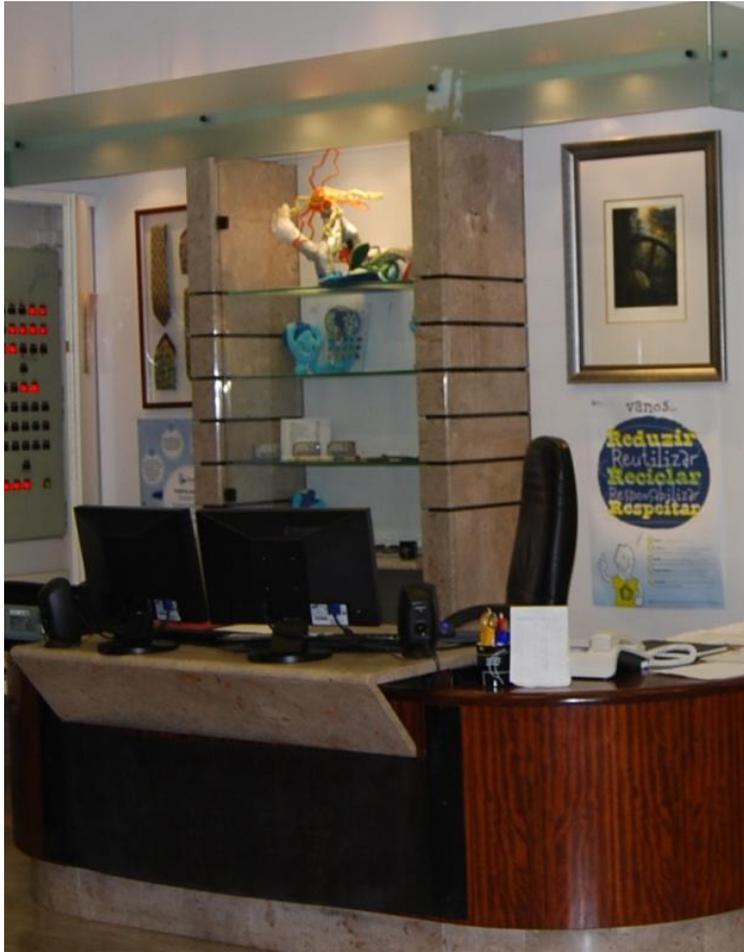
Fonte: <http://www.epal.pt/epal/organogr.aspx?area=276&sub=291&menu=2563>

Anexo 29 – Contador d’Água



Fonte: Boletim informativo do Museu da Água da EPAL

Anexo 30 – Produtos de *merchandising*



Produtos colocados por detrás da recepção
Autor: Margarida Ramos.

Anexo 31 – Contador Bastos



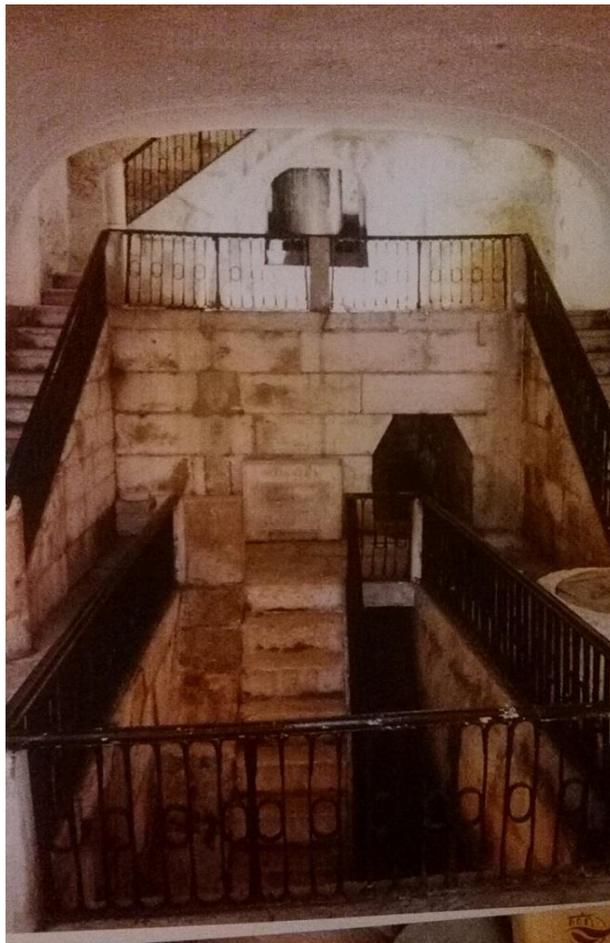
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 32 – Sala de exposições temporárias



Autor: Daniel Almeida.

Anexo 33 – Casa do Registo



Fonte: BRUNO, Bárbara; INÁCIO, Pedro. Galerias Subterrâneas e Chafarizes monumentais de Lisboa abastecidos pelo Aquaduto das Águas Livres. [S.l.] EPAL, SA.2012. P.26

Anexo 34 – Últimos metros do Aqueduto.



Autor: Daniel Almeida



Autor: Daniel Almeida.



Arco Triunfal das Amoreiras ou D. João V.
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 35 – Porta de entrada para a galeria subterrânea



Porta de entrada para o aqueduto da Patriarcal que estabelece ligação com o Aqueduto do Loreto
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 36 – Porta de saída para o Largo do Teatro São Carlos.



Fim da Galeria do Loreto.
Autor: Daniel Almeida



Placa identificando a galeria ao lado da porta.
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 37 – Pia do Penalva



Autor: Daniel Almeida

Anexo 38 – Aqueduto da Praça da Alegria



Autor: Daniel Almeida.



Interior da Galeria da Praça da Alegria.
Autor: Daniel Almeida

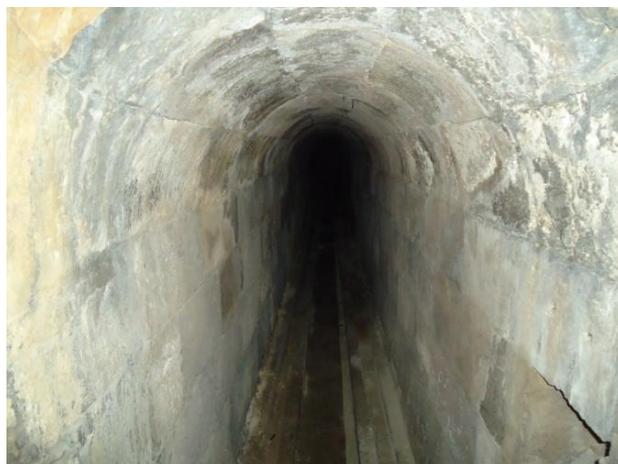
Anexo 39 – Galeria do Século



Autor: Daniel Almeida.



Placa: Aqueduto do Século.
Autor: Daniel Almeida



Interior da Galeria do Século.
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 40 – Continuação do Aqueduto do Loreto

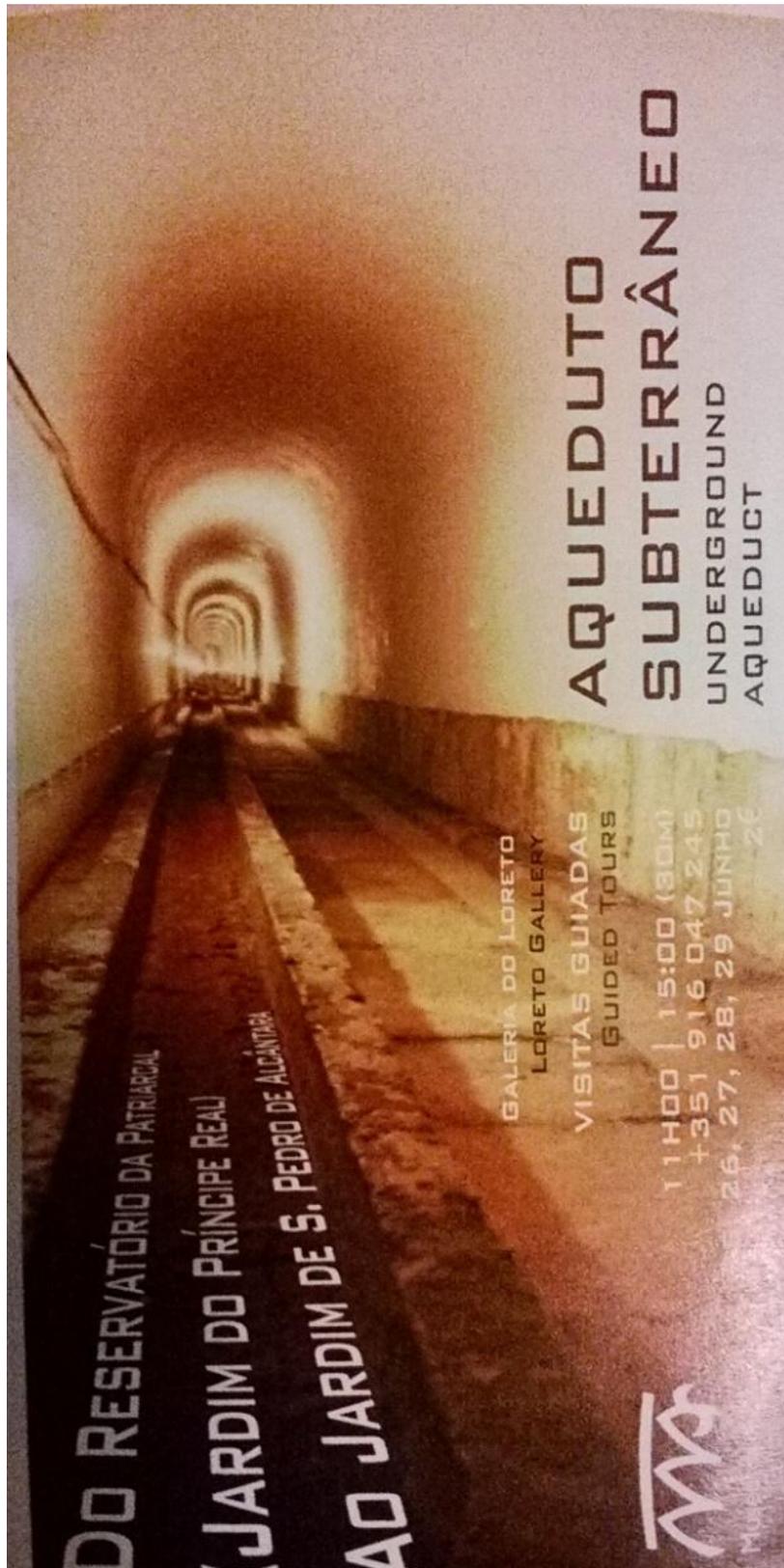


Autor: Daniel Almeida



Autor: Daniel Almeida.

Anexo 41 – Panfleto do projecto experimental “Aqueduto Subterrâneo”.



Fonte: Mara Fava.

Anexo 42- Biombo



Colocado à direita das escadas de acesso ao reservatório.
Autor: Daniel Almeida

Anexo 43 – Normas de segurança.



Normas inscritas à direita por cima dos capacetes. Entrada para o Aqueduto da Patriarcal com ligação ao Aqueduto do Loreto.
Autor: Daniel Almeida

Anexo 44 – Fundo do Reservatório da Patriarcal.



Efeito “placa de vidro”.
Autor: Daniel Almeida.

Anexo 45 – Exterior do Reservatório



Espaço sem manutenção.
Autor: Daniel Almeida



Repuxo defeituoso.
Autor: Daniel Almeida.



Cor amarelada/acastanhada da água do lago.
Autor: Daniel Almeida.

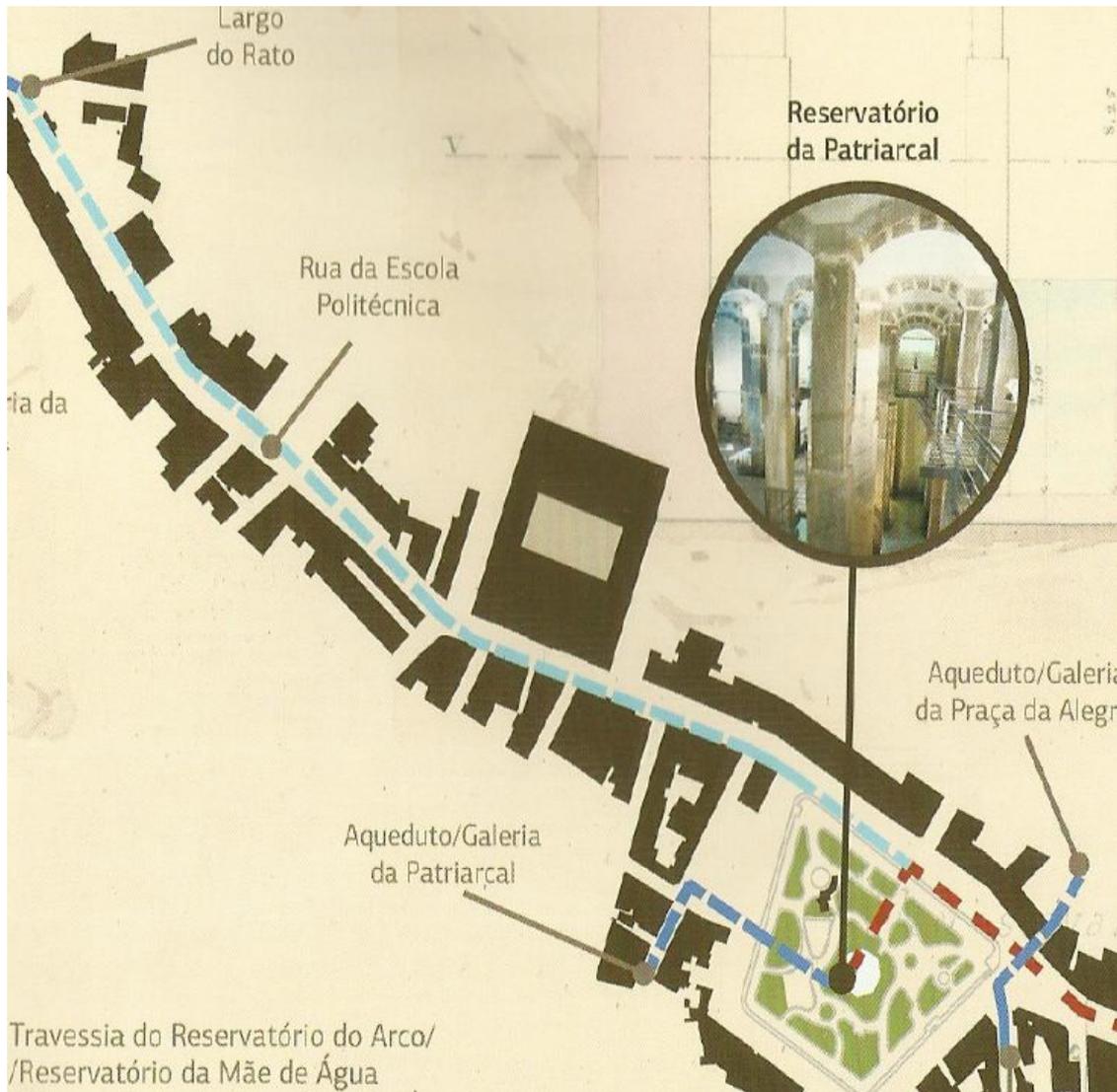


Escada de acesso ao Reservatório.
Autor: Daniel Almeida.



Nome "Patriarcal" pouco visível.
Autor: Daniel Almeida

Anexo 46 – Troço chafariz do Rato (Largo do Rato) - Patriarcal



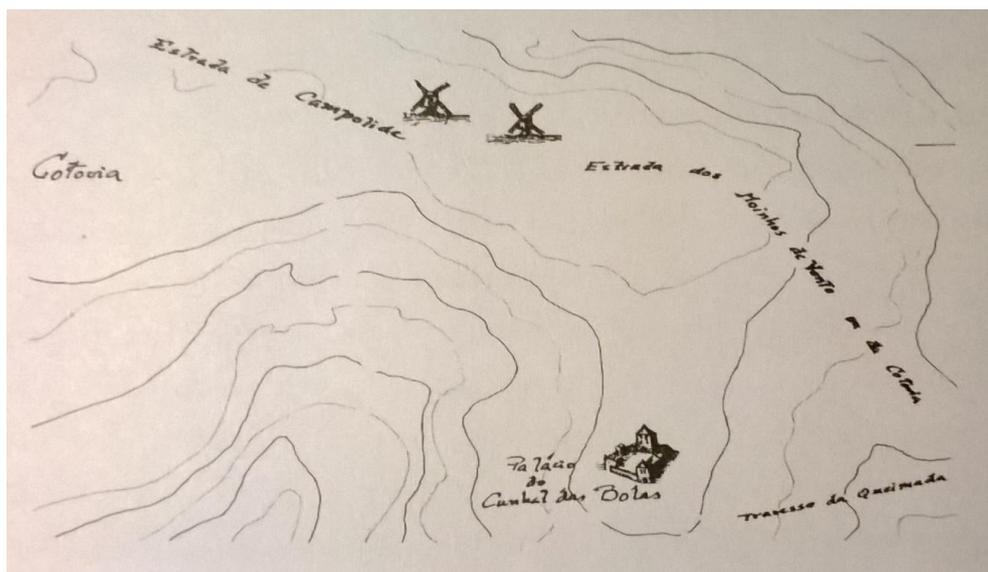
Fonte: Folheto Caminhos do Aqueduto.

Anexo 47 – Percurso entre o Jardim de São Pedro de Alcântara e o Largo do Teatro São Carlos.

Linha azul: percurso proposto para abertura.

Fonte: Desenhado a partir do Google Maps.

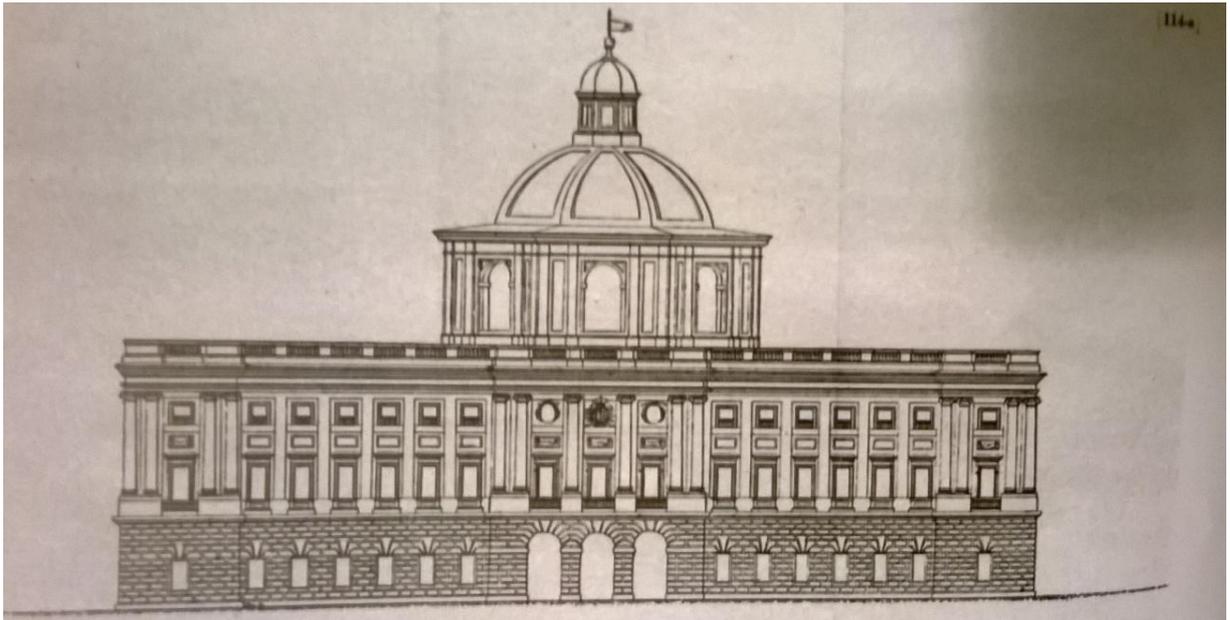
Anexo 48 – Primeira temática expositiva.



Mapa Sec.XVI. Representa o Alto dos Moinhos, Estrada de Campolide (Rua da Escola Politécnica) e Alto da Cotovia (actualmente Largo do Príncipe Real).
Obra: FIGUEIREDO, Paulo – *Mercês Lisboa, A Freguesia na História*. Lisboa: Junta de Freguesia das Mercês. 2001. P.67

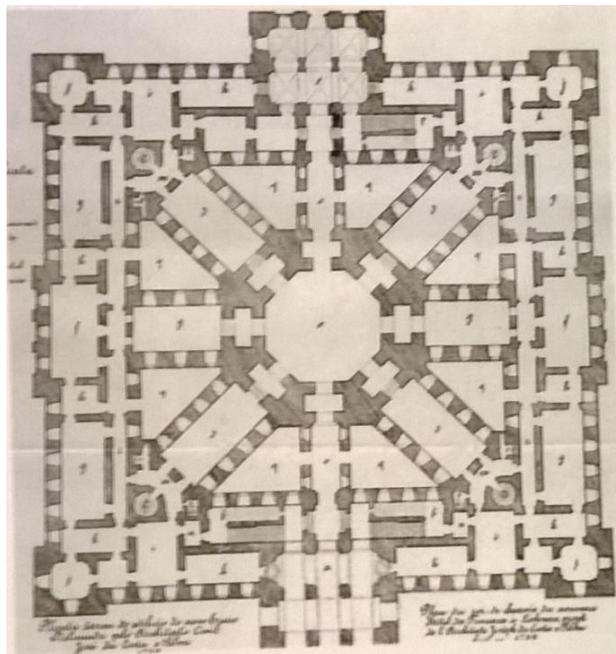


“O Incêndio da Patriarcal”, Joaquim Manuel da Rocha.
Fonte: FIGUEIREDO, Paulo – *Mercês Lisboa, A Freguesia na História*. Lisboa: Junta de Freguesia das Mercês. 2001. P. 71



Erário Régio (alçado), José da Costa e Silva.

Fonte: FRANÇA, José-Augusto – *Monte Olivete minha aldeia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.
P. 22



Erário régio (Planta Térrea)

Fonte: FRANÇA, José-Augusto – *Monte Olivete minha aldeia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.
P. 23



Praça de Dom Pedro V ou Largo da Patriarcal Queimada. Planta de Filipe Folque, 1856-1858.
 Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>



Praça não ajardinada, 1861 (fotografia cedida por Benedito Costa).



Praça do Príncipe Real em 1873. (Gravura do Archivo Pittoresco).

Fonte: FIGUEIREDO, Paulo – *Mercês Lisboa, A Freguesia na História*. Lisboa: Junta de Freguesia das Mercês. 2001. P. 75



Praça do Rio de Janeiro. Reprodução de postal de 1940

Fonte: <http://olhares.sapo.pt/principe-real-reproducao-de-postal-de-1940-foto2087912.html>



Praça do Rio de Janeiro. Início do século XX

Fonte: <http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2008/05/praa-do-prncipe-real-i.html>



Praça do Rio de Janeiro, 1911. Lago com repuxo

. Fonte: <http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2008/05/praa-do-prncipe-real-i.html>



Os convidados no Jardim do Príncipe Real, s/d.

Fonte: <http://goo.gl/kayxwE>



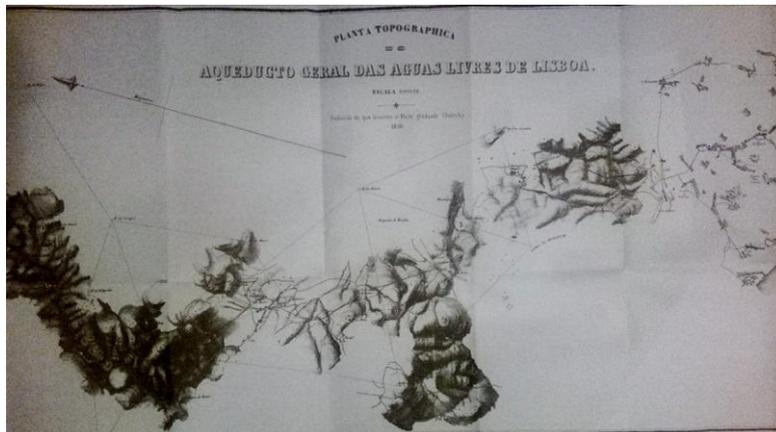
Lago do reservatório na actualidade.

Autor: Daniel Almeida.



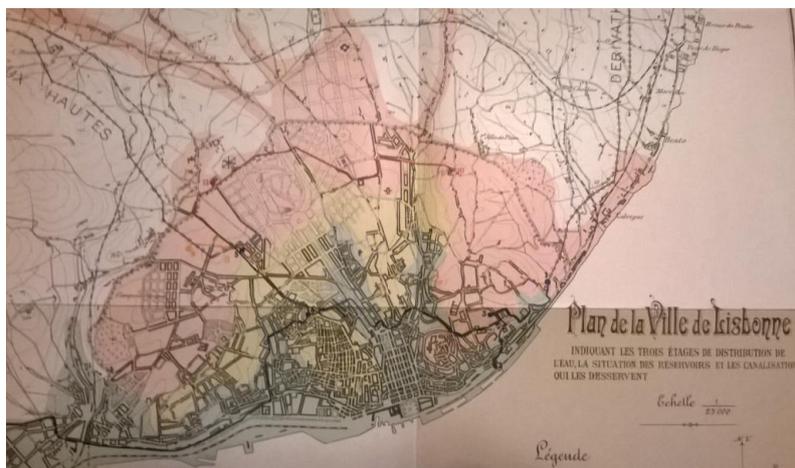
Praça do Príncipe Real. Cedro-do-buçaco.
Autor: Daniel Almeida

Anexo 49 – Segunda temática expositiva



Planta Topográfica do Aqueduto Geral das Águas Livres de Lisboa, 1856.

Fonte: Memoria sobre o Aqueduto Geral de Lisboa feita por ordem do Ministerio das Obras Publicas em Portaria de 15 de Fevereiro de 1856. Lisboa Imprensa Nacional, 1857.



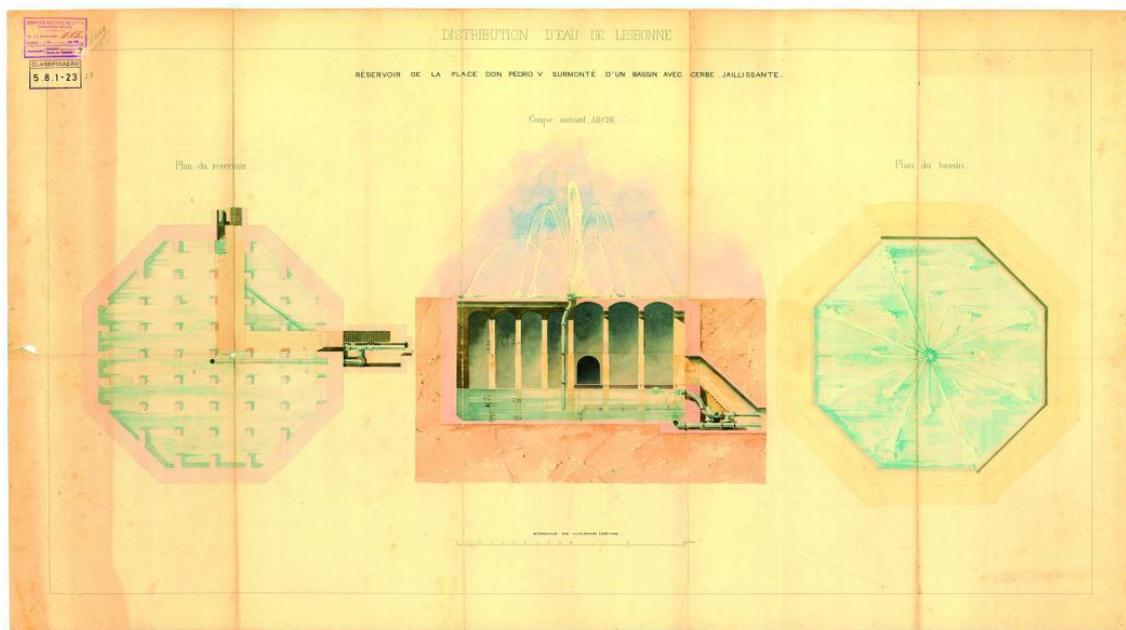
Plan de la Ville de Lisbonne indiquant les trois étages de distribution de l'eau, la situation des réservoirs et les canalisations qui les desservent.

Fonte: PORTUGAL. COMPAGNIE DES EAUX de LISBONNE – Notice sur l'alimentation de la ville de Lisbonne en eaux potables. Lisboa : Typographia Companhia Nacional Editora, 1900



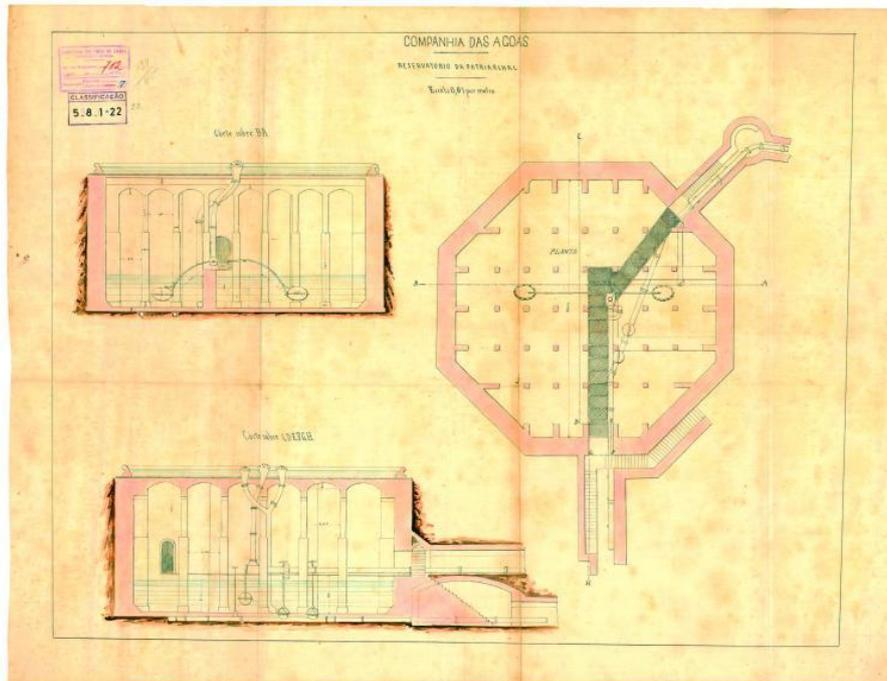
Planta Geral da Cidade de Lisboa s/d. (prov. 1868-1880). Indicação das Galerias do Aqueduto das Águas Livres em Lisboa.

Fonte: <http://goo.gl/91tD5s>

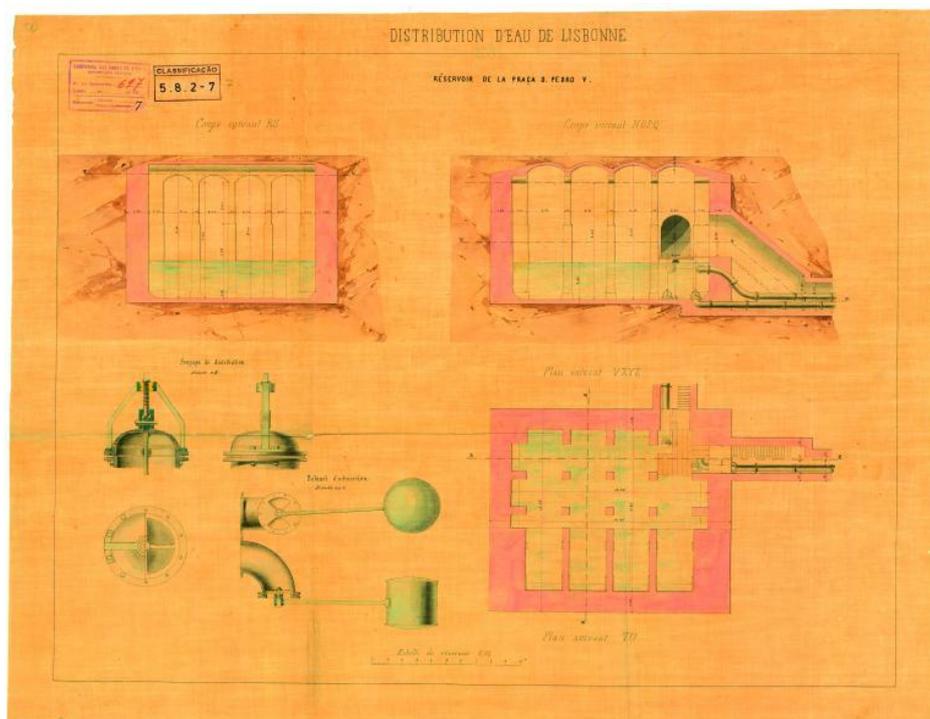


Desenho técnico do Reservatório, do lago e do repuxo. 1856? N°1.

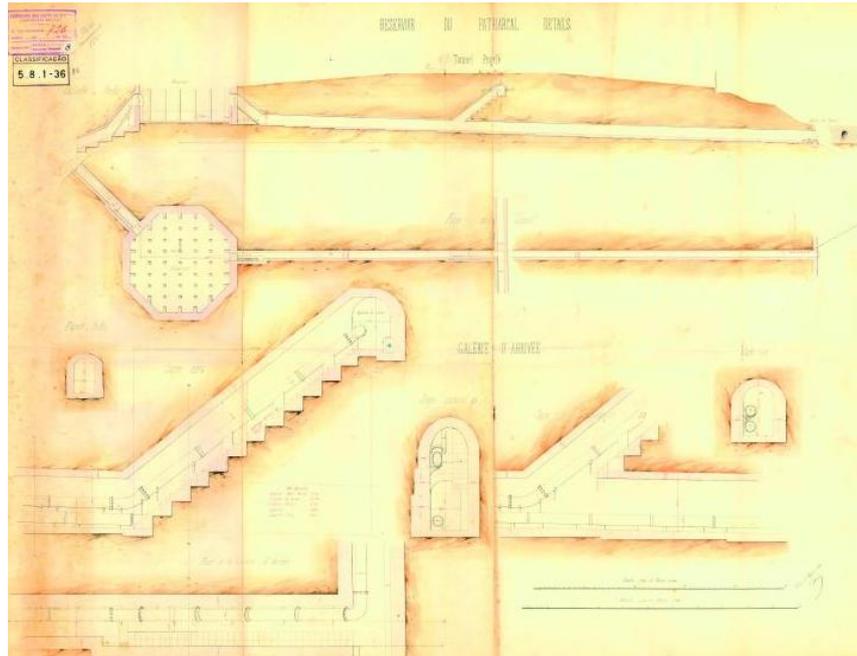
Fonte: <http://goo.gl/Uqu9M7>



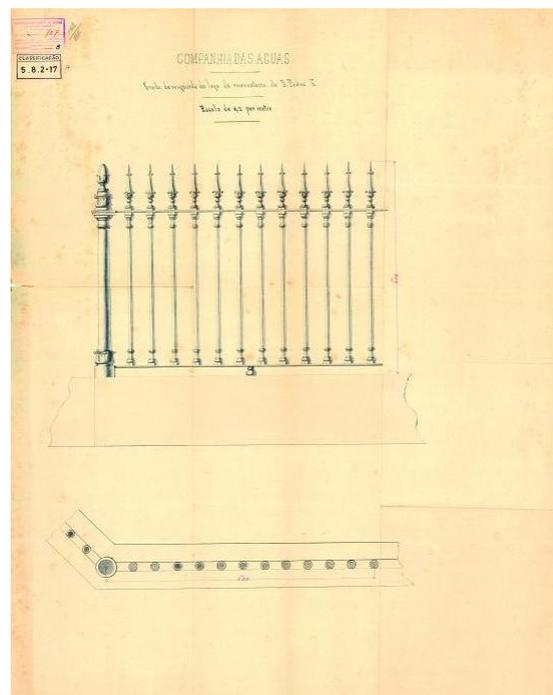
Desenho do reservatório, n.º 2.
Fonte: <http://goo.gl/3XP8PU>



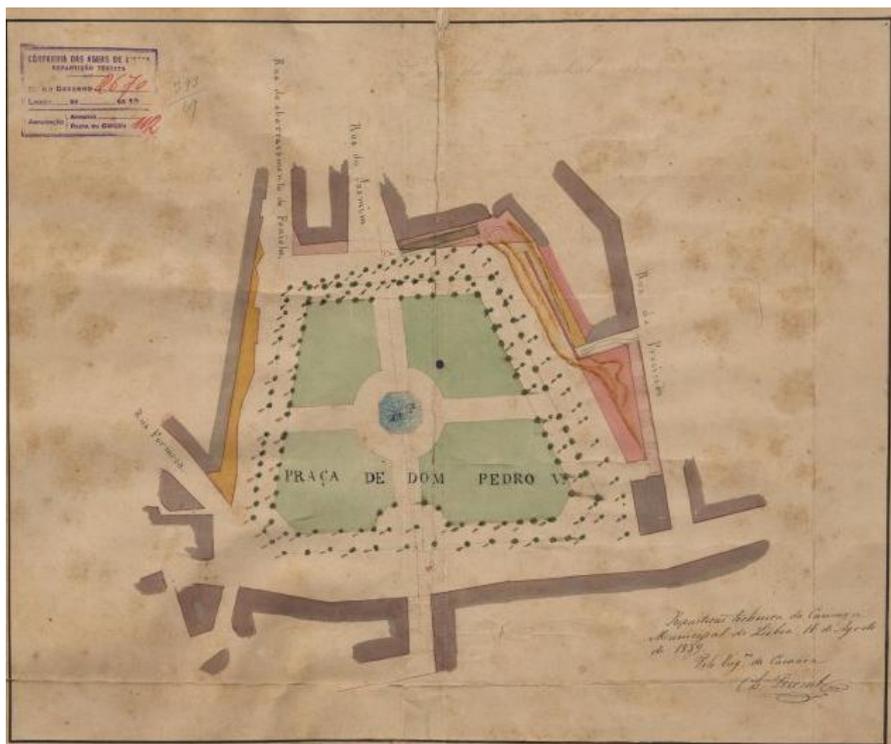
Desenho do reservatório, n.º 3
Fonte: <http://goo.gl/crTRwy>



Desenho do Reservatório da Patriarcal, detalhes das galerias e tubagens, nº4.
Fonte: <http://goo.gl/C9d03W>



Desenho da grade de resguardo do lago.
Fonte: <http://goo.gl/JNHqmK>



Planta da Praça D. Pedro V. Engenheiro Pézerat, 1859.

Fonte: <http://goo.gl/NZUMIQ>



Galeria do Loreto (A-C). Galeria da Patriarcal (B). Galeria do Século (D). Galeria da Praça da Alegria (E). Jardim de São Pedro de Alcântara (F).

Fonte: Desenhado a partir do Google Maps.



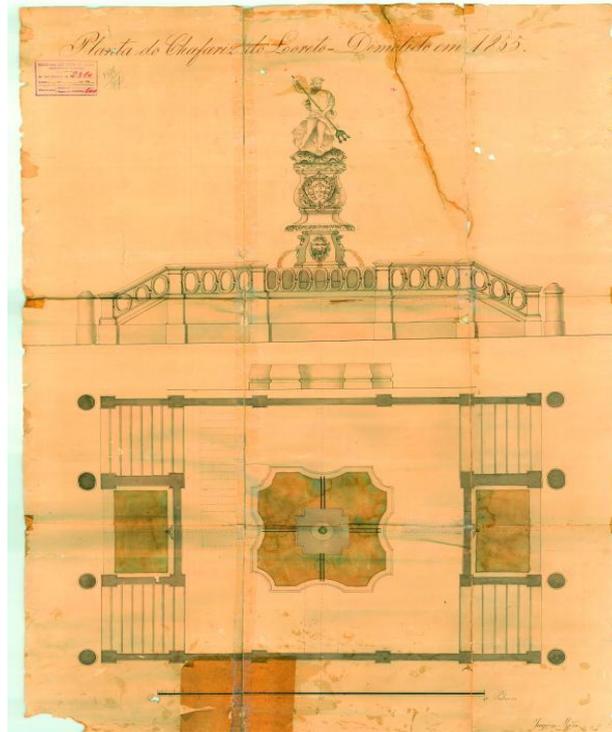
Duque de Palmela

Fonte: http://www.geneall.net/img/pessoas/pes_5434.jpg



Marquês de Pombal

Fonte: <http://www.instituto-camoes.pt/revista/images/rev15c.jpg>



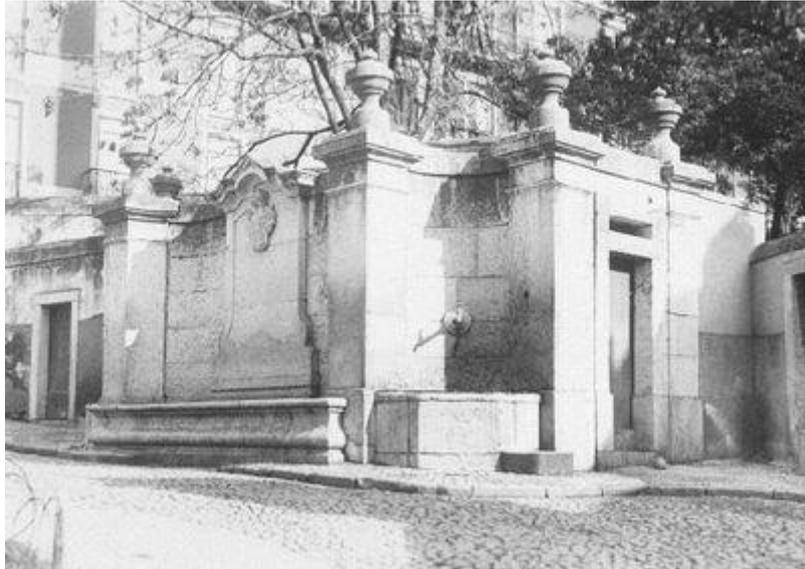
Planta do Chafariz do Loreto s/d.

Fonte: <http://goo.gl/f8EwkI>



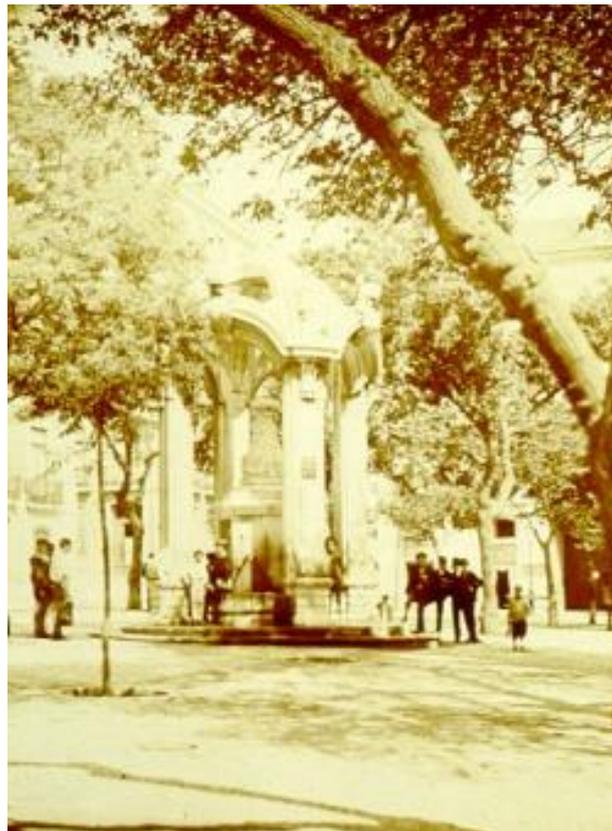
Desenho do Chafariz de Neptuno do Loreto, s/d.

Fonte: <http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2008/03/largo-do-chiado-i.html>



Chafariz do Monte Olivete

Fonte: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1433>



Chafariz do Largo do Carmo

Fonte: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=984>



Chafariz da Mãe d'Água

Fonte: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1325>



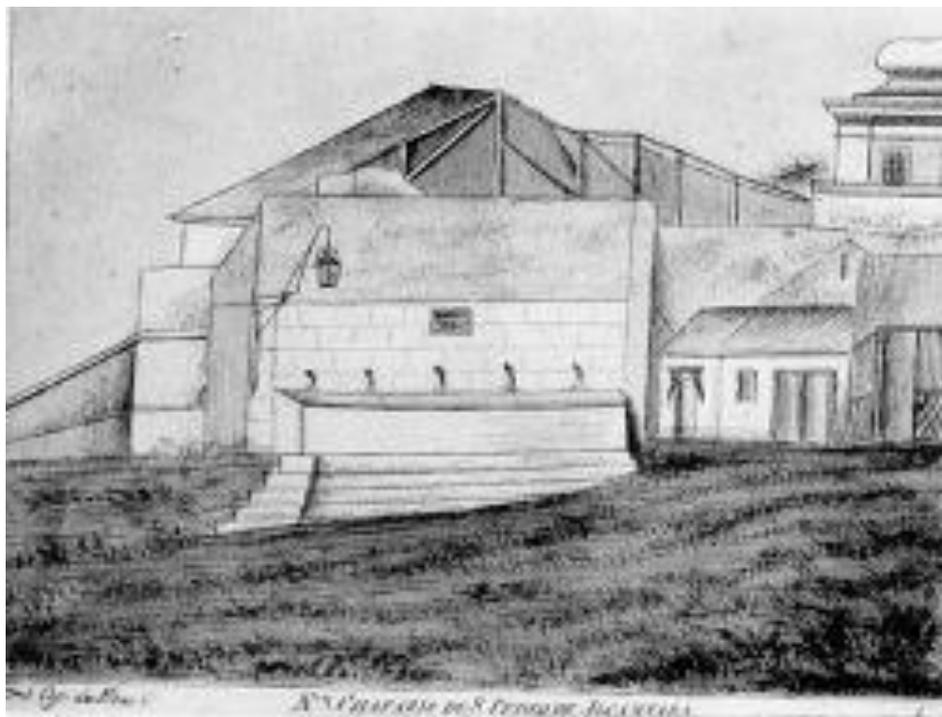
Chafariz do Século (antiga rua Formosa)

Fonte: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1201>



Chafariz de São Paulo

Fonte: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1365>



Chafariz de São Pedro de Alcântara

Fonte: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1200>

Anexo 50 – Biombo colocado para efeito experimental.



Autor: Daniel Almeida.

Documentação

ÁGUA É PATRIMÓNIO. [s.l.]: Sair da Casca, s.d.

Boletim informativo “Contador d’Água”, Junho de 2013.

CARDOSO, André; SABINO, João. Balanço do projecto, Arquivo e Biblioteca Históricas da EPAL. *Águas Livres*. Lisboa (Outubro de 2008).

CARVALHO, Rita Almeida de – Da Companhia das Águas de Lisboa à EPAL: o abastecimento de água à cidade de Lisboa. *Águas Livres*. (Abril de 2008).

Código Deontológico da Associação Portuguesa de Gestores do Património Cultural
<http://www.museusportugal.org/apgpc/>

CRUZ, Mário Pindo da – Mais material de interesse histórico. *Águas Livres*. Lisboa (Abril de 2009).

Declaração de Lisboa.

http://www.icom-portugal.org/documentos_dm,129,384,detalhe.aspx

Decreto n.º 5/2002, DR, 1.ª série-B, n.º 42 de 19 fevereiro 2002

Definição de Museu ICOM

http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx

Deliberação da Assembleia Geral da Companhia das Águas de Lisboa

<http://www.ebivgama.pt/MuseuAgua.html>

Folha Ordem de Serviço do Museu da Água da EPAL

Folhetos do Museu da Água da EPAL: Caminhos do Aqueduto, Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos, Reservatório da Patriarcal, Aqueduto das Águas Livres, Reservatório da Mãe d’Água.

GOMES, Daniel – Estagiário Daniel Gomes fala ao “AL”, À Conversa... *Águas Livres*. Lisboa (Julho de 2010).

HENRIQUES, Mariana Castro – Apresentação Pública do portal on-line, Arquivo histórico da EPAL. *Águas Livres*. Lisboa (junho de 2011).

HENRIQUES, Mariana Castro Inventário das peças da EPAL com carácter museológico. *Águas Livres*. Lisboa. (Novembro de 2009).

Lei-Quadro dos Museus Portugueses

http://www.imcip.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf

Mapas turísticos de Lisboa: Mapa Oficial de Lisboa, *Yellow Bus Official Sightseeing Tours*; e *City Sightseeing* Lisboa.

Missão da EPAL

<http://www.epal.pt/epal/Modelo1.aspx?src=Missao&area=276&menu=279>

Organograma da EPAL

<http://www.epal.pt/epal/organogr.aspx?area=276&sub=291&menu=2563>

Panfletos “Aqueduto Subterrâneo”, Mara Fava.

PINHEIRO, Sónia; SABINO, João – Balanço de 3 anos de actividade, Tratamento do Arquivo Histórico da EPAL. *Águas Livres*. Lisboa (Outubro de 2010).

Portaria n.º 1176/2010, DR, 2.ª série, n.º 248 de 14 dezembro 2010

PORTUGAL. COMPAGNIE DES EAUX de LISBONNE – Notice sur l'alimentation de la ville de Lisbonne en eaux potables. Lisboa : Typographia Companhia Nacional Editora, 1900.

RAMOS, Margarida Filipe. Dia Internacional e Noite dos Museus. *Águas Livres*. (Maio de 2013).

RAMOS, Margarida Filipe. Quem visitou o Museu da Água em 2012. *Águas Livres*. Lisboa (Janeiro 2013).

Relatório e Contas, EPAL,SA. 2012.

<http://www.epal.pt/epal/DownloadsImgPdf.aspx?src=RelatorioContaspub&area=283&sub=5611&menu=5611>

Regulamento do Arquivo Histórico.

<http://www.epal.pt/epal/pdfs/ah/RegulamentodoArquivoHistoricoEPAL.pdf>

Retrato de Lisboa 2011

<http://www.pordata.pt/Municipios/Retratos/2011/Retrato+de+Lisboa-1>

Bibliografia

ANDRADE, José Sergio Velloso (1851) – *Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes, e poços públicos de Lisboa, Belem, e muitos logares do termo*. Lisboa, Imprensa Silviana. Edição fac-similada: Lisboa, EPAL, 2008.

BRUNO, Bárbara; INÁCIO, Pedro. *Galerias Subterrâneas e Chafarizes Monumentais de Lisboa abastecidos pelo Aqueduto das Águas Livres*. [S.l.] EPAL, SA.2012.

CHELMICKI, José Carlos Conrado (1857) – *Memoria sobre o Aqueduto Geral de Lisboa, feita por ordem do Ministério das Obras Públicas em protaria de 15 de Fevereiro de 1856*. Lisboa. Edição fac-similada: Lisboa, EPAL, 2008.

DELICADO, Ana - *A Musealização da Ciência em Portugal*. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009.

DURAND, Guy - *Introduction générale à la bioéthique - Histoire, concepts et outils*. Paris: Éditions Fides, 1999.

FIGUEIREDO, Paulo – *Mercês Lisboa, A Freguesia na História*. Lisboa: Junta de Freguesia das Mercês. 2001.

FRANÇA, José-Augusto – *Monte Olivete minha aldeia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001

GARRIGÓS, Rosa Campillo – *La Gestión y el Gestor del Patrimonio Cultural*. 1ª ed. Murcia: Editorial KR, 1998.

GOB, André; DROUGUET, Noémie – *La muséologie. Histoire, développements et enjeux actuels*. Paris : Armand Colin Editeur, 2004.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart; e TRESSERAS, Jordi Juan i - *Gestión del patrimonio cultural*. 1ª ed. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 2001.

INÁCIO, Pedro – O MUSEU DA ÁGUA DA EPAL. In Museu da Água da EPAL – 1º Encontro Internacional sobre Património Industrial e sua Museologia. [s.l.] EPAL/GIC: 2000.

MENDES, José Amado – História, Memória e Cultura de Empresa. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Instituto da História Económica e Social da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, t. 35, (2002).

MENDES, José Amado – *O museu na comunidade: património, identidade e desenvolvimento*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa, 1999.

MIHAI, Mihaela – Memória. In CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS- Laboratório associado Universidade de Coimbra – Dicionário das Crises e das Alternativas. Coimbra: Edições Almedina, 2012.

NABAIS, António – EXPERIÊNCIAS E TENDÊNCIAS MUSEOLÓGICAS EM MUSEUS DE PATRIMÓNIO CULTURAL. In Museu da Água da EPAL -1º Encontro Internacional sobre Património Industrial e sua Museologia. [S.l.]: EPAL/GIC, 2000.

PAVÃO, Luís; RAMOS, Paulo Oliveira – *140 anos 140 imagens*. 1ªed. [S.l.]: EPAL S.A. 2008.

PESSOA, Fernando – *What the tourist should see*.
<http://lisbon.pessoa.free.fr/InteractiveBook.php>

PINTO, José Marcelo Sanches Mendes. *Reconversão e Musealização de Espaços Industriais*. 1ª ed. [S.l.] : Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2003.

RAMOS, Margarida Filipe - *Bem público valor público, a educação para os valores ambientais no Museu da Água da EPAL*. 1ª ed. Cascais: Príncípa, 2013.

RAMOS, Paulo Oliveira – *EPAL : Iconografia Histórica = EPAL: Historical Iconography*. Lisboa: EPAL, 2007/2008.

RAMOS, Paulo Oliveira - *O Projecto de Louis-Charles Mary para distribuição de água na cidade de Lisboa, 1856*. 1ª ed. Lisboa, EPAL: 2011.

Infografias

Alçado do Erário Régio s/d., José da Costa Silva. Retirado de FRANÇA, José-Augusto – *Monte Olivete minha aldeia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001. P. 22.

Antiga Casa das Caldeiras

<http://goo.gl/5149jH>

Aplicação móvel para smartphone *Photobeamer*

<http://www.youtube.com/watch?v=1C7Jv1TvFwM>

Blogspot do Museu da Água da EPAL

<http://museudaagua.blogspot.pt/>

Casa do Registo, retirado de BRUNO, Bárbara; INÁCIO, Pedro. *Galerias Subterrâneas e Chafarizes monumentais de Lisboa abastecidos pelo Aqueduto das Águas Livres*. [S.l.] EPAL, SA.2012. P.26.

Chafariz do Monte Olivete

<http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1433>

Chafariz do Largo do Carmo

<http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=984>

Chafariz da Mãe d'Água

<http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1325>

Chafariz do Século

<http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1201>

Chafariz de São Paulo

<http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1365>

Chafariz de São Pedro de Alcântara

<http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1200>

Desenho do Chafariz de Neptuno do Loreto, s/d.

<http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2008/03/largo-do-chiado-i.html>

Desenho da grade de resguardo do lago.

<http://goo.gl/JNHqmK>

Desenhos técnicos do Reservatório da Patriarcal nº 1, 2, 3 e 4.

<http://goo.gl/Uqu9M7>

<http://goo.gl/3XP8PU>

<http://goo.gl/crTRwy>

<http://goo.gl/C9d03W>

Fotografia: “Os convidados no Jardim do Príncipe Real”, s/d.

<http://goo.gl/kayxwE>

Fotografia da Praça não ajardinada, 1861. Autor desconhecido.

Imagem do Duque de Palmela

http://www.geneall.net/img/pessoas/pes_5434.jpg

Imagem do Marquês de Pombal

<http://www.instituto-camoes.pt/revista/images/rev15c.jpg>

Mapa do século XVI representando o Alto dos Moinhos, Estrada de Campolide e Alto da Cotovia. Retirado de FIGUEIREDO, Paulo – *Mercês Lisboa, A Freguesia na História*. Lisboa: Junta de Freguesia das Mercês. 2001. P.67.

Mapa com representação dos quatro núcleos do Museu da Água da EPAL.

<http://goo.gl/bAevXV>

Mapa com a indicação da Galeria do Loreto, Galeria do Século e Galeria da Praça da Alegria.

<http://goo.gl/QDqCma>

Mapa com o percurso proposto para abertura (Galeria do Loreto).

<http://goo.gl/QDqCma>

“O Incêndio da Patriarcal”, gravura de Joaquim Manuel Rocha.

Página *web* dedicada ao AHEPAL e biblioteca da EPAL

<http://www.epal.pt/epal/Modelo1.aspx?src=arqbiblio&area=5674&sub=5675&menu=5675>

Página *web* da APOREM – Associação Portuguesa de Empresas e Museus

<http://www.dillmuli.feek.pt/hu/dillport/aporem.htm>

Planta Têrrea do Erário Régio, retirado de FRANÇA, José-Augusto – *Monte Olivete minha aldeia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001. P. 23.

Planta de Lisboa, Praça de Dom Pedro V ou Largo da Patriarcal Queimada, Filipe Folque. 1856-1858.

<http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>

Planta de Lisboa, s/d. Indicação da disposição dos reservatórios, canalizações de ferro e de pedra e chafarizes, Litografia da Imprensa Nacional.

Planta de Lisboa, Companhia das Águas, 1860.

<http://goo.gl/Is3LPO>

Planta Geral da Cidade de Lisboa s/d. (prov. 1868-1880).

<http://goo.gl/91tD5s>

Planta da Praça D. Pedro V. Pézerat, 1859.

<http://goo.gl/NZUMIQ>

Planta Topográfica do Aqueduto Geral das Águas Livres de Lisboa, 1856, em Memória sobre o Aqueducto Geral de Lisboa feita por ordem do Ministerio das Obras Publicas em Portaria de 15 de Fevereiro de 1856. Lisboa Imprensa Nacional, 1857.

Plan de la Ville de Lisbonne indiquant les trois étages de distribution de l'eau, la situation des réservoirs et les canalisations qui les desservent. 1900, em PORTUGAL. COMPAGNIE DES EAUX de LISBONNE – Notice sur l'alimentation de la ville de Lisbonne en eaux potables. Lisboa : Typographia Companhia Nacional Editora, 1900.

Planta do Chafariz do Loreto, s/d.

<http://goo.gl/f8EwkI>

Postal de 1940, Príncipe Real.

<http://olhares.sapo.pt/principe-real-reproducao-de-postal-de-1940-foto2087912.html>

Portal de pesquisa *online* do Arquivo Histórico da EPAL

<http://www.epal.pt/ahopal.html>

Praça do Príncipe Real, 1873. Gravura do Archivo Pittoresco.

Praça do Rio de Janeiro, início do século XX

<http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2008/05/praa-do-prncipe-real-i.html>

Praça do Rio de Janeiro (1911). Lago com repuxo

<http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2008/05/praa-do-prncipe-real-i.html>

Projecto SOS Azulejo

<http://www.sosazulejo.com/>

Rede de chafarizes, retirado de BRUNO, Bárbara; INÁCIO, Pedro. Galerias Subterrâneas e Chafarizes monumentais de Lisboa abastecidos pelo Aqueduto das Águas Livres. [S.l.] EPAL, SA.2012. P. 30

UP Magazine, revista de bordo da TAP Portugal

http://upmagazine-tap.com/pt_artigos/lisboa-10x10/

Vídeo Institucional da EPAL

<http://www.epal.pt/mme/show/>

Videoclip da banda Limp Bizkit filmado no Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras

<http://www.youtube.com/watch?v=qex0OjXolz>

Website da Rede Portuguesa de Museus

<http://www.imc-ip.pt/pt-PT/rpm/ContentDetail.aspx>

Website The European Network of Science Centres and Museums
<http://www.ecsite.eu/about>

Website do Museu da Água da EPAL em manutenção
<http://museudaagua.epal.pt/>

Website do Chafariz do Vinho
<http://www.chafarizdovinho.com/index.htm>

Website do Serviço Pedagógico Águas Livres
<http://www.servicoaguaslivres.com/>

Índice de anexos

Anexo 1 – Ruínas da Barragem Romana	69
Anexo 2 - Aqueduto das Águas Livres	69
Anexo 3 – Entrada por Monsanto.....	69
Anexo 4 - Reservatório da Mãe d’Água das Amoreiras	70
Anexo 5 – Reservatório da Patriarcal	70
Anexo 6 – Galeria do Loreto.....	70
Anexo 7 – Estação Elevatória a Vapor dos Barbadinhos.....	71
Anexo 8 – Rede de chafarizes	72
Anexo 9 - Nascente da Mãe d’Água Velha (interior).....	73
Anexo 10 – Localização dos quatro núcleos museológicos.....	74
Anexo 11 – Exposição permanente	74
Anexo 12 – Antiga Casa das Caldeiras.....	76
Anexo 13 – Hall de entrada.....	77
Anexo 14 – Objectos espalhados pelo recinto dos Barbadinhos.....	78
Anexo 15 – Estação Eléctrica dos Barbadinhos	79
Anexo 16 – Entrada para o Aqueduto.....	80
Anexo 17 – Arquivo Técnico e Administrativo.....	80
Anexo 18 – Gavetas com desenhos técnicos.....	81
Anexo 19 – Arquivo fotográfico.....	81
Anexo 20 – Biblioteca da EPAL	82
Anexo 21 – Portal de pesquisa <i>online</i> do AHEPAL.....	83
Anexo 22 – Doações de material.....	84
Anexo 23 – Iconografia Histórica. Vol. I e II	86
Anexo 24 – Obras fac-similadas.....	86
Anexo 25 – Obra com fotografias	86
Anexo 26 – Projecto sobre a nova distribuição de água	87
Anexo 27 – Obra editada.....	87
Anexo 28 - Organograma da EPAL.....	88
Anexo 29 – Contador d’Água.....	88
Anexo 30 – Produtos de <i>merchandising</i>	89
Anexo 31 – Contador Bastos.....	89
Anexo 32 – Sala de exposições temporárias	90

Anexo 33 – Casa do Registo	90
Anexo 34 – Últimos metros do Aqueduto.....	91
Anexo 35 – Porta de entrada para a galeria subterrânea	92
Anexo 36 – Porta de saída para o Largo do Teatro São Carlos.....	93
Anexo 37 – Pia do Penalva	94
Anexo 38 – Aqueduto da Praça da Alegria	94
Anexo 39 – Galeria do Século.....	95
Anexo 40 – Continuação do Aqueduto do Loreto.....	96
Anexo 41 – Panfleto do projecto experimental “Aqueduto Subterrâneo”	97
Anexo 42 - Biombo.....	98
Anexo 43 – Normas de segurança.	98
Anexo 44 – Fundo do Reservatório da Patriarcal.	99
Anexo 45 – Exterior do Reservatório	99
Anexo 46 – Troço chafariz do Rato (Largo do Rato) - Patriarcal	102
Anexo 47 – Percurso entre o Jardim de São Pedro de Alcântara e o Largo do Teatro São Carlos... ..	103
Anexo 48 – Primeira temática expositiva.	104
Anexo 49 – Segunda temática expositiva	109
Anexo 50 – Biombo colocado para efeito experimental.....	121